



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

TALITA DANTAS PINTO

A VARIAÇÃO DA CONCORDÂNCIA VERBAL
COM A PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL *NÓS* E *A GENTE*
NO PORTUGUÊS FALADO EM FORTALEZA - CEARÁ

FORTALEZA

2024

TALITA DANTAS PINTO

A VARIAÇÃO DA CONCORDÂNCIA VERBAL
COM A PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL *NÓS* E *A GENTE*
NO PORTUGUÊS FALADO EM FORTALEZA - CEARÁ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Hebe Macedo de Carvalho.

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- P732v Pinto, Talita Dantas.
A variação da concordância verbal com a primeira pessoa do plural nós e a gente no português falado em Fortaleza - Ceará / Talita Dantas Pinto. – 2024.
135 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2024.
Orientação: Profa. Dra. Hebe Macedo de Carvalho.
1. Sociolinguística variacionista. 2. concordância verbal. 3. primeira pessoa do plural . 4. fala popular de Fortaleza. I. Título.

CDD 410

TALITA DANTAS PINTO

A VARIAÇÃO DA CONCORDÂNCIA VERBAL
COM A PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL *NÓS* E *A GENTE*
NO PORTUGUÊS FALADO EM FORTALEZA - CEARÁ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PPGL/UFC), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em: 01/08/2024

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Hebe Macedo de Carvalho (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará – UFC

Professor Doutor Valdecy de Oliveira Pontes
Universidade Federal do Ceará – UFC

Professor Doutor Fábio Fernandes Torres
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afrobrasileira – UNILAB

A Deus.

À minha família, que é minha base e meu porto seguro.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que até aqui me sustentou, que é Senhor, Misericordioso e que tanto nos ama.

À minha família, que sempre me apoia e me incentiva, em especial à minha mãe, Mazé, e minha irmã caçula, Talissa, por todo seu amor, por serem a minha melhor rede de apoio, por cuidarem tão bem de mim e do *serumaninho* mais precioso das nossas vidas, a Lara. Sem o apoio de vocês, eu não teria conseguido. A vocês, minha eterna gratidão!

À minha filha Lara, meu grande amor, que é tão doce, tão linda, tão perfeita! Com você, filha, sinto-me ainda mais forte e imparável. Tudo por você!

Ao meu marido, Werlayne Stuart, por ser incentivo e exemplo de dedicação e disciplina na vida acadêmica, por ser meu impulsionador, meu parceiro, meu amigo e meu amor. Obrigada por tudo, Amor!

Aos meus professores da Educação Básica, em especial aos da EEMTI Professor Paulo Freire, os quais são minhas referências de profissionais e que sempre me encorajaram a seguir este caminho, especialmente à minha eterna professora de Língua Portuguesa e amiga, Vanderléa Cavalcanti, para a qual eu não canso de dizer que “quando crescer” quero ser na vida de pelo menos um aluno meu o que ela representa para mim. Vanderléa, você é a minha referência de docente e servidora pública, é minha inspiração!

À minha querida e estimada orientadora, Profª. Dra. Hebe Macedo de Carvalho, por ter sido tão paciente e compreensiva ao longo desta jornada, a qual incluiu desde a minha aprovação em concurso público à minha licença maternidade. Professora Hebe, muito obrigada pelas valiosas orientações, pelo incentivo, compreensão, paciência e respeito de sempre!

Ao Professor Dr. Fábio Fernandes Torres pela leitura atenta e cuidadosa, por suas valiosas contribuições na banca de qualificação, na banca da disciplina de Seminários Linguísticos e na banca de defesa. Professor Fábio, muito obrigada por ter aceitado, gentilmente, participar desses momentos tão importantes da minha vida acadêmica!

Ao Professor Dr. Valdecy de Oliveira Pontes pela participação na banca de defesa, por todo cuidado, respeito e atenção em suas observações e contribuições à versão final deste trabalho. Obrigada, Professor Valdecy, obrigada por ser inspiração desde a minha graduação, por todo incentivo e confiança transmitidos a mim!

Aos meus amigos da UFC, Ana Gabriela, Aline Kécia, Mariana Freire, Kelmy Camurça, Maylle Lima, Matheus Lima, Rayssa Sales, os quais são meus presentes da vida acadêmica, meus mais sinceros agradecimentos por todo apoio, carinho e amizade ao longo desta jornada!

À Kelmy Camurça, meu maior presente do mestrado, muitíssimo obrigada, minha

amiga! Obrigada pela parceria, pelas trocas, por me ouvir, por me apoiar, por me incentivar, sobretudo, por tua amizade! Obrigada por todas as bênçãos que você tem proferido sobre minha vida! Tua amizade é valiosa para mim!

À Aline Kécia, pela parceria desde a graduação, pelo incentivo ao meu ingresso no mestrado, por todo apoio ao longo desta jornada, por sua amizade. Amiga, muito obrigada! Tua amizade é valiosa para mim!

À Mariana Freire, pela parceria e amizade desde a graduação, por ser inspiração, por todo apoio nos “surtos diários”, durante as matrículas, provas das disciplinas e seminários. Amiga, muito obrigada por tua amizade! Tua amizade é valiosa para mim!

À Maylle Freitas, primeiramente pela amizade que construímos ao longo do mestrado e pela valiosíssima ajuda com suas consultorias, sobretudo com a parte estatística dos dados, mesmo a distância, com reuniões de São Paulo a Fortaleza, meu muito obrigada! Você foi essencial nesta jornada! Sem tua ajuda, eu não teria conseguido. Obrigada por me incentivar, por ser calma e inspiração! Tua amizade é valiosa para mim!

Ao Matheus Lima, amigo que o mestrado me deu. Obrigada pelo incentivo ao longo do curso, pelas trocas nos períodos em que prestamos concurso público e por toda a torcida de sempre. Obrigada, amigo! Tua amizade é valiosa para mim!

Aos meus amigos e colegas de profissão do IFCE, Alex Cabral, Janieyre Abreu, Johnny Rocha e Leonardo Barros, meus mais sinceros agradecimentos por todo apoio, incentivo, cuidado, carinho e amizade! Vocês me confirmam, todos os dias, que a vida está para além do Lattes e suas vaidades. Ter ingressado no serviço público e encontrado vocês, foi um dos presentes mais lindos que a vida me proporcionou. A amizade que construímos dia a dia é valiosa para mim! Amo vocês!

Às políticas públicas que me permitiram o acesso à educação pública, gratuita e de qualidade desde a Educação Infantil à Pós-graduação, minha eterna gratidão! Minha missão será retribuir todo investimento destinado a mim às futuras gerações de estudantes.

Por último e não menos importante, à Talitinha de cinco anos de idade, que dizia que queria ser professora e que teve o primeiro apoio e incentivo vindos de seus pais - os quais sequer conseguiram concluir o Ensino Fundamental por falta de oportunidades - meu mais profundo e sincero agradecimento! Obrigada por não desistir, menina! “Olha *aonde nós chegou*, valeu a pena esperar. Ontem eram apenas sonhos, hoje, podemos desfrutar”.

É importante que nós, educadores, tenhamos em mente que o português não padrão é diferente do português padrão, mas igualmente lógico, bem estruturado e que ele acompanha as tendências naturais da língua, quando não refreada pela educação formal. (Bagno, 2001).

RESUMO

Esta pesquisa investiga a variação na concordância verbal (CV) com 1ª pessoa do plural (1PP) na fala popular de Fortaleza - Ceará, à luz dos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (Weinreich; Labov; Herzog, [1968] 2006) e Labov ([1972] 2008). Para tal, considera pesquisas recentes sobre o fenômeno investigado (Naro, Scherre e Yacovenco 2018a, 2018b; Carvalho, Freitas e Favacho, 2020; Freitas, Rodrigues e Santos 2021; Carvalho e Santos, 2023). A partir disso, descreve e analisa os fatores linguísticos e sociais que influenciam o uso das variantes com marcas de CV padrão (*Nós ficamos/A gente fica*) e sem marcas de CV padrão, (*Nós fica/A gente ficamos*). A amostra é constituída por 85 informantes e considerou os inquéritos do tipo DID (Diálogo entre Informante e Documentador) do Projeto Norma Oral Popular de Fortaleza – CE (NORPOFOR). Os informantes foram estratificados conforme o *sexo* (a: homens e b: mulheres), a *faixa etária* (Faixa etária I: 15 a 25; Faixa etária II: 26 a 49 e Faixa etária III: mais de 50 anos) e a *escolaridade* (a: 0-4; b: 5-8; c: 9-11 anos). Os procedimentos metodológicos foram: coleta, codificação e análise quantitativo-qualitativa de dados, por meio do programa estatístico R (R Core Team, 2020). Como variáveis linguísticas, controlou a *explicitude do sujeito*, o *tempo e tipo de paradigma verbal no modo indicativo* e a *determinação do referente*. No total, localizou 3.463 dados do fenômeno em estudo. Desse total, 2.607 ocorrências são de *a gente* [Ø] (*A gente ficou* [75,28%]), 61 são de *a gente* com *-mos* (*A gente ficamos* [1,76%]), 670 ocorrências são de *nós* com *-mos* (*Nós ficamos* [19,35%]) e 125 são de *nós* sem *-mos* (*Nós ficou* [3,61%]). Dado baixo número de dados sem a CV padrão, a análise passou a ser binária. O número de dados passou a 3.277, em que *a gente* com CV padrão predomina (79,55%) em detrimento de *nós* com CV padrão (20,45%). A *determinação do referente* apontou que *a gente* é mais usado tanto para referência genérica (81,63%) quanto para referência específica (76,93%), a *explicitude do sujeito* evidenciou que *a gente* é preferida para o sujeito explícito (80,27%) e o *tempo e tipo de paradigma verbal no modo indicativo* revelou que o presente com morfologia igual ao pretérito (*nós chegamos/a gente chega*) está mais associado ao *a gente* (88,87%). O presente diferente do pretérito (*nós temos/a gente tem*) está mais associado ao *a gente* (75,38%). O pretérito com morfologia igual ao presente (*nós chegamos/a gente chegou*) indicou equilíbrio entre as duas formas *nós* (41,89%) e *a gente* (58,11%). O pretérito diferente do presente (*nós fomos/a gente foi*) favorece *a gente* (60%) em detrimento de *nós* (40%) e o pretérito imperfeito (*nós falávamos/a gente falava*) favorece *a gente* [Ø] (85,77%). Os resultados demonstram que os jovens (15 a 25 anos), com mais escolaridade (9 a 11 anos) e as mulheres (85,11%) favorecem o uso de *a gente* [Ø] na amostra.

Palavras-chave: Sociolinguística variacionista; concordância verbal; primeira pessoa do plural; fala popular de Fortaleza.

RESUMEN

Esta investigación analiza la variación en la concordancia verbal (CV) con la primera persona de plural (1PP) en el habla popular de Fortaleza— a la luz de los supuestos de la Teoría de la Variación y el Cambio Lingüístico (Weinreich; Labov; Herzog, [1968] 2006) y Labov ([1972] 2008). Para ello, considera investigaciones recientes sobre el fenómeno investigado (Naro, Scherre y Yacovenco 2018a, 2018b; Carvalho, Freitas y Favacho, 2020; Freitas, Rodrigues y Santos 2021; Carvalho y Santos, 2023). A partir de esto, describe y analiza los factores lingüísticos y sociales que influyen en el uso de las variantes con marcas de CV estándar (*Nós ficamos/A gente fica*) y sin marcas de CV estándar (*Nós fica/A gente ficamos*). La muestra está compuesta por 85 informantes y considera los cuestionarios del tipo DID (Diálogo entre Informante y Documentador) del Proyecto Norma Oral Popular de Fortaleza – CE (NORPOFOR). Los informantes han sido estratificados según el *sexo* (a: hombres y b: mujeres), el *grupo de edad* (Grupo de edad I: 15 a 25; Grupo de edad II: 26 a 49 y Grupo de edad III: más de 50 años) y la *escolaridad* (a: 0-4; b: 5-8; c: 9-11 años). Los procedimientos metodológicos fueron: recopilación, codificación y análisis cuantitativo-cualitativo de datos, mediante el programa estadístico R (R Core Team, 2020). Como variables lingüísticas, se controló la *explicitud del sujeto*, el *tiempo* y *tipo de paradigma verbal en el modo indicativo* y la *determinación del referente*. En total, se localizaron 3.463 datos del fenómeno en estudio. De este total, 2.607 ocurrencias son de *a gente* [Ø] (*A gente ficou* [75,28%]), 61 son de *a gente* con *-mos* (*A gente ficamos* [1,76%]), 670 ocurrencias son de *nós* con *-mos* (*Nós ficamos* [19,35%]) y 125 son de *nós* sin *-mos* (*Nós ficou* [3,61%]). Dado el bajo número de datos sin la CV estándar, el análisis pasó a ser binario. El número de datos pasó a ser 3.277, en que *a gente* con CV estándar predomina (79,55%) en detrimento de *nós* con CV estándar (20,45%). La *determinación del referente* indicó que *a gente* se usa más tanto para *referencia genérica* (81,63%) como para *referencia específica* (76,93%), la *explicitud del sujeto* evidenció que *a gente* es preferida para el *sujeto explícito* (80,27%) y el *tiempo* y *tipo de paradigma verbal en el modo indicativo* reveló que el *presente con morfología igual al pretérito* (*nós chegamos/a gente chega*) está más asociado a *a gente* (88,87%). El *presente diferente del pretérito* (*nós temos/a gente tem*) está más asociado a *a gente* (75,38%). El *pretérito con morfología igual al presente* (*nós chegamos/a gente chegou*) indicó equilibrio entre las dos formas *nós* (41,89%) y *a gente* (58,11%). El *pretérito diferente del presente* (*nós fomos/a gente foi*) favorece a *a gente* (60%) en detrimento de *nós* (40%) y el *pretérito imperfecto* (*nós falávamos/a gente falava*) favorece a *a gente* [Ø] (85,77%). Los resultados muestran que los jóvenes (15 a 25 años), con más escolaridad (9 a 11 años) y las mujeres (85,11%) favorecen el uso de *a gente* [Ø] en la muestra.

Palabras clave: Sociolingüística variacionista; concordancia verbal; primera persona del plural; habla popular de Fortaleza.

ABSTRACT

This research investigates verbal agreement (VA) variation in the first person of plural form (1PP) in popular speech in the city of Fortaleza - Ceará grounded on the Linguistic Variation and Change Theory (Weinreich; Labov; Herzog, [1968] 2006) and Labov ([1972] 2008). For this purpose, it reckons recent research on the investigated phenomenon (Naro, Scherre e Yacovenco 2018a, 2018b; Carvalho, Freitas e Favacho, 2020; Freitas, Rodrigues e Santos 2021; Carvalho e Santos, 2023). From that, it describes and analyzes linguistic and social factors which influences the use of variants marked (*Nós ficamos/A gente fica*) and the ones not marked (*Nós fica/A gente ficamos*) by the standard CV. The sample is composed by 85 informants and has considered DID-like inquiries (Dialogue between Informant and Documenter) of the Project The Popular Oral Normal of Fortaleza - CE (NORPOFOR). Informants were stratified according to sex (a: men and b: women), age group (age group I: 15 to 25; age group II: 26 to 49 and age group III: over 50 years), and education level (a: 0-4; b: 5-8; c: 9-11 years). Methodological procedures were: collection, codification, and quantitative-qualitative data analysis through the R statistics program (R Core Team, 2020). As linguistics variables, it controlled the *subject explicitness*, *tense and verbal paradigm type in the indicative mood*, and *referent determination*. Overall, it found 3463 data regarding the phenomenon in question. Of this total, 2.607 instances are *a gente* [Ø] (*A gente ficou* [75,28%]), 61 are *a gente* with *-mos* (*A gente ficamos* [1,76%]), 670 occurrences of *nós* with *-mos* (*Nós ficamos* [19,35%]), and 125 are *nós* without *-mos* (*Nós ficou* [3,61%]). Given the low number of data without the standard CV, the analysis became binary. The number of data came to be 3.277, in which *a gente* without the standard CV stands out (79,55%) compared to *nós* with the standard CV (20,45%). The *referent determination* pointed out that *a gente* is more used for both generic (81,63%) and specific reference (76,93%), the *subject explicitness* highlighted that *a gente* is preferred for explicit subject (80,27%), and the *tense and verbal paradigm type in the indicative mood* showed that the present with the same morphology as the past (*nós chegamos/a gente chega*) is more associated to *a gente* (88,87%). The present different from the past (*nós temos/a gente tem*) is more associated to *a gente* (75,38%). The past with the same morphology as the present (*nós chegamos/a gente chegou*) indicated balance between both forms *nós* (41,89%) and *a gente* (58,11%). The past different from the present (*nós fomos/a gente foi*) favors *a gente* (60%) in relation to *nós* (40%), and the imperfect tense (*nós falávamos/a gente falava*) favors *a gente* [Ø] (85,77%). Results show that the youth (15 to 25 years), with higher level of education (9 to 11 years), and women (85,11%) favors the use of *a gente* [Ø] in the sample.

Keywords: variationist sociolinguistics; verbal agreement; first person of plural; popular speech of Fortaleza.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Proporção Nós x A gente – Dados quaternários - NORPORFOR – DID (N= 3463)	83
Gráfico 2 – Proporção Nós x A gente – Dados binários - NORPORFOR – DID (N= 3277)	85
Gráfico 3 – Proporção Nós x A gente – por SEXO – NORPOFOR – DID (N= 3277)	87
Gráfico 4 – Proporção Nós x A gente – por SEXO – NORPOFOR – DID (N= 3277)	88
Gráfico 5 – Proporção Nós x A gente – ESCOLARIDADE – NORPOFOR – DID (N= 3277)	90
Gráfico 6 – Proporção Nós x A gente por referência – Genérica x Específica – NORPOFOR – DID (N=3277)	92
Gráfico 7 – Proporção Nós x A gente por explicitude do sujeito - NORPOFOR – DID	94
Gráfico 8 – Proporção Nós x A gente por tempo e tipo de paradigma – NORPOFOR – DID (N= 2993)	96
Gráfico 9 – Probabilidade de uso de <i>a gente</i> sem <i>-mos</i> por <i>Explicitude do sujeito ...</i>	103
Gráfico 10– Probabilidade do uso de <i>a gente</i> sem <i>-mos</i> por <i>Determinação do referente</i>	104
Gráfico 11– Probabilidade do uso de <i>a gente</i> sem <i>-mos</i> por tempo e tipo de paradigma no modo indicativo	105

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Distribuição dos informantes do NORPOFOR	58
Quadro 2 – Divisão das variáveis sociais e detalhamento dos informantes do sexo feminino – NORPOFOR	130
Quadro 3 – Divisão das variáveis sociais e detalhamento dos informantes do sexo masculino-NORPOFOR	133

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Distribuição dos informantes por células sociais: amostra desta pesquisa ..	60
Tabela 2 –	Proporção <i>Nós</i> x <i>A gente</i> na função de sujeito em contexto de concordância verbal – Dados quaternários - NORPORFOR – DID (N = 3463)	83
Tabela 3 –	Proporção <i>Nós</i> x <i>A gente</i> na função de sujeito em contexto de concordância verbal – Dados binários - NORPORFOR – DID (N = 3277)	85
Tabela 4 –	Proporção <i>Nós</i> x <i>A gente</i> na função de sujeito em contexto de concordância verbal – por SEXO – NORPOFOR – DID (N= 3277)	87
Tabela 5 –	Proporção <i>Nós</i> x <i>A gente</i> na função de sujeito em contexto de concordância verbal – por FAIXA ETÁRIA – NORPOFOR – DID (N = 3277)	89
Tabela 6 –	Proporção <i>Nós</i> x <i>A gente</i> na função de sujeito em contexto de concordância verbal – por ESCOLARIDADE – NORPOFOR – DID (N= 3277)	91
Tabela 7 –	Proporção <i>Nós</i> x <i>A gente</i> na função de sujeito em contexto de concordância verbal – Genérica x Específica – NORPOFOR – DID (N=3277)	92
Tabela 8 –	Proporção <i>Nós</i> x <i>A gente</i> na função de sujeito em contexto de concordância verbal – por explicitude do sujeito - NORPOFOR – DID	95
Tabela 9 –	Proporção <i>Nós</i> x <i>A gente</i> na função de sujeito em contexto de concordância verbal – por tempo e tipo de paradigma – NORPOFOR – DID (N= 2993)	97
Tabela 10 –	Resultados do modelo de regressão logística	101
Tabela 11 –	Proporção de uso das formas por informante – NORPOFOR – DID (N=3463)	125

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEP	Conselho de Ética em Pesquisa
CONEP	Conselho Nacional de Ética em Pesquisa
CV	Concordância Verbal
DSC	Dialetos Sociais Cearenses
GT	Gramática Tradicional
LGPD	Lei Geral de Proteção de Dados
LP	Língua Portuguesa
N	Número de Concordância dos Dados
NORPOFOR	Projeto Norma oral do Português Popular de Fortaleza - CE
PB	Português Brasileiro
PP	Português Padrão
PORCUFORT	Português Oral Culto de Fortaleza
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFC	Universidade Federal do Ceará
<i>valor-p</i>	Valor de p (no <i>Rstudio</i> , utilizado para medir significância)
1PP	Primeira Pessoa do Plural

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	REFERENCIAL TEÓRICO	23
2.1	Pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista	23
2.2	Os fatores sociais na variação linguística	33
3	O FENÔMENO EM ESTUDO	40
3.1	A concordância verbal na primeira pessoa do plural sob o viés da Gramática Normativa	40
3.2	<i>Nós e A gente</i> nos estudos variacionistas	41
4	METODOLOGIA	54
4.1	O método de pesquisa: de abordagem e procedimento	54
4.2	Constituição do <i>Corpus</i>/Universo da amostra	56
4.3	Procedimentos para coleta de dados	56
4.4	Envelope da Variação	61
4.4.1	<i>Variável dependente</i>	62
4.4.2	<i>Variáveis independentes</i>	63
4.4.3	<i>Variáveis extralinguísticas</i>	64
4.4.3.1	<i>Faixa etária</i>	64
4.4.3.2	<i>Sexo/gênero</i>	66
4.4.3.3	<i>Escolaridade</i>	67
4.4.4	<i>Variáveis linguísticas</i>	68
4.4.4.1	<i>A explicitude do sujeito</i>	68
4.4.4.2	<i>O tempo e tipo de paradigma verbal no modo indicativo</i>	71
4.4.4.3	<i>A Determinação do referente</i>	75
4.4.5	<i>Procedimentos para análise de dados</i>	78
5	ANÁLISE DOS DADOS DE <i>NÓS</i> E <i>A GENTE</i>	82
5.1	A distribuição geral das formas <i>Nós</i> e <i>A gente</i> na fala de Fortaleza	82
5.2	Variável social <i>Sexo</i>	86
5.3	Variável social <i>Faixa etária</i>	88
5.4	Variável social <i>Escolaridade</i>	90
5.5	Variável linguística <i>Determinação do referente</i>	91
5.6	Variável linguística <i>Explicitude do sujeito</i>	94

5.7	Variável linguística <i>Tempo e tipo de paradigma verbal no modo indicativo</i>	95
5.8	Análise do modelo de regressão logística	99
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
	REFERÊNCIAS	114
	APÊNDICE A – Parecer consubstanciado do CEP	122
	ANEXO A – Tabela – 11 – Proporção de uso das formas por informante – NORPOFOR – DID (N=3463)	125
	ANEXO B – Quadro 3 – Divisão das variáveis sociais e detalhamento dos informantes do sexo masculino – NORPOFOR	130
	ANEXO C – Quadro 4 – Divisão das variáveis sociais e detalhamento dos informantes do sexo feminino – NORPOFOR	133

1 INTRODUÇÃO

A Sociolinguística Variacionista estuda a língua em uso em uma comunidade linguística e a concebe como um sistema heterogêneo, isto é, ela não é falada da mesma forma por todos. Cada comunidade de fala possui características linguísticas que a diferenciam de outras. Moura (2007) afirma que nenhum indivíduo fala, efetivamente, uma língua, seja ela a língua espanhola, inglesa, alemã, portuguesa etc. Segundo a autora, cada indivíduo fala uma variedade dessas línguas, já que o falante tem, a seu dispor, um conjunto de possibilidades. A essas possibilidades de usarmos, muitas vezes, mais de uma unidade linguística (forma), com outras formas dentro de uma mesma regra variável, atribui-se o nome de variantes, e ao seu conjunto, variáveis, ou seja, para a Sociolinguística Variacionista, a variável linguística é o lugar da estrutura da língua em que há variação (ex. pronomes de primeira pessoa do plural) e as variantes são as formas em alternância (ex. *nós* e *a gente*).

A Sociolinguística reconhece essa heterogeneidade dentro do sistema linguístico, porém, defende que essa heterogeneidade é ordenada, na qual formas com significados referenciais similares alternam-se na língua, podendo uma vir a substituir outra. Essa heterogeneidade linguística é uma das características que mais atrai e desperta o interesse dos sociolinguistas, os quais objetivam compreender os múltiplos e complexos padrões de interação entre língua, cultura e sociedade.

A variação na Concordância Verbal de primeira pessoa do plural é um tema que vem sendo bastante estudado pela Sociolinguística Variacionista no Brasil, sobretudo por investigadores vinculados à Teoria da Variação e Mudança Linguística (Agostinho, 2013; Almeida, 2006; Araujo, 2014; Araújo, 2016; Bortoni-Ricardo, 1984; Benfica, 2016; Carvalho; Freitas; Favacho, 2020; Carvalho; Freitas; Favacho, 2022; Carvalho e Santos 2023; Chagas, 2019; Coelho, 2006; Foeger, 2014; Freitas, Rodrigues e Santos 2021a, 2021b; Gonçalves, 2007; Lopes, 2003, 2007; Mattos, 2013; Mendonça, 2010; Monte, 2007; Monteiro, 1994; Monteiro, 2020; Scherre; Yacovenco; Naro, 2018; Omena, 1996; Rubio, 2012; Seara, 2000; Silvano, 2016; Silva, 2020; Schmiguel 2022; Vianna, 2015, para citar apenas alguns desses trabalhos) uma vez que o quadro pronominal e a morfologia verbal do Português Brasileiro (doravante PB) sofreram alterações que estabeleceram atributos próprios dessa variedade.

A relevância atribuída a esse tema não é arbitrária. A Concordância Verbal (doravante CV) é um dos fenômenos linguísticos de variação mais perceptíveis para falantes e ouvintes, conforme destacado por Rubio (2012). É evidente, pela abordagem dos trabalhos mencionados anteriormente, que esse fenômeno tem sido objeto de pesquisa em praticamente

todas as regiões do Brasil (Vieira, 2007). A CV é um dos fenômenos de variação linguística que ultrapassam as fronteiras puramente linguísticas, exercendo um impacto social significativo, visto que esse fenômeno é socialmente marcado e a não concordância verbal conforme a forma padrão tende a sofrer estigmas.

Os estudos variacionistas têm interesse na descrição da alternância pronominal e na variação da concordância verbal com a primeira pessoa do plural (doravante 1PP) e a avaliação social desses fenômenos, pois eles permitem, muitas vezes, distinguir socialmente os falantes que utilizam a concordância padrão, como em (1) *nós queremos* e *a gente quer*, daqueles que não a realizam, como em (2) *nós quer* e *a gente queremos*. Nas construções em que não se verifica o emprego padrão das marcas de concordância, como exemplificada no segundo caso, é comum observar essa linguagem associada a indivíduos com menor vantagem socioeconômica, os quais, na maioria das vezes, são provenientes de zonas rurais ou periféricas dos grandes centros urbanos (Bortoni-Ricardo, 2005), ademais, como dito anteriormente, a não concordância verbal padrão é bastante estigmatizada.

A concordância verbal, em termos de desinência número-pessoal, no Português Padrão (doravante PP) é considerada, pela tradição gramatical, regra categórica, ou seja, é fixa e invariável na estrutura ou uso da língua, não admitindo exceções. No entanto, os estudos descritivos apontam a CV de 1PP, no Português do Brasil, como uma regra variável, tanto na variedade culta, quanto na variedade popular, as quais apresentam tendências muito semelhantes. A presença ou ausência da marcação formal de CV com a 1PP levanta uma série de questões que extrapolam os limites da língua enquanto sistema, confluindo para o âmbito social.

No que se refere à realização das variantes linguísticas, é importante ressaltar que o uso dessas formas linguísticas, conforme defendido por Weinreich, Labov e Herzog (2006) e Labov (2008), não acontece de modo aleatório. Esses estudiosos defendem que toda variante linguística é influenciada por uma série de fatores, os quais podem ser linguísticos, internos ao sistema, ou extralinguísticos, isto é, externos ao próprio sistema. Labov (2008) argumenta que a existência de formas variantes em toda e qualquer língua natural só pode ser explicada por meio da correlação entre essas variantes e diferentes fatores linguísticos e/ou extralinguísticos. Quanto ao funcionamento da variação na Concordância Verbal (CV) com a Primeira Pessoa do Plural (1PP) no contexto interno, é sabido que fatores linguísticos, isto é, próprios ao sistema, favorecem, ora o uso de marcas de plural, ora a ausência de marcação de plural para a CV padrão na 1PP.

Os estudos sobre a CV no PB vêm despertando muito interesse em pesquisadores

de várias partes do Brasil. Sobretudo porque a variação na CV é um fenômeno que foge à regra prescrita pelas Gramáticas Tradicionais (GTs), conteúdo gramatical amplamente abordado pelos professores no ensino formal de Língua Portuguesa (LP) como língua materna. De acordo com Monte (2007), a CV é um dos tópicos gramaticais nos quais os professores se dedicam mais à correção em seus alunos, em virtude de ser um fenômeno que é marcado socialmente.

Diante dessas informações, conforme apontam os estudos realizados por Araújo (2016), Carvalho, Favacho e Freitas (2020), Silva (2020), Freitas, Rodrigues e Santos (2021), Carvalho, Favacho e Freitas (2022), Schmiguel (2022), Carvalho e Santos (2023), para citar alguns trabalhos que serviram de base para este estudo, os quais foram realizados com dados do Ceará, destacando que alguns desses trabalhos versam sobre o fenômeno de alternância *nós/a gente*, outros sobre avaliação, produção e percepção sobre a concordância verbal com esses sujeitos pronominais, sabemos que o fenômeno da variação na CV com a 1PP acontece na comunidade de fala de Fortaleza e esse objeto de estudo desperta nossa curiosidade, por isso, visamos a contribuir também para os estudos Variacionistas no Brasil com nossa pesquisa sobre a CV com a 1PP.

Desejamos explorar mais a fundo esse tema por meio de uma nova amostra, especificamente extraída da comunidade de fala de Fortaleza, no Ceará, enfocando o falar popular, ou seja, com base em entrevistas a pessoas que tenham poucos anos de escolaridade, limitando à conclusão do Ensino Médio, visto que alguns dos trabalhos acima mencionados, apesar de versarem sobre a CV com a 1PP na comunidade de Fortaleza, apontam resultados sobre dados de fala extraídos de bancos de fala culta, ou seja, de informantes que têm Ensino Superior. Para tal, utilizamos como base o Banco de dados do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza - CE (NORPOFOR).

Pretendemos, portanto, como objetivo central desta pesquisa, investigar a variação na CV com a 1PP em Fortaleza, observando quais fatores linguísticos e extralinguísticos levam os falantes a concordarem ou não, em situação de fala cotidiana, as formas de 1PP.

Nesse sentido, buscaremos, à luz dos preceitos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança (Weinreich; Labov; Herzog, 2006):

- a) Investigar a variação na CV com a 1PP no falar popular de Fortaleza e a influência que os fatores extralinguísticos (*sexo/gênero, escolaridade e faixa etária*) exercem na CV padrão com a 1PP (*nós e a gente*) no Português oral popular de Fortaleza;
- b) Investigar a variação na CV com a 1PP no falar popular de Fortaleza e a

influência que os fatores linguísticos (*explicitude do sujeito, determinação do referente e tempo e tipo de paradigma verbal no modo indicativo*) exercem na CV padrão com a 1PP (*nós e a gente*) no Português oral popular de Fortaleza;

c) Verificar se há um processo de mudança ou variação estável no fenômeno em estudo na amostra de fala analisada;

d) Mensurar a proporção de CV padrão com a 1PP *versus* a não CV padrão com a 1PP no falar popular de Fortaleza e verificar se essa comunidade de fala segue a tendência dos trabalhos feitos em diversas regiões do país.

Ao investigar a variação na concordância verbal com a primeira pessoa do plural no falar popular de Fortaleza, partimos da hipótese de que tal fenômeno é influenciado tanto por fatores linguísticos quanto por fatores sociais. Ao considerar essa hipótese, surgem-nos as seguintes questões de pesquisa:

a) De que forma fatores sociais, como *sexo/gênero, faixa etária e escolaridade* atuam sobre a variação na CV com a 1PP em Fortaleza?

b) De que forma fatores linguísticos como *a explicitude do sujeito, a determinação do referente, e o tempo e tipo de paradigma verbal no modo indicativo* atuam sobre a variação na CV com a 1PP em Fortaleza?

c) O fenômeno estudado trata de uma variação estável, na qual as variantes com e sem marcas de CV coexistem, sem que, necessariamente, uma substitua a outra, ou há indícios de uma mudança em curso, em que uma das variantes apresenta uma tendência de substituição à outra nos dados do NORPOFOR?

d) Quais as variantes favoritas (com marcas ou sem marcas de concordância padrão), para a realização da CV com a 1PP em Fortaleza? Qual a proporção de presença e ausência de CV com as formas pronominais na 1PP na comunidade de fala investigada? Em termos de frequência, qual das duas formas pronominais é mais utilizada?

Com a finalidade de responder a tais questões, orientamo-nos, ao longo de nossa pesquisa, pelas seguintes hipóteses, as quais foram formuladas a partir de uma análise preliminar dos nossos dados, bem como da literatura pertinente. Estes aspectos serão explorados com mais detalhes nos capítulos subsequentes:

a) Os fatores sociais mais relevantes para a variação na CV com a 1PP são, nessa mesma ordem de relevância, *escolaridade*, *sexo* e *faixa etária*. No que diz respeito à escolaridade, temos por hipótese que quanto maiores os níveis de escolaridade dos falantes, maiores as chances de as variantes com marcas de concordância padrão serem favorecidas, visto que esse é um conteúdo bastante ensinado no contexto escolar, pois a falta de concordância verbal padrão é, como mencionado anteriormente, um fenômeno socialmente marcado e bastante estigmatizado. Quanto ao sexo, temos por hipótese que as mulheres usam mais a forma inovadora que homens, tendência observada nos estudos supramencionados. No que se refere à faixa etária, acreditamos que as variantes sem marcas de concordância padrão são mais recorrentes na fala de informantes mais jovens;

b) No que concerne às variáveis linguísticas, temos por hipótese que a *explicitude do sujeito*, a *determinação do referente* e o *tempo e tipo de paradigma verbal no modo indicativo*, fatores internos à língua, influenciam na Concordância Verbal com a Primeira Pessoa do Plural na comunidade de fala investigada. Acreditamos que a forma inovadora *a gente* com concordância padrão (*a gente quer*; *a gente vai*; *a gente foi*) contribui mais para a frequência do sujeito explícito, como observado nos trabalhos de Rubio (2012), Mattos (2013), Foeger (2014), Araújo (2016), Silva (2020), Monteiro (2020). No que se refere à determinação do referente, acreditamos que a forma inovadora *a gente* com concordância padrão aparece mais em contextos de referência genérica, bem como observado nos trabalhos de Lucchesi (2009), Araújo (2016), Carvalho, Favacho e Freitas (2020), Silva (2020), Freitas, Rodrigues e Santos (2021a, 2021b). Quanto ao *tempo e tipo de paradigma verbal no modo indicativo*, a forma inovadora *a gente* sem *-mos* é preferida para o *tempo presente*, enquanto a forma canônica *nós* com *-mos*, para o *pretérito perfeito*, como observado em Viana (2006), Rubio (2012), Mattos (2013), Foeger (2014), Scherre, Naro e Yacovenco (2018a, 2018b), Carvalho Freitas e Santos (2020), Carvalho e Santos (2023), para citar apenas alguns trabalhos.

c) A variação na CV com a 1PP, no falar popular de Fortaleza, é observada como um fenômeno de variação estável.

d) As variantes com marcas de concordância padrão (*nós* com *-mos* e *a gente* sem *-mos*) são as favoritas para a expressão de CV com a 1PP na comunidade de fala investigada; em termos de proporção, a presença de CV padrão com as formas pronominais da 1PP é mais recorrente que a ausência de CV padrão com as formas pronominais da 1PP na comunidade de fala investigada, bem como a frequência da forma inovadora *a gente* com concordância padrão é mais recorrente, seguindo a tendência dos estudos realizados em diversas regiões do país.

Dentre os motivos que justificam a realização deste estudo, ressaltamos que, ao analisar a variação na CV com a 1PP no falar popular de Fortaleza, utilizando dados autênticos, ou seja, com base em dados reais de fala, contribuiremos para a descrição do fenômeno em tela com uma nova amostra de fala, além de contribuir, também, para a quebra de preconceitos frequentes, como mencionado anteriormente, sobre a variante sem marcas de concordância, visto que esse fenômeno é bastante marcado socialmente. Este trabalho permitirá identificar os fatores linguísticos e sociais que influenciam e determinam o uso das variantes com e sem marcas de concordância padrão na amostra analisada.

A partir deste estudo, acreditamos que será possível observar que o uso das variantes sem marcas de concordância padrão não resulta de negligência dos falantes em relação aos mecanismos de sua língua materna. Ao contrário, acreditamos que ele é o resultado de uma complexa interação de influências linguísticas e sociais que, frequentemente, são ignoradas pela tradição escolar.

Ao considerar esses aspectos, acreditamos que nossa pesquisa trará uma contribuição significativa para os estudos da Concordância Verbal com a primeira pessoa do plural no contexto do Português Brasileiro. Por meio da descrição e análise quantitativa e qualitativa desse fenômeno em Fortaleza, nossa intenção é oferecer uma visão abrangente da diversidade linguística presente no Brasil. Estudos como este são de extrema relevância, uma vez que permitem uma compreensão mais ampla da realidade linguística do país, o que contribui, por consequência, para políticas linguísticas e de planejamento, fornece subsídios descritivo-analítico para a elaboração de materiais didáticos e para o ensino deste fenômeno em Língua Materna e Língua Estrangeira, além de colaborar para a diminuição do preconceito linguístico que ainda persiste em nossa sociedade.

Pensar na questão de políticas linguísticas e de planejamento. Além de fornecer subsídios descritivo-analítico para a elaboração de materiais didáticos e para o ensino deste fenômeno em LM e LE

Nossa pesquisa está dividida em cinco capítulos. O primeiro capítulo trata desta introdução, na qual apresentamos nosso objeto de estudo, objetivos, questões de pesquisa, hipóteses, motivações e justificativas para a realização deste trabalho. No capítulo 2, apresentamos a base teórica em que está ancorada nossa pesquisa, a Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, [1968] 2006 e Labov ([2008])) e uma seção que aborda os fatores sociais na variação linguística. No capítulo 3, apresentamos, por meio de uma síntese, o tratamento dado à concordância de primeira pessoa do plural em gramáticas normativas de língua portuguesa e em pesquisas variacionistas, na perspectiva da produção e da avaliação, e fazemos uma revisão do estado da arte do fenômeno em estudo no português brasileiro, com especial atenção aos trabalhos desenvolvidos sobre o português do Ceará. No capítulo 4, descrevemos os procedimentos para a coleta de dados, a constituição da amostra e a descrição do envelope de variação. No capítulo 5, apresentamos os resultados da atuação das variáveis sociais (*faixa etária, sexo e escolaridade*) e das variáveis linguísticas (*explicitude do sujeito, determinação do referente e tempo e tipo de paradigma verbal no modo indicativo*) que regulam a variação da concordância verbal na 1ªPP no português oral popular de Fortaleza. Nas Conclusões, fazemos uma síntese de que trata cada capítulo e recuperamos os resultados da análise.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, objetivamos apresentar os estudos que fundamentam nossa pesquisa, os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (Weinreich; Labov; Herzog, 1968) e Labov (2008), os quais estão relacionados a este estudo. Em seguida, apresentaremos os fatores sociais na variação linguística, com foco nos três fatores sociais selecionados para esta pesquisa, a saber, *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*. Ademais, apresentamos, de maneira resumida, a concordância verbal sob o viés da gramática normativa e uma seção dos estudos de produção que têm sido realizados sobre essa temática, com foco nos trabalhos realizados no Ceará.

2.1 Pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista

A Sociolinguística Variacionista, um dos ramos da Sociolinguística, inaugurada na década de 1960 por William Labov, dedica-se ao estudo da interação entre língua e sociedade, com foco em dados de fala espontânea. Seu principal objeto de estudo é a língua utilizada em situações reais, buscando compreender tanto os aspectos sociais quanto a estrutura e o funcionamento das línguas. Contrariamente às visões de Saussure e Chomsky, Labov, Weinreich e Herzog (2006) propõem a Teoria da Variação Linguística, que considera a língua como um sistema ordenadamente heterogêneo. A Sociolinguística destaca que todas as línguas apresentam variações sistemáticas decorrentes dessa heterogeneidade estruturada, compreendendo regras categóricas e variáveis.

Labov (1972, p.120-121) argumenta que a língua é definida pela participação em normas compartilhadas, não por contratos no uso dos elementos linguísticos:

A comunidade de fala não é definida por nenhum acordo/contrato no uso de elementos de língua, mas pela participação em um jogo de normas compartilhadas; tais normas podem ser observadas em tipos claros de comportamentos avaliativos e pela uniformidade de modelos abstratos dos padrões da variação que são invariáveis em relação aos níveis particulares de uso ¹ (grifo nosso)

Essas normas podem ser observadas em comportamentos avaliativos claros e na uniformidade de modelos abstratos de padrões de variação, garantindo que, mesmo com

¹The speech community is not defined by any marked agreement in the use of language elements, so much as by participation in a set of shared norms. The use norms may be observed in overt types of evaluative behavior, and by the uniformity of abstract patterns of variation which are invariant in respect to particular levels of usage.

variações linguísticas, não haja comprometimento na comunicação entre falantes. A construção desse modelo foi fundamentalmente influenciada por dois estudos de Labov: a pesquisa sobre a realização dos ditongos na ilha de Martha's Vineyard e a investigação sobre a realização do /R/ na cidade de Nova Iorque.

No estudo de Martha's Vineyard, o objeto central da análise concentrou-se na realização dos ditongos /ay/ e /aw/, que geralmente são pronunciados de maneira específica no sudeste da região da Nova Inglaterra. No entanto, nas observações de Labov na ilha Martha's Vineyard, era comum escutar uma pronúncia diferente, sugerindo a ocorrência de arredondamento ou centralização desses ditongos. Nesse estudo, Labov elaborou um roteiro de entrevista que propiciava uma maior probabilidade de ocorrências de palavras que contivessem os ditongos em questão, para garantir que seus informantes os utilizassem e, dessa forma, conduziu 69 entrevistas sociolinguísticas.

A partir disso, constatou que os falantes jovens, na faixa etária de 30 a 45 anos tinham uma tendência maior de centralizar os ditongos em comparação com aqueles em faixas etárias jovens ou mais velhas. Outra observação de Labov foi a de que as pessoas que residiam na Ilha Alta centralizavam mais os ditongos que os residentes da Ilha Baixa. Além disso, observou que a ocupação/profissão desses moradores, bem como o grupo étnico ao qual pertenciam poderiam ser categorias iniciais na compreensão da dimensão social do uso da língua.

Na investigação sobre a realização do /R/ na cidade de Nova Iorque, Labov adotou uma abordagem diferente para conseguir entrevistar muitas pessoas, visto que a quantidade de habitantes do estudo da ilha de Martha's Vineyard era bem inferior à quantidade de habitantes da cidade de Nova Iorque.

Para a investigação, realizou entrevistas com menos tempo de duração, a fim de que propiciassem a ocorrência da variável linguística investigada, de modo que fosse possível observá-la em um ambiente homogêneo. Para a seleção dos informantes, contactou vendedores de lojas de departamentos, pois eles não estariam conscientes de sua própria pronúncia e o acesso a eles seria facilitado devido à natureza de seu trabalho, o qual envolvia a interação com o público.

O estudo foi conduzido em lojas de departamento em Nova Iorque, por meio de perguntas simples, a partir das quais os funcionários fariam uso de palavras que permitissem flagrar o fenômeno do estudo em questão, o /r/ pós-vocálico, na resposta.

Para proceder com o estudo, Labov selecionou três grandes lojas de departamento nos Estados Unidos: uma renomada, frequentada por consumidores de classe alta, uma de nível

intermediário e uma de menor prestígio. Para verificar suas hipóteses, Labov partiu do pressuposto de que os funcionários de uma loja mais sofisticada, voltada para a classe alta, teriam um padrão de realização do /r/ semelhante ao de seus clientes. Ele assumiu que, para criar uma atmosfera confortável para os consumidores, os vendedores se ajustariam à mesma variante linguística.

A hipótese inicial de Labov era a de que os funcionários realizariam o /r/ conforme o perfil de seus clientes, pois acreditava que a realização deste fonema apresentava um componente social. Essa hipótese foi confirmada, visto que os vendedores da loja com maior prestígio social demonstraram o maior nível de realização do /r/, enquanto os empregados da loja de menor prestígio exibiram o menor. Os funcionários da loja intermediária ficaram no meio termo e esse padrão se manteve tanto na pronúncia casual quanto na cuidadosa.

Como resultado do estudo sobre a realização do /r/ em posição pós-vocálica na cidade de Nova Iorque, Labov concluiu que a pronúncia diferenciada não apenas refletia atitude em relação à classe social, mas também possibilitava a distinção entre grupos sociais. Embora os funcionários da loja mais cara, a qual gozava de alto prestígio, não pertencessem à mesma classe social, considerou que eles estariam mais integrados à classe alta do que os empregados da loja de menos prestígio, os quais, possivelmente, teriam mais identificação com a classe social mais baixa.

Como mencionado, a partir desses estudos, os quais foram realizados na década de 1960, a Sociolinguística Variacionista, cuja linha de pesquisa busca investigar os padrões sistemáticos de variação na sociedade, por meio de uma abordagem quantitativa, foi consolidada.

A Sociolinguística Variacionista, ou Laboviana, concebe a língua como um sistema dotado de *heterogeneidade sistemática*, o qual é de suma importância para identificar grupos e demarcar diferenças sociais na comunidade. Esse ramo da Sociolinguística se dedica ao estudo da variação e mudança da língua em contextos sociais específicos dentro de uma comunidade de fala, partindo do pressuposto de que a variação linguística é influenciada por fatores externos, *classe socioeconômica, faixa etária, gênero, grupo étnico, local de origem, grupo geracional, escolarização*, entre outros, além de considerar fatores que são internos, os quais são inerentes ao sistema linguístico como aspectos fonológicos, morfossintáticos e sintáticos. Isso implica que a variação não ocorre de maneira caótica e desorganizada, mas reflete a coexistência de diferentes normas linguísticas estabelecidas em diversos contextos sociais.

A Sociolinguística Variacionista trabalha com uma noção que lhe é muito cara: a noção de *comunidade de fala*, a qual tem como objeto a língua em seu contexto social, em

situações reais de uso, a partir do qual é examinada, descrita e analisada. Portanto, para a análise da língua falada, os sociolinguistas partem da *comunidade de fala*.

Guy (2000) aponta que, apesar de existirem várias definições de *comunidade de fala* na literatura sociolinguística, há um conjunto de características amplamente aceito, a saber:

- 1 - A comunidade de fala compartilha traços linguísticos, como vocabulário, sons ou estruturas gramaticais, que são exclusivos desse grupo e não encontrados fora dele.
- 2 - Há uma alta frequência de comunicação interna, ou seja, as pessoas interagem mais entre si dentro do grupo do que com indivíduos externos.
- 3 - Existe um conjunto de normas compartilhadas, incluindo atitudes comuns em relação ao uso da língua, normas sobre variação estilística e avaliações sociais sobre aspectos linguísticos.

Conforme Guy (2000), a participação como membro em uma comunidade de fala é caracterizada pelo uso de traços linguísticos específicos dessa comunidade, bem como por reconhecimento, por parte dos falantes de determinada comunidade de fala, de normas em uso, compartilhadas nessa comunidade. “Usá-los mostra que você é um membro, e não os usar mostra que você é um intruso” (Guy, 2000, p.18).

A Sociolinguística atribui o termo *variedades linguísticas* às diferentes maneiras de falar. Toda língua apresenta variação, por isso, podemos dizer que a língua é um conjunto de variedades:

Qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exhibe sempre variação, logo, a língua é representada por um conjunto de variedades. Por exemplo, concretamente o que chamamos de Língua Portuguesa engloba os diferentes modos de falar utilizado pelo conjunto de seus falantes do Brasil, em Portugal, em Angola, etc. E a Sociolinguística encara a diversidade linguística não como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico, que influencia o processo de ensino-aprendizagem de língua materna. (Freitag, 2009, p.47)

Embora os membros de uma mesma comunidade de fala possam apresentar distintas maneiras de falar, não é possível que um único membro dessa comunidade mude as regras da língua. Para tal, é importante que a comunidade de fala aceite a nova forma e passe a utilizá-la.

A partir disso, Weinreich, Labov e Herzog ([1968] 2019) introduzem o conceito de

heterogeneidade ordenada. Para os autores supramencionados, o sistema linguístico não é regido apenas por regras categóricas, isto é, um sistema que não permite ocorrências alternativas ou exceções, conforme concebiam os estruturalistas.

Segundo Weinreich, Labov e Herzog, uma variável linguística é um “elemento variável dentro do sistema controlado por uma regra singular” ([1968] 2019, p.105). Nas línguas, há regras que são *categóricas*, como na Língua Portuguesa, em que o artigo sempre precede o substantivo, como em “a mulher”, nunca o contrário “mulher a”, e regras que são *variáveis*, como a variação da expressão de primeira pessoa do plural (1PP) *Nós* e *A gente*, em que temos como variável a expressão de 1PP e como variantes as formas individuais (*Nós* e *A gente*) que concorrem pela expressão da variável.

Para que essas formas sejam consideradas variantes de uma mesma variável, conforme Coelho *et al.* (2015), elas devem ser intercambiáveis em um mesmo contexto e devem manter o mesmo significado referencial/representacional.

As formas variantes recebem valores distintos dentro de uma comunidade, pois podem ser consideradas de prestígio ou podem ser estigmatizadas. Geralmente, as variantes de prestígio são as variantes que estão de acordo com a norma padrão, isto é, são as *variantes padrão*, as quais pertencem às variedades padrão da língua, embora nem sempre sejam as mais usadas. Além disso, há uma forte tendência de que sejam conservadoras, porque figuram no repertório linguístico da comunidade há mais tempo.

As *variantes não padrão* são as variantes que tendem a ser inovadoras e, por esse motivo, também, tendem a sofrer estigma. Entretanto, essas tendências nem sempre refletem a realidade, como é o caso da expressão da 1PP, cujas variantes são *Nós* e *A gente*. Conforme explicitado, a variante *Nós* é a variante padrão, conservadora e que goza de prestígio, ao passo que *A gente* é a variante não padrão, inovadora e sofre estigma quando o verbo aparece flexionado com a desinência de 1PP (-mos), como em “*A gente namoramos*”. Contudo, a variante *A gente* Ø não sofre estigma, o que nos permite perceber que o cenário para essas variantes vem mudando, visto que a variante inovadora tem sido bastante usada em contextos mais formais, a partir dos quais disputa espaço com a variante *Nós*.

A variação pode ocorrer em diversos níveis da gramática, seja fonológico, morfológico, sintático, lexical ou discursivo. Como mencionado, os falantes apresentam, a depender da comunidade em que estão inseridos, diferentes variedades.

Com base no exposto, podemos afirmar que a variável linguística constitui um constructo teórico fundamental na Sociolinguística Variacionista, o qual serve como objeto central de pesquisa.

Na Sociolinguística, geralmente, a variável linguística é associada como variável dependente: “Uma variável é concebida como dependente no sentido que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores de natureza social ou estrutural” (Mollica; Braga, 2003, p.11). As variáveis independentes, por sua vez, são os fatores ou grupo de fatores que exercem influência sobre a ocorrência da variável dependente ou da regra variável. O conjunto formado pelas variáveis dependentes e pelas variáveis independentes compõem o que Tarallo (1985) denomina de *envelope da variação*.

Há uma forte tendência de que as regras variáveis se tornem categóricas quando elas se generalizam. Entretanto, há casos de variação estável, isto é, períodos em que essas variantes coocorrem, sem que, contudo, uma se sobreponha à outra.

As variantes podem se estabelecer nos sistemas linguísticos ao longo do tempo, ou podem passar por mudanças. Para que essa mudança ocorra, é necessário que uma das variantes desapareça, o que configura, conforme Mollica (1994), uma mudança em progresso.

A referência à primeira pessoal do plural na Língua Portuguesa é uma regra variável, visto que existem duas variantes que coocorrem: as formas *Nós* e *A gente*. Ademais, vale ressaltar, que as formas quando não estão em concordância com a norma padrão, como o caso de *a gente falamos* e *nós fala*, são altamente estigmatizadas e são sujeitas ao preconceito linguístico.

Nessa regra variável, existem fatores que são internos ao sistema linguístico. Por exemplo, *paralelismo*, *saliência fônica*, *tempo e tipo de paradigma verbal*, *posição do sujeito em relação ao verbo*, para citar alguns, e fatores que são externos ao sistema, *escolaridade*, *faixa etária*, *nível de formalidade*, os quais, conforme Naro (1994), são categorias mais atuantes para que a variação ocorra. De acordo com Mollica (1994), os fatores internos ao sistema dizem respeito a traços fortes do falante, ao passo que os fatores externos são características circunstanciais que ora envolvem o falante, ora envolve o evento de fala.

Segundo Silva (1994), quando estudamos a língua em situação real de uso, deparamo-nos com a realidade da variação linguística, pois os membros desta comunidade são essencialmente diferentes, visto que na comunidade de fala encontramos homens, mulheres, jovens, idosos, pessoas com ou sem escolaridade e que pertencem a estratos socioeconômicos diferentes, o que permite que as diferenças sociais (ou externas) exerçam um papel significativo na maneira como esses indivíduos se expressam.

Conforme Labov (1972), a Teoria da Variação e Mudança Linguística flagra ocorrências na língua em situações reais e direciona, desse modo, o foco de interesse para os condicionadores externos.

As pesquisas variacionistas, a princípio, estavam centradas nos aspectos fonéticos-fonológicos, isto é, na manifestação dos sons na fala, a exemplo dos trabalhos iniciais de Labov, a pesquisa sobre a realização dos ditongos na ilha de Martha's Vineyard e a investigação sobre a realização do /R/ na cidade de Nova Iorque.

Contudo, Lavandera (1978), a qual havia sido sua discípula, assumiu uma atitude crítica ao questionar os limites da variação linguística, tomando como argumento o fato de que, quando se afastavam do nível fonológico, as variações não poderiam ser mais consideradas como duas formas sistemicamente idênticas e coexistentes, mas, sim, detentoras de comparabilidade funcional. Em resposta a esse questionamento, Labov (1978) introduziu o conceito de valor referencial. Conforme o autor, embora não seja imediatamente evidente, uma análise atenta do contexto de ocorrência, sistematicidade, função gramatical, significado referencial e alternância com outras formas, as quais estão presentes na língua, permite delimitar variantes que são coexistentes com muita precisão. Essa abordagem possibilita estudos linguísticos em diversos níveis.

Labov (1978) reconhece, ainda, que a delimitação dessas formas exige um rigor metodológico e um profundo entendimento da estrutura linguística e da comunidade de fala em estudo.

Embora afirme que as formas possuem o mesmo significado referencial, isso não implica que elas sejam completamente idênticas, visto que algumas nuances semânticas podem divergir, como variação de *generalidade* ou *especificidade*, além de fatores pragmáticos, como *respeito* e *deferência*, e estilísticos, como *formalidade* e *informalidade*.

Com base nos princípios teóricos-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança (TVM) proposta por Weinreich, Labov e Herzog (1968), foram formulados cinco problemas empíricos, os quais servem de base e orientação para as pesquisas realizadas na Sociolinguística, a saber:

- (1) **O problema da Implementação**, o qual aborda a questão de como as formas linguísticas são implementadas no sistema linguístico, coexistindo com outras formas que já existiam anteriormente;
- (2) **O problema da Transição**, que se refere à investigação do curso que um processo de variação e mudança linguística segue ao longo do tempo;
- (3) **O problema da Restrição**, que analisa os fatores que condicionam a variação

e a mudança linguística, buscando compreender as restrições que influenciam esses fenômenos;

(4) **O problema do Encaixamento**, que aborda a perspectiva de que as mudanças linguísticas devem ser vistas como integradas tanto na estrutura linguística quanto na estrutura social mais ampla;

(5) **O problema da Avaliação**, que busca identificar correlatos subjetivos associados às formas em variação, explorando as avaliações que os falantes fazem dessas formas e as percepções subjetivas relacionadas a essas mudanças.

Segundo os autores, a partir desses cinco problemas empíricos, é possível proporcionar uma estrutura conceitual para a investigação sociolinguística, abrangendo desde a implementação de formas linguísticas até a avaliação subjetiva dessas formas em um contexto de variação.

Weinreich, Labov e Herzog (1968) postularam, ainda, sete princípios gerais para o estudo da mudança linguística. Conforme os autores:

1- A mudança linguística não deve ser interpretada como uma deriva aleatória, a qual provém da variação natural existente na fala, mas na generalização de uma alternância específica, que está inserida em uma determinada comunidade de fala;

2- A generalização da mudança linguística se dá através da estrutura linguística e não segue um padrão uniforme ou instantâneo, pois envolve uma correlação de mudanças ao longo do tempo e se manifesta em diferentes áreas geográficas.

3- Essas mudanças linguísticas acontecem nas gramáticas da comunidade de fala, visto que as estruturas variáveis são determinadas por funções sociais, causando um impedimento a existência de gramáticas individuais isoladas no contexto de mudanças linguísticas;

4- A relação entre estrutura e homogeneidade é ilusória, pois a estrutura linguística engloba tanto formas categóricas quanto formas variáveis e dominar uma língua requer que o falante nativo saiba controlar as estruturas heterogêneas da língua;

5- Nem sempre a variabilidade e heterogeneidade na língua resulta em mudança, contudo, destacam que toda mudança linguística implica a existência de variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística;

6- A mudança linguística é transmitida dentro da comunidade de fala como um todo e não se restringe à transmissão entre gerações e familiares, visto que se houver alguma descontinuidade identificada na mudança linguística, será em decorrência de descontinuidades específicas observadas dentro da comunidade;

7- Os fatores linguísticos e sociais não se dissociam no desenvolvimento da mudança linguística. Tentar explicar essa mudança focando na dimensão de apenas um desses fatores é um equívoco, pois é imprescindível reconhecer a interação complexa e dinâmica entre os fatores linguísticos e sociais para compreender os processos de mudança na linguagem.

Para Camacho (2012, p. 61), esses problemas empíricos, os quais são de interesse da Teoria da Variação e Mudança Linguística, dizem respeito à estrutura e a evolução da linguagem, encaixando-as ao seu contexto social da comunidade. Para o autor, seus tópicos abrangem a área comumente referida à “linguística geral”, pois lida com as questões decorrentes dos níveis fonológicos, morfológico, sintático e semântico para esclarecer a configuração das regras linguísticas, sua combinação em sistemas, a coexistência de sistemas alternativos e, sobretudo, a evolução diacrônica de tais regras e sistemas.

Para a Sociolinguística, a variação e a mudança linguística são passíveis de observação. Tanto a primeira quanto a segunda resultam da atuação de forças internas e externas ao sistema, o que vai de encontro ao que postulava a perspectiva saussuriana.

Conforme a Teoria da Variação e Mudanças Linguística, é necessário que os fenômenos de variação e mudança sejam sempre observados a partir da comunidade de fala.

Para observar a mudança, é imprescindível que haja formas variantes que coexistam, isto é, é importante que em algum momento, e por um determinado período, tenha havido uma concorrência entre duas ou mais variantes, até que, em um dado momento, uma delas caia em desuso e a outra prevaleça.

Conforme Labov (2008), é possível, ainda, que as variantes coexistam por muito tempo, sem que, necessariamente, uma se sobreponha à outra. A partir disso, o autor conceitua

o que se caracteriza como um processo de *variação estável*.

Segundo Labov (2008), antes de confirmar que um processo de mudança se concluiu, é importante observar por quais estágios de variação as formas passaram, pois, segundo ele, existem três estágios diferentes no quadro da variação, a saber: *origem da mudança, propagação da mudança e implementação*. O primeiro diz respeito ao fenômeno de variação estar restrito a um pequeno grupo. O segundo se refere, como o próprio nome sugere, à propagação do fenômeno de variação a um maior número de falantes, de modo que o contraste entre as formas variantes seja mais perceptível. O último estágio diz respeito à regularidade que uma das formas conseguiu alcançar, isto é, quando uma das formas se estabelece, o que configura sua completa implementação. Todavia, é importante salientar que “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade” (Weinreich; Labov; Herzog, 2006, p. 126).

A partir dessa afirmação, podemos concluir que nem todo fenômeno de variação observado em uma determinada comunidade de fala resultará em mudança, porém, toda mudança linguística foi antecedida por uma variação.

Para a observação da mudança linguística, é necessário, conforme Labov (2006), estabelecer dois parâmetros: a observação da mudança por meio do *tempo aparente* e por meio do *tempo real*. Para a primeira, investigam-se, conforme apontado por (Labov, 2006; 2008), indícios de mudança através de um recorte transversal da fala de informantes de uma determinada comunidade de fala. Nesse tipo de abordagem, é necessário que o estudo se dê de modo sincrônico, sem estabelecer comparações entre gerações ou sincronias.

A partir do estudo em *tempo aparente* é possível observar se o fenômeno variável encontra-se em uma *variação estável* ou se dá indícios de que se encontra em um processo de *mudança em curso*. “Nesse sentido, a análise em tempo aparente é uma espécie de prognóstico, uma hipótese que os pesquisadores se arriscam a fazer.” (Coan; Freitag, 2010, p.177).

Em nosso estudo, em virtude dos critérios metodológicos, optamos pela abordagem em *tempo aparente*, visto que esse método de estudo nos oferece algumas vantagens, como atingir nosso objetivo principal, isto é, observar quais fatores linguísticos e sociais atuam sobre a variação na CV com a 1PP na amostra selecionada e determinar se estamos diante de um fenômeno de *variação estável* ou se há indícios de uma *mudança em curso*.

No que diz respeito ao estudo em *tempo real*, o pesquisador faz uso de diferentes sincronias, a fim de compará-las, com o fito de identificar e compreender se determinado fenômeno de variação dá pistas de mudança e, a partir disso, observar quais caminhos ela sugere seguir. Conforme Coan e Freitag (2010), a articulação entre o presente e o passado permite-nos

observar estágios variáveis e mudanças que ocorreram, a mudança em *tempo real*, e as que estão em curso, a mudança em *tempo aparente*.

Segundo Faraco (2005), a mudança linguística não se limita a uma simples substituição direta e repentina de um elemento por outro. Em vez disso, a mudança linguística geralmente implica em uma fase de concorrência entre formas linguísticas. Quando há variação entre duas formas para codificar uma mesma função ou significado, uma delas pode eventualmente se consolidar, tornando a outra obsoleta, embora isso nem sempre ocorra dessa maneira.

No estudo da mudança linguística, os fatores sociais têm maior destaque, porém, não se pode afirmar que eles se sobrepõem aos fatores linguísticos, visto que:

Fatores sociais e internos estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importa quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidades que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento linguístico (Weinreich; Labov; Herzog, 2006, p. 126).

Como dito, para a Sociolinguística variacionista, não é possível investigar o fenômeno linguístico dissociando-o dos fatores sociais, tampouco é possível dissociá-lo dos fatores linguísticos, visto que tanto um quanto outro estão intimamente inter-relacionados.

Dessa maneira, torna-se evidente que a Sociolinguística, à semelhança de outras áreas dentro da própria Linguística, tem como foco de estudo legítimo a língua. No entanto, essa abordagem considera a língua como um sistema inerentemente heterogêneo e ordenado, caracterizado por sua natureza variável e mutável.

A Sociolinguística busca, portanto, estudar a língua analisando e compreendendo os fenômenos que podem influenciar a variação e mudança, uma vez que, para Labov (2008, p. 238), "o estudo da língua em seu contexto social abarca a mesma gama de problemas linguísticos de outras abordagens teóricas linguísticas".

2.2 Os fatores sociais na variação linguística

Conforme Alkmin (2012), de maneira geral, os fenômenos de variação se sustentam em três grandes eixos: o geográfico, o qual corresponde à variação diatópica; o social, que está relacionado à variação diastrática; e o estilístico, que está vinculado à variação diafásica.

O primeiro eixo compreende os fatores que se relacionam com as diferenças linguísticas que são observadas nos distintos espaços geográficos; o segundo, diz respeito aos

fenômenos que estão marcados por questões sociais, identidades socioculturais do falante, bem como à comunidade a qual pertence; o terceiro grande eixo diz respeito à tendência e necessidade que o falante tem de se ajustar à situação em que ocorre a interação (formal ou informal).

A partir disso, podemos reconhecer que os fatores como *sexo/gênero* do falante, *faixa etária*, *classe social*, *escolaridade*, entre outros, exercem influência nos usos linguísticos. Em vista disso, os estudos sociolinguísticos têm demonstrado que, a depender do fenômeno e da comunidade em estudo, homens e mulheres nem sempre manifestam o mesmo comportamento linguístico. De maneira semelhante, falantes de faixas etárias distintas também tendem a manifestar padrões linguísticos diferentes em vários níveis dos sistemas.

Conforme Paiva (1994), a análise da dimensão social da variação e da mudança linguística deve considerar a possibilidade de que o sexo do falante esteja relacionado à frequência de uso de uma determinada variante linguística. Segundo a autora, essa variável é um fator significativo nos processos de variação e mudança, visto que as mulheres têm uma maior sensibilidade às formas linguísticas mais prestigiadas socialmente e tendem a favorecê-las.

Coforme Labov (1972), a variável *sexo* pode atuar de maneira diferente na presença de outros fatores, a exemplo da *faixa etária*, *classe social*, *grau de formalidade*, entre outros. Nesse sentido, Fisher (1958), primeira referência à influência do fator *sexo* sobre a variação, verificou que as mulheres tendem a usar a forma de maior prestígio que os homens, no estudo intitulado *Influências sociais na escolha de variantes linguísticas*. Analisou a variação entre as terminações verbais em inglês *-ing* e *in*, as quais são formas possíveis de expressão no continuativo em inglês. Destacou que a preferência pela forma não se dava de modo aleatório, visto que as diferenças entre as duas formas é de caráter social, pois uma forma é prestigiada e a outra não.

Segundo Labov (2006), nas situações de variação e mudança linguística, as mulheres, independentemente de sua consciência social, têm um tendência maior a utilizar as formas linguísticas inovadoras em comparação aos homens. Ademais, as mulheres tendem, a depender da comunidade de fala, a conformar-se mais que os homens às normas sociolinguísticas que são explicitamente prescritas, sendo menos receptivas que eles no que diz respeito às normas que não são explicitamente prescritas, o que pode ser verificado no estudo realizado pelo autor sobre a realização do /R/ na cidade de Nova Iorque, cujos resultados apontaram para uma mudança rumo à implementação de uma forma socialmente prestigiada, em que o sexo feminino liderava a implementação da nova pronúncia, uma vez que a variável

socialmente prestigiada predominava entre as mulheres.

De acordo com Labov (2001), conforme citado por Silva (2020, p.53), em contextos de variação estável, as mulheres tendem a optar por utilizar as formas linguísticas mais socialmente prestigiadas, enquanto os homens têm mostrado preferência por variantes não padrão. Labov afirma ainda que “na fala monitorada, as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens e são mais sensíveis do que os homens ao padrão de prestígio” (Labov 2008, p. 281). No entanto, quando se trata de mudança linguística em progresso, os papéis se invertem e as mulheres tendem a adotar mais as formas inovadoras, assumindo, assim, o papel de impulsionadoras da mudança. Para o autor, conciliar este duplo comportamento é algo complexo e, a partir disso, reconhece o *Paradoxo do Gênero*: “as mulheres se conformam mais fortemente do que os homens às normas sociolinguísticas que são explicitamente prescritas, mas se conformam menos do que os homens quando as normas não são explicitamente prescritas” (Labov, 2001, p. 293).

Contudo, Labov (2008) destaca que seria um equívoco grave estabelecer o princípio geral de que as mulheres sempre lideram o curso da mudança linguística, apesar de desempenharem frequentemente o papel de propulsoras da mudança em determinados contextos.

Freitag (2015) afirma que é necessário levar em consideração que as mudanças na sociedade refletem as mudanças na língua:

Mas se a Sociolinguística tem como premissa, em tendência ampla, o estudo da relação entre língua e sociedade, precisa considerar que a sociedade muda; se a sociedade muda, as explicações do modelo teórico-metodológico deveriam, também, mudar: a explicação de as mulheres preferirem as formas padrão ou não estigmatizadas, por conta de seu papel como mães e educadoras, talvez fosse válida e pertinente nos anos 1960; hoje, não se pode dizer que é este o papel das mulheres na sociedade. (Freitag, 2015, p.18).

Conforme a autora, é imprescindível incluir os aspectos das dinâmicas sociais para compreender a dinâmica linguística. Desse modo, para além do *sexo/gênero*, é necessário levar em consideração os papéis sociais que as mulheres vêm ocupando ao longo do tempo, bem como a escolaridade, taxa de fecundidade, inserção no mercado de trabalho, entre outros.

A faixa etária é, sem dúvidas, um fator social relevante para a variação e mudança linguística, pois a partir desta variável podemos observar o comportamento linguístico dos falantes e verificar se o fenômeno em estudo encontra-se em variação estável ou se sugere que há uma mudança em curso. Nesse sentido, Naro (1994) examina a relação da mudança linguística com a idade. Conforme o autor, “a mudança linguística não é absolutamente

mecânica e regular a curto prazo, onde costumam coexistir formas de diversos estágios de evolução” (Naro, 1994, p.81). Considera, ainda, que cada faixa etária apresenta um comportamento distinto. Conforme observado pelo autor, há uma tendência para que falantes adultos prefiram as formas mais tradicionais, enquanto os mais jovens tendem a adotar formas inovadoras. No entanto, isso não compromete a comunicação, uma vez que tanto os jovens quanto as pessoas mais velhas são capazes de empregar ambas as formas. “Trata-se apenas de uma tendência em direção a uma ou outra forma linguística” (Naro, 1994, p. 82).

Naro (1994) considera a mudança linguística, seja ela em curto ou longo prazo, em função da comunidade de fala, porém ressalta que é o indivíduo quem fala e quem muda sua maneira de falar. Nesse sentido, corrobora com a posição teórica de que “o processo de aquisição da linguagem se encerra mais ou menos no começo da puberdade e que a partir desse momento a língua do indivíduo fica essencialmente estável” (Naro, 1994, p. 81). De acordo com essa perspectiva, cuja posição, conforme Naro (1994), agrada desde os gerativistas até os sociolinguístas, a gramática de um indivíduo não está sujeita a mudanças significativas, pois o acesso aos dispositivos cognitivos que possibilitam sua manipulação fica bloqueado. Qualquer mudança eventual seria apenas esporádica, como a substituição de uma palavra por outra ou uma alteração na pronúncia de uma palavra.

Para Naro (1994), o qual tomou como base a hipótese clássica da aquisição da linguagem de Labov (1972), o estado atual da língua de um falante adulto reflete o estado da língua adquirida quando o falante tinha aproximadamente quinze anos de idade.

Dessa forma, ainda segundo o autor, a fala de uma pessoa de sessenta anos atualmente representa a língua de quarenta anos atrás, ao passo que outra pessoa com quarenta anos hoje representa a língua de há apenas vinte e cinco anos atrás. O que pôde ser observado no estudo de Gauchat (1905), conforme citado por Naro (1994), primeiro estudo deste tipo, o qual foi realizado em uma aldeia na Suíça, em que se observou que:

[...] nas palavras em que as pessoas mais velhas usavam a lateral palatal [ʎ] (escrito *lh* em português), os mais jovens preferiam [y] enquanto os de meia idade usavam ambos os sons. Esta escala em tempo aparente levou o pesquisador a concluir que o som [ʎ] estava em processo de extinção no dialeto e que futuramente seu substituto seria [y]. Vinte e cinco anos mais tarde esta previsão foi confirmada por outro pesquisador (Hermann, 1929) que visitou a mesma aldeia e notou que [ʎ] já tinha praticamente desaparecido da fala local. (Naro, 1994, p. 83).

Nesse sentido, Labov (1972), o estudo da ilha de Martha’s Vineyard sobre a centralização do núcleo de ditongo /aw/ revelou uma situação semelhante àquela encontrada em uma aldeia da Suíça, no qual os mais velhos preservavam mais a forma original, neste caso

a forma não centralizada, e os mais jovens utilizavam cada vez mais a centralização, forma inovadora. Nas duas situações havia uma tendência de os mais velhos preservarem a forma original e os mais jovens apresentarem uma tendência crescente em direção à forma inovadora.

Acreditamos, pois, que os falantes mais jovens em Fortaleza - CE tendem a preferir o uso da CV padrão com a IPP, ao contrário dos mais velhos. Baseamos nossa hipótese a partir das conclusões dos estudos discutidos na próxima seção, nos quais observamos que os falantes mais jovens mostraram uma inclinação para a variante com marca de concordância verbal padrão em vez da variante sem marca de concordância verbal padrão, visto que tendem a ser mais escolarizados que os mais velhos e serem filhos de pais mais escolarizados que seus avós, por exemplo, seguindo a lógica de qual gramática refletimos, a depender da idade.

Para variável *faixa etária*, conforme o modelo de organização do NORPOFOR, dispomos de três grupos distintos: a) Faixa I: 15 a 25 anos, b) Faixa II: 26 a 49 anos e c) Faixa III: a partir de 50 anos.

De acordo com Naro (1994), os dados em *tempo aparente* dos estudos mencionados anteriormente fornecem uma visão detalhada do processo de mudança linguística em progresso, desde o seu início, com a ocorrência esporádica das variantes inovadoras, até consolidação do condicionamento categórico. Essa compreensão simultânea das diversas etapas do processo dinâmico de mudança, conforme o autor, é possível devido ao congelamento do sistema linguístico do falante na época da puberdade. Segundo Naro (1994, p. 84), essa hipótese fundamental subjaz à relação clássica entre mudança linguística e idade: o processo de mudança se reflete na fala das distintas faixas etárias.

Para Freitag (2005), a faixa etária é uma variável extremamente complexa, já que está associada a diversos aspectos sociais, incluindo mercado de trabalho e educação:

A aquisição da língua, a entrada na escola, a aplicação da rede de relações sociais, a entrada e a saída do mercado de trabalho são fatores que se refletem diretamente nas faixas etárias. Logo, a faixa etária não pode ser encarada como um fator simples. Ao contrário, é extremamente complexo, e é preciso muita atenção ao interpretar os resultados de um fenômeno de mudança em função das faixas etárias. (Freitag, 2005, p.111).

Para autora, as análises dos resultados da correlação entre diferentes faixas etárias requerem atenção cuidadosa. Isso ocorre porque nem todas as mudanças observadas na distribuição dos resultados por faixa etária refletem apenas a idade dos participantes do estudo. Segundo Freitag (2005), o controle da faixa etária é válido, contanto que outros fatores sociais que compõem o conjunto denominado faixa etária também sejam considerados. Com base

nisso, neste trabalho, propusemo-nos analisar, além da faixa etária, o sexo/gênero e a escolaridade.

A variável *escolaridade* tem se mostrado bastante relevante nas pesquisas sociolinguísticas, visto que a escolaridade exerce influência significativa sobre o comportamento linguístico dos falantes.

Conforme observado por Votre (1994), à medida que o nível de escolaridade aumenta, há uma tendência de aproximação entre fala e/ou escrita dos indivíduos e o modelo de língua promovido pela educação formal. Este modelo se assemelha à fala e/ou escrita dos falantes pertencentes a estratos sociais mais privilegiados.

Votre (1994) estabelece algumas distinções para analisar a variável da escolaridade. A primeira distinção diz respeito à forma de prestígio *versus* forma neutra ou não-marcada. Segundo o autor, essa diferenciação surge de acordo com o contexto e o uso pelos falantes, já que as formas de prestígio tendem a ser mais utilizadas em situações formais e por indivíduos de uma classe social mais alta. Isso ocorre porque tais formas são validadas pela literatura local ou nacional e são codificadas nas gramáticas escolares, tornando-se norma e sendo ensinadas nas escolas. Como afirma Votre (1994, p. 75), "Podemos afirmar, portanto, que na escola, o professor de português tem como funções principais descrever, prescrever e legitimar as formas de prestígio".

A segunda distinção, conforme Votre (1994), refere-se à *forma estigmatizada* e a *forma não-estigmatizada*. A primeira tende a provocar uma reação negativa na maioria dos falantes, sobretudo aos que fazem uso das formas prestigiadas. Além disso, ela é frequentemente identificada como problemática nas gramáticas escolares e nos manuais de ensino. Ressalta, ainda, que grande parte do esforço consciente dos professores da educação básica consiste em instruir os estudantes a evitar esses usos estigmatizados.

Para o autor, há fenômenos variáveis que recebem atenção nas gramáticas e nos livros didáticos, enquanto outros sequer são mencionados. Um exemplo disso é a variação da Primeira Pessoa do Plural (1PP) do Português Brasileiro (PB), em que há pouca menção da forma pronominal inovadora *a gente*. Essa forma ainda não está incluída no quadro pronominal do PB e, quando muito, é reservado um espaço para ela em notas de rodapé. Votre (1994), afirma ainda:

As distinções acima se justificam porque o ensino que pode interferir no domínio de prestígio ou no abandono das formas estigmatizadas é do tipo descritivo e prescritivo. O que se rotula de ensino produtivo, ou de compartilhamento, é na verdade um processo de identificação com grupos, através da adoção de traços do comportamento desses grupos, que se verifica em todas as instituições sociais, independentemente da

vontade explícita dessas agências de promover homogeneidade de comportamento. Os humanos se homogeneizam no convívio social, se identificam por uma consciência social e só crescem na intersubjetividade. (Votre, 1994, p.77)

Assim como Votre (1994), acreditamos que o ensino descritivo e prescritivo da língua influencia a forma como os falantes se expressam e, partindo dessa premissa, consideramos a *escolaridade* um fator social que pode favorecer o uso da concordância verbal na primeira pessoa do plural do Português Brasileiro, que é o fenômeno analisado neste estudo.

3 O FENÔMENO EM ESTUDO

Neste capítulo, apresentaremos alguns fenômenos para o desenvolvimento e compreensão da pesquisa em andamento. Na subseção 3.1, discutiremos, brevemente, a Concordância Verbal com a Primeira Pessoa do Plural sob a ótica da Gramática Normativa. Destacaremos como algumas gramáticas normativas tratam a variação na 1PP no Português Brasileiro (PB). Posteriormente, na subseção 3.2, intitulada “*Nós e A gente* nos estudos variacionistas”, apresentaremos alguns estudos realizados em diferentes regiões do país sobre o fenômeno, os quais servirão de base para orientar esta pesquisa.

3.1 A concordância verbal com a primeira pessoa do plural sob o viés da Gramática Normativa

Apesar de alguns gramáticos reconhecerem *a gente* como uma forma de pronome pessoal da primeira pessoa do plural (Kato e Nascimento, 2009; Perini, 2010; Castilho, 2010), as gramáticas normativas tradicionais geralmente não a incluem em suas regras (Cegalla, 2008; Cunha e Cintra, 2001; Bechara, 2009). Assim, conforme Schmiguel (2022), surge o contraste entre as normas prescritivas da gramática e o uso real da língua.

As gramáticas tradicionais, as quais têm por objetivo apresentar os usos modelares ou exemplares para a modalidade escrita da Língua Portuguesa, no que se refere ao tratamento para a expressão *a gente*, pouco citam a forma inovadora. Quando isso ocorre, percebemos que reservam pequenos espaços ou simples notas de rodapé (Araújo, 2016). Autores como Bechara (2001), Cunha e Cintra (2001) e Rocha Lima (2000) mencionam a forma *a gente* como algo que é característico de uma comunidade, porém, quando o fazem, citam apenas o caráter pronominal da expressão, evidenciando seu uso fora da linguagem padrão e com o verbo flexionado na 3ª pessoa do singular.

Cunha e Cintra (2001), na *Nova gramática do Português contemporâneo*, por exemplo, reservam uma pequena seção intitulada *Fórmulas de representação da 1ª pessoa*, na qual mencionam que “No colóquio normal, emprega-se a gente por nós e, também, por eu”, e que “o verbo deve ficar sempre na 3ª pessoa do singular, ‘Houve um momento entre nós em que a gente não falou.’ (R Pessoa, QGP, nº. 270.)” (Cunha; Cintra, 2001, p. 310.). Além disso, mencionam que esse registro informal é empregado no lugar de *nós* na fala ou na escrita. No que se refere à abordagem tradicional da concordância verbal com a forma *a gente*, prescrevem que o verbo deve sempre ficar na terceira pessoa do singular.

No que concerne à forma *nós*, os gramáticos a inserem no quadro pronominal, como previsto, e não proferem comentários, na seção que diz respeito aos pronomes, sobre a forma verbal que acompanha esse pronome. Sem embargo, na seção relacionada à morfologia dos verbos, mencionam a terminação morfológica padrão *-mos* para acompanhar a forma *nós*.

Bechara (2001), na *Moderna Gramática Portuguesa*, reserva uma pequena nota de rodapé e menciona que “O substantivo *gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa. Em ambos os casos o verbo fica na 3.^a pessoa do singular: ‘É verdade que a gente, às vezes, tem cá as suas birras’ [AH.4, II, 158]”.

Rocha Lima (2000), na *Gramática normativa da Língua Portuguesa*, não menciona a forma inovadora *a gente* e, tal como em Cunha e Cintra (2001), somente menciona a marcação padrão de pluralidade com o pronome *nós*. Os autores reconhecem o valor pronominal da forma *a gente*, contudo, apresentam somente as formas pronominais tradicionais como válidas (eu, tu, ele, nós, vós, eles).

Conseguimos perceber que os autores apresentam a forma *a gente* no quadro pronominal com alguma reserva. É importante ressaltar que são essas definições tradicionalistas que servem de base para os livros didáticos, o que cria um certo distanciamento entre a norma escolar - ou seja, a norma-padrão – a qual, conforme Faraco (2002), é carregada de preconceitos no que diz respeito às demais variedades da língua e que tem por objetivo padronizar a língua, considerando, a partir disso, qualquer desvio à norma-padrão como erro. É válido ressaltar que essa perspectiva se encontra presente no cotidiano por meio de livros, revistas, jornais, seja na forma escrita, seja na forma oral, o que implica acreditar que tudo o que se encontra fora das gramáticas tradicionais seja considerado como erro, em outras palavras, o uso da variante *a gente* é julgado, muitas vezes, como um erro (Tamanine, 2002).

3.2 Nós e A gente nos estudos variacionistas

No que concerne aos estudos linguísticos sobre a alternância pronominal, as pesquisas demonstram que a forma *a gente* se constitui como integrante do PB e deve estar incluída no quadro pronominal, por causa do seu processo de gramaticalização.

Conforme Freitag (2016), citado por Schmiguel (2022), a alternância dos pronomes *nós* e *a gente* no Português Brasileiro (PB) e a Concordância Verbal (CV) com esses pronomes talvez seja um dos temas mais investigados no PB. Há diversos trabalhos que versam sobre a produção e a percepção dessas formas linguísticas, além da inserção da forma *a gente*, na

perspectiva da gramaticalização, como em Lopes (1998, 2002), Zilles (2005), e Zilles e Batista (2006), Vianna (2006), Rubio (2012), Araújo (2016), Scherre, Yacovenco e Naro (2018), Silva (2020), Carvalho, Favacho e Freitas (2020), Rodrigues, Freitas e Santos (2021), Schmiguel (2022), Carvalho e Santos (2023), para citar apenas alguns desses trabalhos, os quais se dedicaram a investigar, para além da inserção da forma inovadora *a gente*, os contextos de produção e variáveis linguísticas e extralinguísticas que restringem ou favorecem o emprego de cada forma. (Schmiguel, 2022, p.49). Omena (1996), Viana (2011) e Rubio (2012) apresentam o processo de gramaticalização e a referência de plural que o pronome *a gente* evoca.

Conforme Zilles (2007), entende-se por *gramaticalização* a mudança linguística por meio da qual ocorre a atribuição de *status* gramatical a um item lexical previamente autônomo e a itens linguísticos que já tenham caráter gramatical e que possam gramaticalizar-se ainda mais. Como um exemplo de gramaticalização, temos a implementação do *a gente* no sistema pronominal do Português Brasileiro.

Esse processo de gramaticalização, segundo Vianna (2006), deu-se de forma lenta e gradual. Desta forma, nem todas as características de substantivo foram eliminadas, bem como nem todas as características de pronomes foram incorporadas completamente. O substantivo foi perdendo parte de seu significado original e, em alguns contextos, começou a ser observado como “um grupo de seres humanos” ou “um grupo de seres humanos que inclui o falante”.

Ainda conforme a autora, é a partir do século XX que a forma *a gente* assume essa interpretação mais nítida, a qual perde propriedades características da forma fonte e, em função da sua mudança categorial, passa a assumir características de pronome. Esse fenômeno, sugere a autora, pode ser a chave para entender as diferenças na concordância verbal observadas entre as formas *nós* e *a gente*.

A referência semântica de plural que possui a forma *a gente*, foi herdada de sua origem nominal, a qual indicava um coletivo. Por isso, mesmo que o verbo que acompanhe o pronome *a gente* esteja na terceira pessoa do singular, sua referência sempre aludirá à pluralidade, pois, ainda que essa forma guarde traços morfológicos do nome "gente", assumiu características semânticas do pronome pessoal nós (Monteiro, 2020).

A respeito do funcionamento da variação na CV com a 1PP no contexto interno, sabemos que fatores linguísticos, isto é, próprios ao sistema, favorecem, ora o uso de marcas de plural, ora a não marcação de plural para a CV com a 1PP.

Bortoni-Ricardo (1984) investigou, na cidade satélite de Brazlândia, como se dava a aquisição da regra de concordância da 1PP por migrantes que mudaram da zona rural para a zona urbana. Em sua análise binária, a qual contrastava a omissão *versus* manutenção da

Desinência Número - Pessoal (DNP-P4), verificou os fatores linguísticos que influenciavam na concordância de 1PP, como *a posição do acento, posição do sujeito em relação ao verbo* e fatores extralinguísticos, como o *sexo* e *idade dos informantes*. Nessa análise, a investigadora obteve 56% (685/1224) de aplicação da regra de concordância, ou seja, de presença de DNP-P4, para as variáveis linguísticas, e para as variáveis extralinguísticas *sexo* – os homens tiveram 66% (473/719) de DNP-P4 e as mulheres, 42% (212/505); e *idade* – os jovens apresentaram 82% (244/298) de DNP-P4, e os adultos, 48% (441/926).

Rodrigues (1987) investigou a concordância verbal entre os pronomes *nós* e *a gente* na periferia de São Paulo, baseando-se em dados coletados de quarenta entrevistas com informantes adultos das favelas locais, conduzidas pelo próprio autor no segundo semestre de 1986. A análise de 1233 dados revelou que o pronome *nós* foi mais utilizado (54%) em comparação com *a gente* (46%). A pesquisa considerou variáveis sociais *sexo, escolaridade* e *faixa etária*. Já as variáveis linguísticas do estudo foram: *concordância verbal, saliência fônica, preenchimento do sujeito, estrutura verbal* e *posição do sujeito*. Os fatores que mais influenciaram o uso de *a gente* incluíram a *saliência fônica* (com um índice de relevância de 0,93 para o nível 12), a *acentuação da forma padrão (proparoxítona, 0,94)*, e o *sexo*, com maior prevalência entre os homens (0,53).

Zilles, Maya e Silva (2000) investigaram a concordância verbal das formas *nós* e *a gente* na primeira pessoa do plural em Panambi e Porto Alegre, com foco exclusivamente em falantes urbanos. Utilizaram dados de 32 entrevistas do Projeto VARSUL. A análise revelou um total de 1035 ocorrências, divididas em 53% para a forma padrão *-mos*, 34% para a forma não padrão *-mo*, e 13% para casos de desinência zero. Os fatores linguísticos considerados para a regra de concordância verbal entre *nós* e o verbo na primeira pessoa do plural incluíram a *posição do acento na forma verbal alvo* e a *escolaridade dos informantes*. A omissão da desinência foi favorecida pela sílaba tônica; especificamente, quando a forma verbal é paroxítona, a ausência ocorre em 43% dos casos (índice de 0,28). No que se refere às variáveis sociais, a *escolaridade* se destacou: falantes mais jovens tendem mais à forma zero, apresentando 16% de uso (índice de 0,74), enquanto os mais velhos mostraram uma utilização mais restrita dessa forma, com apenas 5% (índice de 0,25).

Zilles (2005) investigou a concordância verbal com os pronomes pessoais de primeira pessoa do plural, *nós* e *a gente*. Para isso, utilizou dados dos projetos NURC/Porto Alegre e VARSUL, com uma amostra de 42 entrevistas. Os informantes foram classificados por *sexo* (masculino e feminino), *faixa etária* (25 a 35 anos, 36 a 55 anos e mais de 56 anos) e *nível de escolaridade* (sem escolaridade, de 5 a 8 anos de estudo, e mais de 11 anos). A análise

de 1196 ocorrências indicou uma predominância do pronome *a gente* (71%) em relação a *nós* (29%). As variáveis analisadas incluíram *sexo*, *faixa etária*, *escolaridade*, *tempo verbal*, *concordância verbal*, *tipo de verbo*, *referência do sujeito*, *posição em relação ao verbo* e *paralelismo*. Os resultados significativos para o uso de *a gente* incluíram a preferência entre os mais jovens (74%) e a concordância verbal padrão com o sufixo *-mos* (67%). O estudo aponta para uma tendência das novas gerações em favorecer o uso de *a gente*, o que sugere um processo de mudança linguística.

Almeida (2006) investigou como se dava a CV de 1ª, 2ª e 3ª pessoas na comunidade de remanescentes de escravos em São Miguel dos Pretos, Restinga Seca, RS. Em sua amostra, composta por 24 informantes, 12 homens e 12 mulheres, cujas idades variavam entre 15 e 90 anos. A estudiosa propôs duas análises: a concordância verbal padrão *versus* a concordância verbal não-padrão das pessoas do plural e a presença *versus* a ausência das desinências DNP4 (nós plantamos), DNP5 (vocês plantam) e DNP6 (eles plantam), com o objetivo de descrever quais fatores linguísticos e extralinguísticos influenciavam na CV da comunidade de fala citada. Considerou as variáveis sociais *faixa etária*, *gênero* e *informante* no estudo da concordância padrão. Constatou que os falantes da comunidade quilombola estavam adquirindo a CV padrão, visto que os resultados por faixa etária são de 40% para a geração mais nova e de 16% para a geração mais velha. A análise realizada sobre a presença das desinências apresentou o resultado de 73% de emprego de DNP4 e 80% de DNP6. O estudo destacou as variáveis linguísticas *saliência fônica* e *posição do sujeito*, o que confirma que as formas verbais mais salientes e que o sujeito anteposto ao verbo estão associados ao aumento da concordância. Ademais, o estudo revelou que há um processo de aquisição das desinências número-pessoais DNP4 (jovens 77%, adultos 79% e velhos 66%) e DNP6 (pesos relativos de 0,64 para jovens, de 0,56 para adultos e de 0,38 para velhos), o qual indica que há um aumento de uso para cada geração, o que revelou uma existência de um processo de mudança geracional. Os resultados encontrados se diferenciaram das comunidades negras de Helvécia, Rio de Contas e Cinzento (BA) e se aproximaram dos encontrados em comunidades urbanas ou em comunidades cujos falantes tinham maior grau de escolaridade.

Vianna (2006) investigou o uso dos pronomes *nós* e *a gente* na fala e escrita cariocas, com foco em estruturas predicativas. O corpus analisado provém do Projeto Censo/Peul, que engloba dados linguísticos do estado do Rio de Janeiro coletados nas décadas de 1980 e 2000. A primeira amostra incluiu 21 informantes, sendo 14 mulheres e 7 homens, distribuídos em três faixas etárias: 15 a 25 anos, 26 a 49 anos, e 50 anos ou mais. A segunda amostra consistiu em 36 informantes, com 19 mulheres e 17 homens. As variáveis controladas

foram: *concordância verbal e de gênero e número, tempo verbal, sexo, faixa etária e escolaridade (1º e 2º graus)*. Dentre os fatores analisados, os mais impactantes para o uso de *a gente* incluíram a concordância verbal com a forma verbal na terceira pessoa do singular (0,92), a concordância de gênero masculino-plural com o pronome *nós* (0,62), o tempo verbal no presente do indicativo (0,54) e a escolaridade, com destaque para informantes com ensino fundamental (0,60).

Rubio (2012) investigou a concordância verbal com os pronomes de primeira pessoa do plural usando uma amostra de 152 informantes do Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista), coletada entre março de 2004 e setembro de 2007. Os participantes foram estratificados por *idade* (15 a 25 anos, 26 a 49 anos, e 50 anos ou mais), *nível de escolaridade* (do 1º ao 4º ano do ensino fundamental, do 5º ao 8º ano do ensino fundamental, e ensino médio completo) e *sexo*. A análise de 1764 ocorrências revelou uma predominância do pronome *a gente*, utilizado em 73,8% dos casos, em contraste com o *nós*, que apareceu em 26,2% dos casos. As variáveis mais relevantes para o uso de *a gente* incluíram a *explicitude do sujeito* (sujeito explícito, 0,658), *paralelismo discursivo* (verbo isolado, 0,651), *saliência fônica* (saliência esdrúxula, 0,924), *tempo verbal* (pretérito imperfeito do indicativo, 0,744), *faixa etária* (predominância entre os mais jovens, 0,608) e *escolaridade* (maior frequência entre os mais escolarizados, 0,697). O autor concluiu que o fenômeno está em processo de mudança linguística.

Mattos (2013) investigou a alternância entre as formas *nós* e *a gente*, bem como a concordância verbal com cada uma delas no falar goiano. Utilizou a metodologia da Sociolinguística Variacionista Laboviana. O corpus analisado consistiu em entrevistas gravadas de 55 informantes, todos com pelo menos 10 anos de escolarização. A análise de 2412 dados indicou uma preferência pela forma *a gente*, que ocorreu em 77% dos casos, enquanto a forma *nós* foi menos frequente, aparecendo em apenas 23% das ocorrências. Quanto à concordância verbal, observou que 22% das vezes em que *nós* foi usado, o verbo estava no singular, e em 3% das ocorrências de *a gente*, o verbo estava no plural. As variáveis sociais que mais influenciaram o uso de *a gente* foram *faixa etária, escolaridade e gênero*. Entre as variáveis linguísticas, *ritmo, tempo verbal e expressão do sujeito* se destacaram como as mais relevantes.

Foeger (2014) descreveu e analisou os fenômenos da alternância dos pronomes *nós* e *a gente* e da aplicação da concordância verbal de primeira pessoa do plural na fala dos moradores de Vitória/ES. Além disso, estabeleceu uma comparação entre o comportamento linguístico dos leopoldinenses e dos capixabas moradores de Vitória/ES. Sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008), foram analisados fatores linguísticos (a

explicitude do sujeito, o paralelismo, a referencialidade, a função sintática, o tempo verbal e a saliência fônica) e extralinguísticos (gênero/sexo, escolaridade e faixa etária dos falantes). A autora considerou, também, a variável estilística interação com a entrevistadora. O *corpus* utilizado nessa pesquisa é constituído por 32 entrevistas tipicamente labovianas (Labov, 2008) e, para a quantificação dos dados, utilizou-se o programa *GoldVarbX* (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005). Os resultados mostram que a substituição de *nós* por *a gente* em Santa Leopoldina parece ocorrer em ritmo mais lento que o constatado em Vitória, visto que a frequência de uso da forma inovadora é de apenas 53,9%, enquanto em Vitória o índice chega a 70,8%. Destacou-se, entre as variáveis sociais observadas, a atuação da faixa etária, que apresentou resultados bem diversos, não só de Vitória, mas também de outras regiões do Brasil, tais como Rio de Janeiro/RJ (Omena, 1986), Curitiba/PR (Tamanine, 2010), Iboruna/SP (Rubio, 2012) e Goiás/GO (Mattos, 2013), pois, nessas localidades, os jovens são os que mais fazem uso de *a gente*, ao passo que, entre os leopoldinenses, a única faixa etária que favorece a forma inovadora é a de 26 a 49 anos. Quanto à ausência de concordância, que parece ser uma marca da variedade rural, também são os mais jovens que mais a favorecem. No que se refere às variáveis linguísticas, o estudo ressaltou a atuação do tempo verbal, pois há a especialização do morfema *-mos* como marca de pretérito perfeito e o presente é o único em que há variação de concordância. A variável estilística também apresentou resultados significativos, sendo o uso do *nós* e o apagamento da concordância favorecidos quando a interação ocorre com quem está mais próxima da comunidade, isto é, com a entrevistadora (a autora deste estudo) que é natural do município.

Araújo (2016), à luz Teoria da Variação e da Mudança Linguística, delineada por Weinreich, Labov e Herzog (1968) e por Labov (1997, 2001, 2003), analisou a variação pronominal de primeira pessoa do plural, *nós* e *a gente*, nas suas possíveis funções sintáticas, a saber, *sujeito*, *objeto direto*, *objeto indireto*, *predicativo do sujeito* e *adjunto*, no falar popular de Fortaleza. Para tanto, utilizou uma amostra composta por 53 informantes provenientes do banco de dados Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR), analisando somente os inquéritos do tipo D2 (Diálogo entre Dois informantes). A estratificação social dos informantes foi feita de acordo com o sexo/gênero, a faixa etária e a escolaridade. Os fatores analisados foram: *função sintática*, *referência nós/a gente*, *marca morfêmica*, *tempo verbal*, *tipo de verbo*, *estrutura do verbo*, *paralelismo*, *preenchimento do pronome*, *posição do pronome em relação ao verbo* e *grau de simetria entre os interlocutores*, *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*. Nesse estudo, foi possível constatar que a variante inovadora *a gente* é notadamente mais usada que o *nós*. Para análise dos dados estatisticamente, usou a ferramenta

estatística Gold Varb X, por meio da qual realizou rodadas estatísticas para observar o comportamento das variantes, alcançando o seguinte resultado: *a gente* (67%) e *nós* (33%). Identificou que os falantes que possuem o mesmo sexo, na interação, apresentam maior liberdade para o uso da forma inovadora. Verificou que a forma pronominal *a gente* se mostrou em uma disputa com o pronome *nós* e os fatores mais relevantes para o pronome *a gente* foram tempo verbal (pretérito imperfeito do indicativo) e simetria entre informantes (mais jovens). O estudo concluiu que os resultados apontam para uma possível mudança em curso, pois os mais velhos predominam no uso da forma padrão, enquanto os mais jovens favorecem o uso da forma inovadora.

Scherre, Yacovenco e Naro (2018) discutiram o encaixamento linguístico da variação e mudança dos pronomes *nós* e *a gente* no português brasileiro. Analisaram as construções *nós* com o morfema plural *-mos* (*nós moramos/nós morávamos*), concordância plural; *nós* sem o morfema de plural *-mos* (*nós mora/nós morou/nós morava*), não concordância; *a gente* sem o morfema plural *-mos* (*a gente mora/a gente morou/a gente morava*), concordância singular. Fizeram análises conjuntas destas construções, as quais permitiram entender dinâmicas sociolinguísticas da implementação de *a gente* no sistema pronominal do português brasileiro. Baseados na Teoria da Variação e Mudança (Weinreich; Labov; Herzog, 2006) e nas propostas de Naro, Görski e Fernandes (1999), as quais foram remodeladas por Naro *et al.* (2017) e Scherre *et al.* (2014) reanalisaram 774 dados da fala da Baixada Cuiabana² e 1517 dados da fala de Vitória (capital do Espírito Santo, Sudeste), variedade sem traços característicos nítidos. Por meio dessas análises, verificaram que a Baixada Cuiabana favorece *nós* e Vitória expande *a gente*. Ainda segundo o estudo, verificaram que ambas privilegiam *nós* com *-mos* no pretérito perfeito. A Baixada Cuiabana usa mais *nós* sem *-mos* no imperfeito e no presente de forma igual à do pretérito. Para evitar *nós* sem *-mos*, perceberam que Vitória usa mais *a gente* sem *-mos* no imperfeito e no presente. Mais usos de *nós falamos*, *a gente falava* e *a gente fala* seguem fluxos de mais concordância em áreas urbanas (Naro; Scherre, 2013). Os fatos observados revelaram variação linguística ordenada e apontaram resolução intuitiva de conflitos sociolinguísticos associados à concordância verbal

² Baixada Cuiabana (estado do Mato Grosso, Centro-Oeste), variedade com traços característicos nítidos (presença da africada surda [tʃ] ou sonora [dʒ], em palavras que, em outras variedades do português brasileiro, se apresenta como fricativa alveopalatal, a exemplo de ['batʃu] em vez de ['baʃu], para baixo; rotacismo generalizado dos grupos consonantais bl, cl, gl, pl, como em assembleia [asem'breia], clareou [krari'o]; concordância variável de gênero (a) no interior do sintagma nominal, (b) entre o predicativo e o sujeito e (c) na retomada de sintagmas nominais femininos no plano discursivo [Uai, Nenê! Cadê a cozinheira nosso? E pois tudu dia ele traz água e o café pra nós!]).

variável.

Scherre, Naro e Yacovenco (2018) analisaram três construções com a primeira pessoa plural: padrão antigo – *nós* com *-mos* (*nós moramos*); não padrão – *nós* sem *-mos* (*nós mora*); padrão emergente – *a gente* sem *-mos* (*a gente morou/a gente mora*). Os dados analisados são de quatro amostras do português brasileiro – Santa Leopoldina-ES, Baixada Cuiabana -MT, Goiás e Vitória-ES – e foram analisados em oposições binárias e ternárias, por programas estatísticos da série Varbrul. Os resultados mostraram que a principal restrição é a saliência fônica - a clareza com que se percebe a presença ou ausência do morfema *-mos*. Quanto maior a saliência, maior a probabilidade de uso da forma com *-mos*. Especialmente no pretérito, onde a saliência tende a ser alta, observou-se uma sobreposição entre tempo e saliência fônica. Conforme os autores, pesquisas anteriores mostram que, para a terceira pessoa do plural, a saliência é um preditor mais eficaz que o tempo verbal. Já para a primeira pessoa do plural, essa sobreposição pode levar, em alguns contextos sociais e estruturais, a uma reanálise em que o morfema *-mos* é predominantemente usado para indicar o pretérito perfeito. O que ajuda a resolver a ambiguidade entre presente e pretérito nos casos padrão de *nós* com *-mos* (*nós moramos, preferencialmente pretérito*) e não padrão *nós* sem *-mos* (*nós mora, presente*). Para os autores, a construção nominal *a gente*, do substantivo latino *singular gens gentis* tribo, é inserida no sistema pronominal como primeira pessoa do plural, o que implica a criação de um padrão emergente, *a gente* sem *-mos*. Neste estudo, propuseram uma hierarquia da saliência levemente modificada, denominada de hierarquia da proeminência, discutiram análises binárias e ternárias e chegaram à conclusão de que processos diacrônicos de séculos passados emergem da análise sincrônica de dados hoje disponíveis.

Monteiro (2020) descreveu o comportamento da marcação de plural na P4 em Nova Iguaçu, município da área metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, em Copacabana, bairro turístico da cidade do Rio de Janeiro, e na Vila Cruzeiro, favela em morro da mesma cidade, identificando os fatores linguísticos e extralinguísticos para a realização das formas alternantes, com ou sem marcação padrão de pluralidade (*nós cantamos/nós canta* e *a gente canta/a gente cantamos*); verificou se os padrões de uso da concordância verbal na Vila Cruzeiro admitiam as mesmas tendências encontradas em Nova Iguaçu e Copacabana; discutiu o que o comportamento de P4 nas áreas fora da favela e o estudo de caso realizado na Vila Cruzeiro revelam sobre a urbanidade usualmente apresentada em estudos sociolinguísticos. Para tanto, comparou as ocorrências do estudo de caso e as encontradas no Banco de dados *Concordância* (www.corporaport.lettras.ufrj.br) – composto da fala de comunidades urbanas de Copacabana e Nova Iguaçu, supostamente menos periféricas –, partindo dos preceitos teórico-metodológicos

da Teoria da Variação e Mudança (Weinreich; Labov; Herzog, 2006).

Carvalho, Freitas e Favacho (2020) investigaram a alternância entre os pronomes *nós* e *a gente*, bem como a concordância verbal com esses pronomes na função de sujeito explícito, utilizando como base o projeto Português Oral Culto de Fortaleza – Porcufort. O termo *culto* no Porcufort refere-se à variedade usada por falantes com ensino superior completo em situações formais, inspirado na classificação do Projeto NURC. O *corpus* inclui falantes com formação universitária da década de 1990. As autoras reaplicaram a metodologia de Scherre, Yacovenco e Naro (2018), com foco na influência das variáveis linguísticas *tempo e tipo de paradigma verbal no modo indicativo*. Também incluíram na análise fatores como *referência genérica/específica dos pronomes e faixa etária*, considerados significativos pelo software estatístico Goldvarb X. Baseadas nos princípios da Sociolinguística Variacionista de Labov (2008), as investigadoras observaram que o uso de *a gente* sem a desinência *-mos* (60,7%), com concordância no singular, predomina sobre o uso de *nós* com *-mos* (39,3%), com concordância no plural. Este estudo também mostrou que *a gente* é favorecido em contextos de tempo presente, com formas verbais idênticas ao pretérito perfeito (ex.: *a gente fala/nós falamos*), o que ajuda a evitar ambiguidades temporais. Ademais, o estudo revelou que *a gente* é mais usado em referências genéricas e por falantes mais jovens da amostra.

Carvalho e Freitas (2020) averiguaram a avaliação e social das formas *nós* e *a gente* por estudantes universitários do curso de Letras da Universidade Federal do Ceará (UFC). Para tanto, consideraram uma amostra composta por 65 informantes. Apesar de não ser um número expressivo de informantes, as autoras obtiveram resultados notáveis ao analisar seus dados e outros estudos de avaliação sobre o mesmo fenômeno. Constataram que o estigma social relacionado à variável de primeira pessoa do plural se resguarda às formas de concordância não-normativa, contudo, *a gente* ainda luta para ser aceito na norma padrão e na escrita formal, que mais se assemelha às normas da gramática tradicional. O estudo verificou que *nós*, para a amostra de informantes, carrega traços de mais formalidade, enquanto *a gente* com concordância singular “se esgueira entre diversos tipos de discurso, sem grande notoriedade ou estigma, mas também sem prestígio ou reconhecimento na tradição” (Carvalho; Freitas, 2020, p. 141). Contudo, o estudo verificou que a forma inovadora *a gente* continua ganhando espaço no português brasileiro.

Carvalho, Freitas e Favacho (2020) investigaram a avaliação e percepção da alternância de *nós* e *a gente* e a concordância verbal com essas formas pronominais por participantes escolarizados de Fortaleza/CE. Partiram da premissa laboviana (2008), de que “os falantes atribuem valores e julgamentos às variantes linguísticas, sendo esses valores passíveis

de mensuração em testes de reação subjetiva.” (Carvalho; Freitas; Favacho, 2022, p. 42). As autoras elaboraram e aplicaram formulários de percepção e avaliação linguística inspirados em Eckert (2008) Campbell-Kibler (2009) Oushiro (2015) a fim de investigar os significados sociais atribuídos às variantes. Os formulários foram aplicados e disponibilizados pela plataforma *Google forms*, divulgados nas redes sociais, tais como: *WhatsApp*, *Telegram*, *Facebook*, *Instagram* e *Twitter* e compartilhados entre amigos de amigos. Para análise estatística, usaram a plataforma *RStudio*, por meio da qual foi possível observar a geração de frequência e proporção das respostas, além da criação da árvore de distâncias mínimas (Oushiro, 2019). Segundo o estudo, as formas *nós* e *a gente* com concordância receberam avaliação positiva, sendo a forma *nós* associada a prestígio-escolarização-bairros centrais, ao passo que a forma *a gente* foi associada à informalidade periferia urbana. Como resultado, verificaram que a variante inovadora *a gente* não sofre estigma pelos participantes escolarizados de Fortaleza, no entanto os ouvintes associam a ausência de concordância (*nós* sem *-mos*) a não escolarização, informalidade e uso de periferia urbana.

Freitas, Rodrigues e Santos (2021) conduziram um estudo em tempo real com base nos dados sociolinguísticos dos corpora Porcufort I e II, cobrindo as décadas de 1990 e 2010. O estudo analisou as variáveis linguísticas de referência do pronome (específica e genérica) e o tempo e tipo de paradigma verbal no modo indicativo, além das variáveis extralinguísticas de faixa etária, sexo e fase (comparando dados de 1990 e 2010). Para tal, os autores utilizaram 71 entrevistas estratificadas por gênero e idade. A análise foi realizada através de testes estatísticos e modelo de regressão logística no software R. Os resultados mostraram um aumento significativo no uso da forma inovadora *a gente* no português falado em Fortaleza, com uma prevalência de 62% em 1990 e 82% em 2010. Em termos de *faixa etária*, a forma *a gente* predominou entre os mais jovens, com índices de 88,29% na faixa de 22 a 35 anos em 1990, aumentando para 89,79% em 2010; 60,94% na faixa de 36 a 55 anos em 1990, para 92,11% em 2010; e de 45,61% na faixa acima de 56 anos em 1990 para 68,8% em 2010. A análise da variável *sexo* revelou que 60,63% das mulheres usavam *a gente* em 1990, aumentando para 79,17% em 2010, enquanto entre os homens, o uso subiu de 67,08% em 1990 para 88,51% em 2010. Os autores observaram que *a gente* é particularmente favorecido em tempos verbais específicos como o presente igual ao passado e o pretérito imperfeito do indicativo, com índices de 72,25% e 70,98% em 1990, e 94,31% e 90,1% em 2010, respectivamente. A interação entre as variáveis *sexo* e *faixa etária* indica que *a gente* avançou em todas as faixas, especialmente entre os homens, enquanto as mulheres mais velhas mantiveram uma preferência pela forma tradicional. Este estudo sugere que, embora *a gente* esteja ganhando espaço, ainda enfrenta

barreiras no ensino formal, onde não é totalmente aceito devido à sua associação com a fala coloquial e à falta de prestígio, conforme apontam Freitas, Rodrigues e Santos (2021, p. 23).

Silva (2020) investigou a variação pronominal *nós* e *a gente* na função de sujeito explícito no falar dos Fortalezenses, com base nos conceitos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (Weinreich, Labov, Herzog, 2006; Labov, 2008). O objetivo do estudo era analisar como os fatores linguísticos e sociais influenciam essa escolha. Utilizou o banco de dados do Projeto Dialetos Sociais Cearenses (Aragão; Soares, 1996), coletado entre 1987 e 1988, que inclui informações de 18 informantes de 11 bairros diferentes de Fortaleza. O software GoldVarb X (Sankoff, Tagliamonte, Smith, 2005) foi empregado para a análise estatística, que destacou a predominância do uso de *a gente* (69,4%) em comparação a *nós* (30,6%). A determinação do referente e o paralelismo formal foram as variáveis linguísticas mais significativas. *A gente*, conforme sugerem os resultados, é geralmente usado quando o referente é genérico ou indeterminado, enquanto *nós* aparece em contextos mais específicos. O estudo também indicou que a referência anterior pelo mesmo pronome aumenta a probabilidade de se escolher *a gente*. Os tempos verbais como *o presente*, *pretérito imperfeito* e *infinitivo* tendem a favorecer *a gente*, ao passo que o pretérito perfeito favorece *nós*. No que se refere aos fatores sociais, a pesquisa revelou que homens e a faixa etária mais jovem têm maior tendência a utilizar *a gente*.

Schmiguel (2022) pesquisou a influência da *escolaridade*, *idade* e o *contexto formal ou informal* na percepção social do uso das variantes pronominais *nós* e *a gente* no português do Ceará. Inspirado por métodos de Lambert et al. (1960), Campbell-Kibler (2006), e Oushiro (2015, 2019), o estudo utilizou estímulos escritos para examinar a imagem sociodemográfica e de personalidade de quatro grupos sociais dentro de uma comunidade escolar, assim como as associações e significados atribuídos a essas variantes. A pesquisa, fundamentada na Teoria da Variação e Mudança Linguística de Labov (1972 [2008]) envolveu 120 participantes, 40 professores e 80 alunos do ensino médio das oito macrorregiões do Ceará, utilizando uma abordagem quantitativa e qualitativa e o software SPSS para análise. Os resultados indicam que, conforme a percepção dos participantes, (i) o emprego das formas *nós* [-mos] e *a gente* [-0] pode estar relacionado à *escolarização*, à *faixa etária* e ao *contexto de formalidade/informalidade*; a variante *a gente* [-0] é pouco saliente na comunidade de prática e pode ser considerada do tipo marcador (Labov (1972 [2008])), sendo os alunos menos conscientes do uso dessa variante; (iii) as formas *nós* [-0] e *a gente* [-mos], que recebem o maior quantitativo de atribuições para os *perfis sociais* que representam alunos, especialmente os alunos homens, podem ser consideradas do tipo estereótipo (Labov, [1972] 2008); (iv) a

variante *a gente* [-mos] aparenta ser um fator de diferenciação dos professores dentro da comunidade de prática e sua associação ao verbo em primeira pessoa do plural indica traços de hipercorreção entre os alunos. Os resultados do estudo mostram que os participantes tendem a fazer maior número de menções às frases construídas com *nós* [-mos] ou *a gente* [-0] quando essas frases apresentam contextos linguísticos que favorecem a variante, corroborando a tendência apontada por Naro, Görski, Fernandes (1999), o que está em consonância com os dados de produção.

Carvalho e Santos (2023) investigaram como *o tempo e o tipo de paradigma verbal* influenciam a concordância verbal com pronomes de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* na fala de Fortaleza dos anos 1980, com base na teoria da variação e mudança linguística de Labov (2008 [1972]). O estudo utilizou dados do projeto Dialetos Sociais Cearenses, focalizando na alternância pronominal e na concordância verbal. Os resultados apontam que *a gente*, na amostra, é mais frequente do que *nós*. Estruturas como *a gente cantamos* são raras (apenas 2 ocorrências), enquanto *nós canta* aparece com mais frequência (31 ocorrências), porém limitadas a cinco participantes. Esses achados levaram à construção de um modelo de regressão logística para analisar apenas as estruturas de concordância padrão. Conforme os autores, embora todos os tempos verbais favoreçam o uso de *a gente* sem *-mos*, é importante destacar o fato de o pretérito perfeito do indicativo ter se mostrado um ambiente morfossintático de competição entre as variantes, resultado divergente de outros estudos que indicam a predominância do *nós* com *-mos* nesses ambientes (Scherre; Yacovenco; Naro, 2018). Os autores sugerem que essas discrepâncias podem ser devidas à diversidade social, quantitativa e temporal das amostras usadas, indicando a necessidade de pesquisas futuras com dados mais recentes para uma melhor compreensão da dinâmica dessas variantes pronominais.

Os resultados dos estudos de produção e percepção realizados em Fortaleza, a saber, Araújo (2016), Silva (2020), Carvalho, Freitas e Favacho (2020), Freitas, Rodrigues e Santos (2021a, 2012b), Schimiguel (2022) e Carvalho e Santos (2023) são significativos sobre o uso das variantes *nós* e *a gente* tanto na fala culta quanto na popular em Fortaleza e corroboram a tendência nacional de mudança linguística, com a crescente adoção de *a gente*. A forma *a gente*, ao que sugerem os resultados dos trabalhos supracitados, tem sido usada como estratégia para eliminar ambiguidades entre os tempos presente e pretérito perfeito do indicativo, em que a desinência canônica de primeira pessoa do plural é idêntica (*nós produzimos/ a gente produz/ a gente produziu*). Além disso, a maior frequência da variante inovadora é favorecida em contextos com verbos de baixa saliência fônica (*falava/falávamos; era/éramos*), confirmando a teoria de que quanto maior a saliência fônica, maior a possibilidade de usar a forma com -

mos (Scherre, Naro e Yacovenco, 2018), verbos *dicendi* (do falar/dizer: *a gente conversa/ nós conversamos*), sobretudo entre os falantes mais jovens. Essas conclusões indicam, conforme Schimiguel (2022), que há uma mudança em curso quanto ao uso dos pronomes de primeira pessoa no português falado no Brasil, apontando para um crescente uso da forma inovadora *a gente* ao longo do tempo.

Como é possível perceber, os estudos sobre a CV no PB vêm despertando bastante interesse em pesquisadores de várias partes do Brasil. Sobretudo porque a variação na CV é um fenômeno que foge à regra prescrita pelas Gramáticas Tradicionais (GTs), conteúdo gramatical esse, conforme Araújo (2016), que é bastante trabalhado no ensino formal da língua materna pelos professores de Língua Portuguesa (LP), visto que, segundo Monte (2007), é um dos tópicos gramaticais que os professores mais se empenham em corrigir nos seus alunos, pois a falta de concordância verbal padrão é estigmatizada. Acreditamos que nossa pesquisa pode trazer contribuições aos estudos Variacionistas no Brasil, por meio de mais resultados sobre esse tema, a partir de uma nova amostra, em nosso caso, extraída da comunidade de fala de Fortaleza - Ceará, em seu falar popular, utilizando o Banco de dados do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza - CE (NORPOFOR). Pretendemos, portanto, descrever e analisar as variáveis linguísticas e extralinguísticas que condicionam o comportamento variável da CV com a 1PP (*nós e a gente*), à luz dos preceitos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança (Weinreich; Labov; Herzog, 2006).

Nossa pesquisa visa a contribuir, também, para o ensino de línguas, visto que trata da descrição da língua em uso, na medida em que este deve ser pautado na diversidade linguística, além de fornecer subsídios descrito-analíticos para planejamento linguístico, elaboração de materiais didáticos, para a investigação forense, dentre outros.

Embora já contemos com diversos estudos variacionistas sobre a variação na concordância verbal na 1PP (*nós e a gente*), grande parte das nossas gramáticas tradicionais, como a de Rocha Lima (2000), por exemplo, não leva em conta a oralidade e não inclui sequer a expressão sujeito *a gente* como forma pronominal, o que, indiretamente, favorece a consolidação do preconceito frente à variação linguística, visto que apenas a forma *nós* é apresentada como pronome de primeira pessoa do plural (Bueno, 2003).

No capítulo a seguir, delineamos a metodologia utilizada para a realização de nosso trabalho.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo, descreveremos os passos metodológicos para a realização de nossa pesquisa.

Primeiramente, devido à natureza da pesquisa, a qual envolve seres humanos e coleta de dados pessoais, tivemos de submeter o projeto de pesquisa à Plataforma Brasil, para que tivéssemos a aprovação do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) e do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do CEARÁ (CEP-UFC), para, então, darmos início à nossa coleta de dados. Conforme Araújo (2011), todos os informantes/participantes do NORPOFOR, banco de dados usado nesta pesquisa, à época, foram esclarecidos acerca dos objetivos da pesquisa e preencheram formulários de participação e consentimento de uso dos dados em pesquisas linguísticas. A professora Aluíza Alves de Araújo, coordenadora do projeto NORPOFOR e fiel depositária dos inquéritos que registram atos de falas dos informantes participantes do projeto, gentilmente, autorizou-nos a utilizar tais inquéritos do banco de dados para fins de nossa pesquisa. Em seguida, solicitamos ao CEP – UFC a dispensa do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme preconizado pela Lei Geral de Proteção de Dados – LGPD (Lei 13.709 de 2018) e as resoluções de número 466/2012 e 510/2016 de ética para ciências humanas e sociais, o que se justificou pelo fato de os inquéritos fazerem parte de um banco de dados concluído e disponível à academia e, por não haver necessidade de recontactar os informantes, o que não gerou riscos aos participantes da pesquisa ou prejuízos ao bem-estar deles. Após a submissão do nosso projeto de pesquisa, obtivemos o parecer consubstanciado do CEP – UFC, o qual foi aceito e encontra-se disponível no Apêndice A.

4.1 O método de pesquisa: de abordagem e procedimento.

Conforme Tarallo (2006), a Sociolinguística Variacionista ou Sociolinguística Quantitativa utiliza dados estatísticos de fenômenos variáveis. Essa abordagem oferece acesso a informações de extrema relevância em termos de teoria de probabilidade, pois nos permite avaliar, quantitativamente, as tendências que influenciam na mudança do fenômeno em estudo.

Para Guy (1993), a pesquisa quantitativa está para além de resumir e apresentar números; seu propósito, segundo o autor, está em identificar e explicar fenômenos linguísticos, como a variação na concordância verbal de *nós* e *a gente*, presentes em uma comunidade de fala.

Dito isso, nossa pesquisa está ancorada no método de abordagem hipotético-

dedutivo, o qual, conforme Markoni e Lakatos (2003, p. 106), “se inicia pela percepção de uma lacuna nos conhecimentos, acerca da qual formula hipóteses e, pelo processo de inferência dedutiva, testa a predição da ocorrência de fenômenos abrangidos pela hipótese”. Quanto aos métodos de procedimentos, seguiremos o método estatístico, do qual também tratam Markoni e Lakatos (2003).

Desenvolvemos uma pesquisa descritiva, visto que, consoante Gil (2002), este tipo de pesquisa privilegia a descrição de determinados fenômenos e populações. Nossa pesquisa é de cunho quantitativo-qualitativo. O primeiro se justifica pelo fato de que objetivamos, por meio de uma análise quantitativa, observar as ocorrências da variação linguística na Concordância Verbal (CV) com a Primeira Pessoa do Plural (PP1) em Fortaleza- Ceará a fim de descobrir quais os fatores linguísticos e extralinguísticos que propiciam esta variação e verificar se a comunidade de fala estudada segue a tendência de concordância verbal de outros estudos realizados em diferentes regiões do Brasil e quais as são as motivações para este uso.

A metodologia da pesquisa sociolinguística é feita através da busca de informantes em uma determinada comunidade de fala, dado que alguns procedimentos devem ser adotados e seguidos, no que se referem à definição do universo da amostra e ao tamanho e estratificação dessa amostra coletada. Este processo parte da intuição do pesquisador da comunidade analisada. Nele, é possível levantar algumas hipóteses baseadas em *fatores socioeconômicos, sexo/gênero, faixa etária* e outros fatores externos à língua. Para isso, é necessário escolher informantes de diferentes grupos socioeconômicos, homens e mulheres, os quais constituirão as células sociais, para saber quais fatores realmente influenciam na variação da forma padrão e não-padrão da língua. Ademais, condições de ordem linguística, ou seja, internas à língua, poderão também ser fatores condicionadores da variação e deverão ser considerados variáveis, como na pesquisa que desenvolveremos, por exemplo, *a explicitude do sujeito, o tempo e tipo de paradigma verbal e determinação do referente*.

No que se refere ao tamanho da amostra que as pesquisas sociolinguísticas utilizam quanto à estratificação, deve-se considerar dimensões sociais que são relevantes para a variação, pois estas refletem na constituição de células sociais. Estas células sociais, conforme Tarallo (1986), são constituídas por um determinado conjunto de pessoas que foram agrupadas pelas mesmas características sociais relevantes para a análise dos fenômenos de variação e mudança linguísticas. Essas características que unem indivíduos em uma mesma célula social seguem os critérios de estratificação social relevantes para a pesquisa sociolinguística.

Para a efetivação da pesquisa, cumprimos as seguintes etapas (i) coleta de dados; (ii) quantificação de dados por meio de ferramenta estatística e (iii) análise de dados. Inicialmente, procedemos da análise de *corpus*, o qual provém do banco de dados Norma Oral

do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR). Em seguida, investigamos quais fatores condicionam o uso variável na concordância verbal padrão de primeira pessoa do plural, a fim de mensurar a proporção de CV na PP1 *versus* a não CV na PP1 na comunidade de fala estudada.

4.2 Constituição do *Corpus*/Universo da amostra

Ancorados em Labov (2008), corroboramos a ideia de que a língua deve ser analisada em seu contexto social. Por isso, para esta pesquisa, seguindo o modelo de abordagem teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, analisaremos a língua a partir de dados de fala autênticos da comunidade de fala de Fortaleza-Ceará. Concordamos com Oushiro (2015), a qual afirma que as entrevistas sociolinguísticas não apenas oferecem dados de fala mais próximos ao coloquial, mas também constituem informações autênticas, o que possibilita que os falantes sejam humanizados e dotados de sua história e cultura.

O *corpus* desta pesquisa é constituído por amostras de fala extraídas do banco de dados do projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR), um projeto desenvolvido pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), o qual, segundo Araújo (2011), seguiu os procedimentos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista.

4.3 Procedimentos para coleta de dados

Como mencionado, optamos pelo NORPOFOR por este ser um banco de dados do falar popular de Fortaleza e por apresentar uma distribuição equilibrada de informantes por célula, além de possuir um número expressivo de participantes. Isso o torna um banco de dados eficaz para capturar as nuances do dialeto fortalezense.

Conforme Araújo (2011), a intenção, ao realizar esse projeto foi a de documentar e disponibilizar dados representativos do falar popular do fortalezense. As gravações do NORPOFOR foram realizadas de agosto de 2003 a julho de 2006 e, em grande parte, feitas por professores e alunos do curso de Letras da Universidade Estadual do Ceará (UECE). O modelo teórico-metodológico que desse banco de dados segue as exigências de Labov (2008), o qual estabelece critérios que devem ser levados em conta ao selecionar o informante que irá participar das gravações para o banco de dados, com o objetivo de relatar de maneira fidedigna o falar de uma comunidade de fala.

Segundo Araújo (2011), o NORPOFOR é formado por 198 informantes que

atendem os seguintes requisitos:

São fortalezenses natos ou vieram morar nesta cidade com, no máximo, cinco anos de idade; possuem pais cearenses; nunca se ausentaram de Fortaleza por um período superior a dois anos consecutivos; mantém residência fixa na capital cearense. Estes critérios foram adotados com o objetivo de neutralizar a interferência dos falares de outras regiões. (Araújo, 2011, p.838)

De acordo com Araújo (2011), os informantes eram distribuídos de acordo com o sexo (masculino e feminino), a faixa etária (I – 15 a 25 anos; II – 26 a 49 anos; III – a partir dos 50 anos), a escolaridade (A: 0 a 4 anos; B: 5 a 8 anos; e C: 9 a 11 anos) e o tipo de registro (DID – Diálogo entre Informante e Documentador; D2 – Diálogo entre Dois Informantes; e EF – Elocução Formal).

Com o propósito de assegurar que os informantes atendiam aos requisitos necessários para participar da pesquisa, antes de cada entrevista, segundo Araújo (2011), os informantes preenchem uma ficha, contendo suas informações econômicas e culturais. Ademais, a ficha permitia que o entrevistador tivesse o conhecimento mínimo sobre o informante, o que facilitava a elaboração de perguntas.

Conforme Araújo (2011), os informantes eram informados sobre a gravação dos inquéritos somente após a conclusão das entrevistas, para evitar que isso influenciasse a maneira como falavam. Inicialmente, aos participantes eram informados apenas que as gravações tinham fins históricos e culturais. Ao finalizar a entrevista, o documentador explicava o verdadeiro propósito da investigação ao entrevistado: compilar um banco de dados para pesquisa linguística. Segundo a autora, não houve dificuldades em obter a permissão para uso das gravações, pois todos os informantes estavam cientes de que suas identidades seriam mantidas em total sigilo.

Como mencionado, há três tipos de inquéritos no NORPOFOR: DID (Diálogo entre Informante e Documentador) com 85 participantes, D2 (Diálogo entre Dois Informantes), com 74 participantes e EF (Elocução Formal), com 39 participantes. Segundo Araújo (2011), os inquéritos do tipo DID apresentam um nível médio de formalidade; o D2 apresenta gravações mais espontâneas, visto que raramente há interferência do documentador e os participantes já se conhecem, pois são amigos ou parentes; o EF apresenta o nível de formalidade maior, pois se trata de gravações planejadas, visto que, geralmente, nesse tipo de elocução, o locutor prepara seu discurso para falar em público.

A seguir, no Quadro 1, apresentamos a distribuição dos informantes do NORPOFOR:

Quadro 1 – Distribuição dos informantes do NORPOFOR

Registro	SEXO																	
	Homem									Mulher								
	DID			D2			EF			DID			D2			EF		
Escolaridade	0-4	5-8	9-11	0-4	5-8	9-11	0-4	5-8	9-11	0-4	5-8	9-11	0-4	5-8	9-11	0-4	5-8	9-11
Faixa Etária 15 a 25Anos	5	4	5	4	4	5	2	2	4	4	5	4	2	5	5	0	0	2
26 a 49Anos	4	5	5	4	4	4	4	3	4	5	5	5	4	5	5	0	5	4
50 em diante	5	6	5	3	3	4	3	2	1	4	5	4	4	5	4	1	1	1
Total	14	15	15	11	11	13	09	07	09	13	15	13	10	15	14	01	06	07
	44			35			24			41			39			13		
	104									94								
	198																	

Fonte: Araújo (2011)

Para nossa pesquisa, utilizamos os inquéritos do tipo DID (Diálogo entre Informante e Documentador), por apresentarem maior equilíbrio na distribuição dos informantes por registro.

Selecionamos uma amostra constituída por 85 informantes, os quais foram estratificados em função da faixa etária, sexo e anos de escolarização. Selecionamos os informantes, por células, de acordo com a quantidade existente no *corpus*, totalizando 85 informantes, divididos em: 41 informantes do sexo feminino e 45 informantes do sexo masculino. Apesar de haver diferença na quantidade de informantes por sexo, pois temos 4 informantes do sexo masculino a mais que os do sexo feminino, não excluímos nenhum informante, visto que encontramos muitos dados do nosso objeto de estudo e o tratamento estatístico, com efeito aleatório e regressões lineares, acreditamos, dará conta de não enviesar os resultados de nosso estudo. Para sua delimitação, adotamos alguns critérios, a saber: a) Faixa etária; b) Sexo e c) Escolaridade.

Ao iniciar nossa pesquisa, partimos do pressuposto de que a variação linguística é resultado da interação entre fatores que podem ser tanto linguísticos quanto extralinguísticos. Durante a análise, demos destaque aos fatores e variáveis que exercem influência na variação da concordância verbal na primeira pessoa do plural. Além disso, exploramos a relação desse fenômeno com aspectos sociais, como *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*.

Posteriormente, iniciamos a análise a fim de verificarmos a variação da concordância verbal na primeira pessoa do plural na fala desses informantes, com o fito de identificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que, por hipótese, podem estar associados ao uso da concordância verbal de 1PP.

Em seguida, apuramos se, em termos de proporção, a presença de CV com as formas pronominais na 1PP é mais recorrente que a ausência de CV com as formas pronominais na 1PP em Fortaleza- Ceará.

A seguir, exibiremos, na tabela 1, a distribuição dos informantes por variáveis sociais:

Tabela 1 – Distribuição dos informantes por células sociais: amostra desta pesquisa.

Escolaridade Faixa etária	SEXO					
	MASCULINO			FEMININO		
	0 a 4 Anos	5 a 8 anos	9 a 11 anos	0 a 4 Anos	5 a 8 anos	9 a 11 anos
15 a 25 anos	5	4	5	4	5	4
26 a 49 anos	4	5	5	5	5	5
A partir de 50 Anos	5	6	5	4	5	4
Total por coluna	14	15	15	13	15	13
Totalidade por sexo		44			41	

Fonte: Adaptado de Araújo (2011)

Na Tabela 1, é possível observar a distribuição dos inquéritos de acordo com as variáveis sociais, conforme descrito no NORPOFOR. Verificamos que há 44 inquéritos relacionados ao sexo masculino, distribuídos por faixa etária e escolaridade. Da mesma forma, procedemos com essa distribuição para os inquéritos relacionados ao sexo feminino, porém com um total de apenas 41 inquéritos. Essa abordagem proporcionou uma maior organização em relação aos informantes, permitindo uma visualização mais clara de cada célula presente na tabela mencionada. O instrumento de coleta de dados deste estudo consiste em entrevistas semiestruturadas, seguindo a metodologia laboviana.

Após a seleção e coleta, os dados transcritos serão transportados para uma planilha .csv. Posteriormente, adotaremos a linguagem R (R Core Team, 2020), por meio do ambiente *RStudio*, para o tratamento estatístico, análise descritiva e inferencial bem como a elaboração dos gráficos.

Nos anexos B e C, disponibilizamos o quadro síntese contendo as informações de cada informante dividido pelas variáveis sociais selecionadas para compor o banco de dados desta pesquisa.

4.4 Envelope da Variação

Esta pesquisa trata de um fenômeno variável, a Concordância Verbal com a primeira pessoa do plural no Português falado em Fortaleza, que engloba quatro variantes, possibilidades de concordância com os pronomes de primeira pessoa do plural, *Nós* e *A gente*, os quais podem ser visualizados a seguir, nas ocorrências retiradas do corpus desta pesquisa, o NORPOFOR:

a) **Nós sem -mos (verbo na 3PS)**

(01) [...] eu... C. careca... Z. M. B. e *outros pessoal...* continua vivo... e **nós continua** lutando... pela não saída do Pirambu como (eles querem fazer) eles têm muito recurso pra poder fazer...” (DID, NORPOFOR, informante 16, homem, 73 anos)

b) **Nós com -mos (verbo na 1PP)**

(02) “[...], mas sabe Deus ele é justo ele é fiel, mas **nós somos** falhos e faltosos, né, mas eu vou voltar novamente aos meus trabalhos...” (DID, NORPOFOR, informante 63, mulher, 50 anos)

c) **A gente sem -mos (verbo na 3PS)**

(03) “[...]eu tenho mais saudade da minha adolescência não é porque a gente... naquela época a gente é... tinha as *namoradzinhas*, aí **a gente ia** pro (mark do boga)... Paixão de Cristo e é ali no fim da Dom Manuel, teatro São José...” (DID, NORPOFOR, informante 69, homem, 76 anos)

d) **A gente com -mos (verbo na 1PP)**

(04) “[...] namorei um menino, o primeiro menino, o nome dele era Alexandre, mas aí eu deixei ele... **a gente ficamos** um mês ou foi dois... não, foi um mês. A gente ficamos... pronto, a gente ficamos, aí, agora, a gente pegamos e se deixamos e nós somos *amigo mermo...*” (DID, NORPOFOR, informante 04, mulher, 15 anos)

Nesta seção, apresentaremos a delimitação da variável dependente e sua relação com as variáveis independentes formando, assim, uma base para a análise do objeto de estudo de nossa pesquisa.

Para analisar o que favorece as realizações da concordância padrão ou não padrão das

formas pronominais *nós/a gente*, controlamos variáveis de naturezas linguística e extralinguística, as quais se revelaram relevantes em trabalhos anteriores, em diferentes regiões do Brasil. Como dito anteriormente, este fenômeno vem sendo extensivamente estudado no português brasileiro ao longo do tempo (Naro; Görski; Fernandes, 1983; Omena, 1996, 2003; Albán; Freitas, 1991; Fernandes; Görski, 1986; Monteiro, 1990, 1994; Freitas, 1991; Lopes, 1993, 1998, 2003; Fernandes, 1997; Naro; Görski; Fernandes, 1999; Mendes, 2007; Zilles, 2007; Lucchesi, 2009; Ramos; Bezerra; Rocha, 2009; Rubio, 2012; Mattos, 2013; Foeger, 2014; Araújo, 2016; Freitag, 2016; Vitória, 2017; Feitosa; Vitória, 2018; Silva, 2020; Carvalho; Freitas; Favacho, 2020, 2022; Freitas; Rodrigues; Santos, 2021; Carvalho; Santos, 2023, para citar apenas alguns desses trabalhos. Além disso, é importante ressaltar que alguns desses trabalhos abordam a alternância entre *nós/a gente*, enquanto outros se concentram na concordância verbal com esses sujeitos pronominais.

Nas seções a seguir, descreveremos a constituição da regra variável em análise (variável dependente) e dos grupos de fatores que controlamos ao longo de nossa pesquisa (variáveis independentes), os quais acreditamos operarem como condicionadores do fenômeno.

4.4.1 Variável dependente

Conforme discutido anteriormente, a variável central deste estudo é a variação da concordância verbal (CV) com a primeira pessoa do plural (1PP), *Nós* e *A gente*, conforme ilustrado abaixo:

a. nós com -mos (verbo na 1PP)

(05) “Meu Deus do céu que mundo esse que **nós estamos**, sabe... um mundo tão violento...” (DID, NORPOFOR, informante 58, mulher, 38 anos).

b. nós sem -mos (verbo na 3PS)

(06)[...] **nós tinha** barco de pesca... nós tinha jangada... nós tinha jangada motorizada... tinha tudo... peixe aqui no Pirambu era que não faltava... peixe da melhor qualidade... nós só tinha o capricho... (DID, NORPOFOR, informante 16, homem, 73 anos).

c. a gente sem -mos (verbo na 3PS)

(07) “... É grupo aberto... as pessoas vão no dia que querem, no dia que podem sabe?”

é assim... é muito bom... agora **a gente tá** nesse outro grupo há seis meses...” (DID, NORPOFOR, informante 35, mulher, 37 anos).

d. A gente com -mos (verbo na 1PP)

(08) “a gente foi sem nenhum *tustão*... aí chegamos lá o guarda né... o guarda tentou impedir a nossa passagem né... ele tentou impedir a nossa passagem... eu disse para ele: olhe rapaz é o seguinte a gente... **a gente somos** ocupantes de um... né... somos ocupantes de uma área que pertence aqui a ferrovia... a REFESA e recebemos um comunicado do superintendente...” (DID, NORPOFOR, informante 32, homem, 52 anos).

As ocorrências (05), (06), (07) e (08) foram extraídas de entrevistas sociolinguísticas realizadas com 85 participantes dos inquéritos do tipo DID (Diálogo entre informante e documentador), cujas transcrições estão disponíveis no banco de dados do projeto NORPOFOR. Esses participantes foram estratificados com base em *sexo*, *faixa etária* e com *nível de escolaridade* até o ensino médio (Araújo, 2011). As informações entre parênteses correspondem à estratificação social dos participantes da pesquisa, a qual foi adotada com base no corpus de dados de fala do projeto NORPOFOR. Essa ordem inclui o tipo de inquérito, o banco de dados da pesquisa, a identificação do participante da amostra, sexo do informante (mulher ou homem) e idade.

Inicialmente, foram coletados dados considerando as quatro variantes, previamente ilustradas, para fins de coleta e quantificação de dados.

4.4.2 Variáveis independentes

As variáveis independentes podem ser linguísticas ou extralinguísticas, ou seja, dizem respeito aos condicionamentos sociais e linguísticos que, por hipótese, podem (des)favorecer a aplicação da regra de concordância. Para as variáveis linguísticas, testamos *a explicitude do sujeito*, *o tempo e tipo de paradigma verbal*, e *a determinação do referente*; já para as extralinguísticas, *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*. Os grupos de fatores independentes que controlamos neste trabalho, descritos a seguir, bem como as hipóteses motivadoras foram elaborados a partir da leitura de trabalhos anteriores.

Para a seleção do grupo de fatores de controle, baseamo-nos nas pesquisas de Scherre, Yacovenco e Naro (2018), Araújo (2018), Carvalho, Freitas e Favacho (2020), Silva

(2020) Freitas, Rodrigues e Santos (2021) e Carvalho e Santos (2023), considerando os fatores relevantes destacados nesses estudos, especialmente aqueles relacionados a dados de falantes fortalezenses. Conforme Guy e Zilles (2007), a replicação de variáveis e a adoção de critérios de análise semelhantes constituem uma prática comum na pesquisa empírica em sociolinguística. Salientamos que alguns dos autores supracitados para a seleção do grupo de fatores do nosso estudo conduziram suas pesquisas com bancos de dados distintos do qual utilizamos nesta pesquisa, outros, apesar de usarem o mesmo banco de dados, trabalharam com tipos de inquéritos diferentes dos nossos.

4.4.3 Variáveis extralinguísticas

As variáveis extralinguísticas controladas foram as seguintes:

4.4.3.1 Faixa etária

Como dito anteriormente, a *faixa etária* é um fator importante para entender o comportamento linguístico e determinar se há uma mudança linguística em andamento.

Conforme Freitag (2005), a faixa etária é uma variável muito complexa, já que está associada a diversos aspectos sociais, incluindo redes sociais, mercado de trabalho e educação. Por isso, as análises dos resultados da correlação entre diferentes faixas etárias requerem atenção cuidadosa, pois, conforme a autora, nem todas as mudanças observadas na distribuição dos resultados por faixa etária refletem apenas a idade dos participantes do estudo.

Segundo Naro (2003), é essencial reconhecer que diferentes grupos etários exibem padrões linguísticos distintos: os mais jovens tendem a adotar formas inovadoras, influenciados por seu desejo de expressar novidade, enquanto os mais velhos frequentemente preferem formas padrão, uma escolha possivelmente reforçada por pressões sociais como as exigências do mercado de trabalho.

Rubio (2012a) destaca a importância de comparar os extremos das faixas etárias em estudos sociolinguísticos, argumentando que “as mudanças em progresso são mais evidentes nessas faixas devido às grandes diferenças de comportamento entre elas.” (RUBIO, 2012a, p. 280).

O estudo de Rubio (2012a) revelou que tanto os falantes mais jovens quanto os mais velhos apresentam padrões similares de concordância verbal com o pronome *nós*, alcançando frequências altas de 83,8% entre os 16 a 25 anos e 81,8% entre os acima de 55 anos.

Similarmente, ambos os grupos mostraram altas frequências de concordância com o pronome *a gente* em terceira pessoa do singular, com 95,6% para os mais jovens e 95,9% para os mais velhos.

Na pesquisa de Rubio (2012a), os falantes de 26 a 35 anos demonstraram um comportamento distinto, com as menores taxas de concordância verbal para *nós* (78%) e *a gente* (90%) na primeira e terceira pessoa, respectivamente. Esta faixa etária tende a usar formas menos padrão, sugerindo uma maior probabilidade de usar *nós* sem a concordância plural (sem *-mos*) e *a gente* com a concordância plural (com *-mos*), indicando uma transição no uso linguístico entre os jovens adultos.

Scherre, Yacovenco e Naro (2018) sugerem que uma possível explicação para a tendência de uso da expressão em primeira pessoa do plural *nós* no Português Brasileiro pode estar associada ao estigma social ligado ao uso da concordância não padrão *nós* [-0]. Este uso é percebido de maneira negativa socialmente, ou seja, é estigmatizado, o que influencia as escolhas linguísticas dos falantes. Segundo os autores, “a implementação de uma variante não estigmatizada - a gente sem *-mos* -, com concordância singular, se dá para evitar uma variante estigmatizada – nós sem *-mos*, sem concordância plural” (SCHERRE; YACOVENCO; NARO, 2018, p. 24).

Segundo Duarte (1995), os jovens são os principais usuários da variante *a gente* e a empregam de forma mais marcante. Esse padrão evidencia como a faixa etária, uma categoria sociodemográfica importante, exerce influência significativa sobre a expressão do sujeito no português brasileiro.

Para esta variável, nossa hipótese é a de que os mais jovens usam mais a forma inovadora *a gente* com a concordância na terceira pessoa do singular, ao passo que os mais velhos usam mais a forma *nós* com concordância na primeira pessoa do plural.

Neste estudo, realizamos uma análise comparativa entre três diferentes grupos etários quanto ao uso da concordância verbal com a primeira pessoa do plural, *Nós* e *A gente*. Utilizamos dados de um banco que abrangeu os anos de 2003 a 2006, refletindo as faixas etárias da comunidade falante de Fortaleza durante esse período, para examinar as mudanças temporais no uso linguístico.

Conforme a estratificação do NORPOFOR, as faixas etárias foram divididas em três grupos: I (15 a 25 anos), II (26 a 49 anos) e III (50 anos ou mais). Dessa forma, será possível investigar especificamente como cada grupo etário pode influenciar ou refletir a variação de CV com a 1PP na comunidade de fala de Fortaleza.

4.4.3.2 *Sexo/gênero*

A variável *sexo/gênero* é bastante relevante para os estudos sociolinguísticos. Dentro desses estudos, essa variável é uma das mais estudadas. Como mencionado, um exemplo clássico é o estudo de Fisher (1958), que analisou a alternância entre "in" e "ing" em terminações verbais em inglês, um fenômeno comum na fala de crianças em processo de alfabetização em uma vila semi-rural da Nova Inglaterra. Fisher observou que a forma padrão "ing" era mais utilizada por crianças do sexo feminino do que por crianças do sexo masculino.

Labov (2003) destaca que homens e mulheres exibem comportamentos sociolinguísticos distintos. Conforme o autor, as mulheres têm maior sensibilidade às normas sociais, o que as leva a preferir variantes linguísticas consideradas socialmente prestigiadas, enquanto os homens podem ser menos inclinados a seguir essas normas. Esse padrão reflete diferenças de comportamento linguístico baseadas no gênero.

No estudo de Scherre e Yacovenco (2011), as autoras retomam discussões labovianas sobre o *Paradoxo do Gênero*, o qual apresenta diferenças instigantes, conforme o tipo de mudança. Segundo Labov (2001), em mudanças com consciência social, as mulheres tendem a adotar variantes de prestígio mais do que os homens. No entanto, em mudanças que ocorrem sem consciência social, são as mulheres que frequentemente lideram na adoção de formas inovadoras. Essa dualidade destaca um papel complexo das mulheres na dinâmica da mudança linguística.

A inclusão dessa variável pode revelar como o sexo/gênero do falante influencia a variável dependente na pesquisa. Embora as mulheres geralmente prefiram variantes de maior prestígio, estudos como o de Bortoni-Ricardo (1985) mostram que elas também são inovadoras, buscando igualdade educacional e econômica com os homens.

Conforme Freitag (2015), é necessário analisar a relação entre o uso das variantes e os papéis sociais desempenhados por homens e mulheres nas comunidades.

Labov (2006) observa que, apesar das mudanças significativas na posição socioeconômica das mulheres, elas continuam mais envolvidas na educação das crianças e ocupam um status social menos favorecido. Isso implica que as mulheres podem tender a preservar em seus comportamentos linguísticos as formas consideradas mais prestigiadas, como uma maneira de manter ou melhorar seu status social.

A variável *sexo/gênero* será controlada neste estudo, a fim de verificar se influencia a concordância padrão ou a não padrão. Temos, por hipótese, que na comunidade de fala de Fortaleza as mulheres tendem a usar mais a concordância padrão, por se tratar da variante de maior prestígio

social, ao passo que os homens, ao contrário, tendem a favorecer a concordância não padrão.

Dessa maneira, conforme a metodologia do NORPOFOR, dois fatores principais serão controlados em nossa amostra, baseados na variável gênero/sexo:

a) homens e

b) mulheres

Essa estratificação proporcionará uma análise mais detalhada e direcionada dos comportamentos linguísticos associados a cada gênero.

4.4.3.3 *Escolaridade*

A variável escolaridade será analisada também, dada a sua relevância para as pesquisas sociolinguísticas. Em geral, estudos indicam que níveis mais altos de escolaridade podem aproximar a fala e a escrita dos indivíduos com o modelo linguístico promovido pela escola, o qual, geralmente, reflete um padrão associado a posições sociais mais elevadas. Essa tendência sugere que a educação formal influencia a adoção de formas de linguagem consideradas de prestígio, o que é apontado por autores como Faraco (2008) e Votre (2012).

Os estudos sociolinguísticos destacam uma tendência relacionada à concordância verbal com 1PP: informantes com pouca ou nenhuma escolaridade, frequentemente, apresentam uma ausência de CV em seu discurso. Em contraste, os informantes com mais níveis de escolaridade tendem a usar a CV com mais frequência.

Cabe destacar que a variação na concordância verbal (CV) com a primeira pessoa do plural (1PP) é um fenômeno socialmente marcado. Existe uma forma tradicionalmente preservada pela escola, a qual contrasta com outra forma estigmatizada e frequentemente sujeita a correções e críticas nas instituições educacionais.

Portanto, temos, por hipótese, que indivíduos com pouca ou nenhuma educação formal tendem a utilizar menos as formas linguísticas prestigiadas e tradicionalmente ensinadas nas escolas, no caso deste estudo a CV com a 1PP, recorrendo mais frequentemente a variantes não prestigiadas da língua.

Em nossa estratificação, os informantes são divididos em três grupos quanto à escolaridade: Faixa etária I - 0 a 4 anos, Faixa etária II - 5 a 8 anos e Faixa etária III: 9 a 11 anos. No Brasil, esses três grupos se referem à educação básica, a qual está dividida em Ensino

Fundamental Inicial e Final e Ensino Médio. Como dito, por se tratar de um *corpus* de norma popular, nenhum dos informantes do NORPOFOR possui nível superior.

4.4.4 Variáveis linguísticas

As variáveis linguísticas que investigamos foram as seguintes:

4.4.4.1 A explicitude do sujeito

Objetivamos investigar, em nosso trabalho, a concordância verbal observando como se dá a expressão de sujeito, se explícita ou implícita, e de que forma a presença ou ausência de sujeito está associada à Concordância Verbal com a IPP.

Nos estudos da variação pronominal no português, o pronome *nós*, frequentemente, permite sujeitos não explícitos devido às desinências verbais claras, como em "falamos", a quais identificam claramente o sujeito como *nós*. Por outro lado, *a gente*, que se conjuga com a terceira pessoa do singular (como em "ele fala" ou "a gente fala"), pode levar a ambiguidades quando o sujeito não é explícito. Portanto, o uso explícito do sujeito, temos como hipótese, tende a favorecer *a gente*, ao passo que sujeitos implícitos tendem a favorecer *nós*. Podemos confirmar essa tendência no estudo de Araújo (2016), cujo trabalho apresentou um uso bastante expressivo das ocorrências com sujeito explícitos analisadas, as quais apontaram para 70,1% de uso para a variante *a gente*:

O sujeito preenchido é franco aliado da forma *a gente* (70,1% e peso relativo 0,575), o que pode colaborar para a validação da hipótese da mudança no parâmetro do sujeito. Já o sujeito nulo inibe a aplicação da regra (6,4% e pr. 0,020) (Araújo, 2016, p. 82).

Conforme Araújo (2020), essa é uma tendência no Brasil, visto que alguns estudos sociolinguísticos apresentam resultados significativos quando consideram essa variável. Para o autor, "o sujeito preenchido é cada vez mais uma característica da nossa língua" (Araújo, 2020, p. 157).

Segundo Schmiguel (2022), a observação sobre o aumento de sujeitos preenchidos no Português Brasileiro (PB) com a variante *a gente* pode ser explicada por duas hipóteses principais. Conforme a autora, a primeira considera a faixa etária dos falantes, visto que os jovens são os que mais utilizam *a gente*, e fazem isso de forma marcante. Esse comportamento

influencia diretamente na maneira como o sujeito é expresso no PB. Como mencionado anteriormente, na seção sobre os fatores sociais, esta tendência reflete o impacto significativo que a idade tem na escolha e uso das formas linguísticas.

A segunda hipótese, de acordo com Schmiguel (2022), está ancorada no estudo de Scherre, Yacovenco e Naro (2018), o qual mostra que esta tendência está associada ao estigma social relacionado ao uso da forma não padrão *nós* sem *-mos*. Segundo os autores, esse estigma pode levar os falantes a evitar tal construção, favorecendo a expressão explícita do sujeito para evitar ambiguidades e potenciais julgamentos negativos na comunicação.

De acordo com Foeger (2014), na posição de sujeito, as variantes *nós* e *a gente* podem aparecer tanto explícitas, efetivamente expressas na oração, quanto implícitas, subentendidas na oração. Para os estudos mencionados, “a marca de flexão verbal de primeira pessoa do plural pode inibir o preenchimento do pronome, já que o *-mos* pode ser suficiente para identificar o sujeito” (Foeger, 2014, p. 76), visto que na língua portuguesa, por se tratar de uma língua que apresenta sujeitos desinenciais, não há necessidade de explicitar o sujeito em todos os contextos.

Para esta variável, controlaremos as ocorrências de sujeito implícito quando a ausência do sujeito seguir um certo paralelismo formal, ou seja, quando pudermos identificar a referência de primeira pessoa do plural em um mesmo turno de fala ou em um mesmo conjunto de mesma temática, bem como o fizeram Carvalho e Santos (2023).

Para codificar as ocorrências de *nós* como sujeito implícito, observaremos a configuração das estruturas antecedentes para além da desinência *-mos*. A variável referência, nesse caso, será importante para percebermos que ainda se trata da primeira pessoa do plural, pois no caso do *a gente* sem *-mos* a desinência [Ø] poderia se confundir com a de terceira pessoa do singular (*ele faz/ele fez*) ou da segunda pessoa do singular (*você faz/você fez*). Por isso, para a codificação, partiremos sempre de um sujeito explícito em um mesmo bloco de fala ou bloco de mesma referência (1PP), para marcar a implicitude.

A seguir, apresentamos quatro ocorrências que exemplificam esses contextos:

(09) “[...] **nós apoiamos** (sujeito explícito) a proposta dele e (sujeito implícito) fundamos a cooperativa... de (pedra) do Pirambu... (DID, NORPOFOR, informante 16, homem, 73 anos).

No excerto de fala (09), a implicitude do sujeito antes do verbo *fundamos* foi controlada como sendo sujeito implícito *nós*

(10) “[...] depois quando era sete e meia **a gente rezava** (sujeito explícito) e Ø (sujeito implícito) ia dormir... (DID, NORPOFOR, informante 31, mulher, 67 anos).

Em (10), a implicitude do sujeito antes do verbo *ia* foi controlada como *a gente*. Como mencionado, para fins de codificação, consideramos a forma pronominal antecedente como referência.

(11) “Até agora a gente tava pensando... **nós *tamo*** (sujeito explícito) pensando... aliás, no que (sujeito implícito) vamos fazer... porque eu acho que ela vai vender o terreno lá e vai *vim*...” (DID, NORPOFOR, informante 20, mulher, 23 anos).

Na ocorrência (11), codificamos a implicitude do sujeito antes do verbo *vamos* como *nós* implícito, já que a forma pronominal explícita anterior também se tratava da forma *nós*.

(12) “aqui... e depois ela não tinha condições de criar nem o outro mesmo... aí **a gente foi**... (sujeito implícito) pegamos e (sujeito implícito) registramos como nosso... meu pai registrou como se fosse filho dele... como o outro tinha falecido já tinha registrado e tudo...” (DID, NORPOFOR, informante 20, mulher, 23 anos).

Em (12), a não explicitude antes dos verbos *pegamos* e *registramos* foi controlada como *a gente* sujeito implícito, tendo em vista que a estrutura antecedente apresenta sujeito explícito *a gente*. Adotamos, rigorosamente, esse critério ao coletar os sujeitos implícitos.

Para esta variável, temos, por hipótese, que o sujeito implícito favorece a forma canônica *nós*, assim como observado nos estudos de Foeger (2014), Lopes (2003), Mendonça (2010), Omena (1986) e Rubio (2012). Não obstante, o sujeito explícito, acreditamos, deve favorecer *a gente*, pois a desinência Ø também se refere a outras pessoas do discurso, por isso, para que não haja ambiguidade, existe a necessidade de explicitar o sujeito. Como dito anteriormente, esta hipótese foi testada pelos autores supracitados, os quais nortearão nossa pesquisa quanto a essa variável em nosso banco de dados.

4.4.4.2 O tempo e tipo de paradigma verbal no modo indicativo

Em nossa pesquisa, analisaremos o *tempo e paradigma verbal no modo indicativo*, com foco na dimensão estrutural/funcional, sem considerar a saliência fônica, que, conforme Scherre, Naro e Yacovenco (2018), é a dimensão cognitiva/perceptual de formas em competição. Nesta pesquisa, nosso interesse está no papel do tempo na concordância verbal com as formas pronominais de 1PP.

Nos trabalhos realizados sobre a concordância verbal no português brasileiro, como em Foeger (2014), Lopes (2003), Mendonça (2010), Omena (1996), Rubio (2012), Scherre, Yacovenco e Naro (2018), Araújo (2018), Carvalho, Favacho e Freitas (2020), Freitas, Rodrigues e Santos (2021), Carvalho e Santos (2023), é possível verificar que os verbos no presente, com forma igual ao pretérito, os quais geram ambiguidade, favorecem o uso da forma inovadora *a gente* sem *-mos*, ou seja, em concordância, e os verbos no pretérito imperfeito também favorecem *a gente* sem *-mos*. O que pode ser justificado, de acordo com Scherre, Yacovenco e Naro (2018), pela baixa saliência do imperfeito (*amava/amávamos, ficava/ficávamos*) e a tentativa de o falante se esquivar da proparoxítona com o morfema de plural *-mos*, motivado, conforme os autores, pelo padrão fonológico preferencialmente paroxítono do PB, o qual provoca a ausência de *-mos*.

Em nosso trabalho, por meio dos dados fornecidos pelo NORPOFOR, verificaremos se o português falado em Fortaleza- Ceará segue essa tendência. Para tal, nos inspiraremos na pesquisa de Scherre, Yacovenco e Naro (2018), a qual, em suas análises, contemplou variedades de fala da Baixada Cuiabana, situada no estado do Mato Grosso (região Centro-Oeste) e de Vitória, estado do Espírito Santo (região Sudeste), a partir de *corpora* com falantes sem escolarização e falantes estratificados em quatro níveis de escolarização (1-4anos; 5-8anos; 9-11anos; e mais de 11 anos) e na pesquisa de Carvalho, Favacho e Freitas (2020), a qual, também inspirada na pesquisa de Scherre, Yacovenco e Naro (2018), replicou esse estudo na comunidade de fala de Fortaleza- Ceará (região Nordeste), com dados de fala do banco de dados do projeto Português Oral Culto de Fortaleza- Porcufort, objetivando descrever dois processos correlacionados: a alternância *nós* e *a gente* e a concordância verbal com esses pronomes de 1ª pessoa do plural (*nós/a gente*) na função de sujeito explícito.

Em suas análises, consideraram a concordância verbal padrão (*a gente fala/ nós falamos*) e a não padrão (*a gente falamos / nós fala*) e os grupos de *fatores tempo e tipo de paradigma verbal no modo indicativo e referência genérica/ específica do pronome*. Como fatores extralingüísticos, controlaram as variáveis *sexo, faixa etária e tipo de registro*.

Conforme a teoria de Naro, Görski e Fernandes (1999), a desinência canônica de 1PP *-mos* estaria se especializando como forma para o pretérito, pois, segundo os autores, existe uma ambiguidade potencial entre o pretérito perfeito e o presente do indicativo e, para desfazer essa ambiguidade, a forma inovadora *a gente*, com morfema [Ø] seria preferida para o tempo presente.

Essa tendência de desfazer a ambiguidade se confirma nos trabalhos de Omena (1996), Lopes (2003), Mendonça (2010), Rubio (2012), Foeger (2014), Scherre, Yacovenco e Naro (2018) Carvalho, Favacho e Freitas (2020), Freitas, Rodrigues e Santos (2021 a; 2021,b), Carvalho e Santos (2023). Replicamos, para esta variável, os trabalhos de Scherre, Yacovenco e Naro (2018), o qual teve como foco a análise da *saliência fônica e tempo verbal* em dados de fala com as formas pronominais de 1PP, e os trabalhos realizados especificamente na comunidade de fala de Fortaleza, como os de Carvalho, Favacho e Freitas (2020), Freitas, Rodrigues e Santos (2021 a; 2021,b), Carvalho e Santos (2023), para citar alguns estudos.

Almejamos replicar os estudos de Scherre, Yacovenco e Naro (2018) - com exceção da saliência fônica - e Carvalho, Favacho e Freitas (2020), no que se refere à variável *O tempo e tipo de paradigma verbal no modo indicativo*, a fim de constatar se o *corpus* utilizado em nossa pesquisa segue a mesma tendência dos estudos supracitados. Para esta variável, partimos da hipótese de que, como nas pesquisas mencionadas, o presente do indicativo e o pretérito imperfeito influenciam a aplicação de formas verbais da terceira pessoa do singular, ao passo que o pretérito perfeito influencia as marcações morfológicas de primeira pessoa do plural, *nós*.

Esta variável é composta por 05 fatores distintos, a saber:

a. presente igual ao pretérito perfeito do indicativo: casos em que a desinência canônica de 1PP é igual no presente do indicativo e pretérito perfeito do indicativo, o que gera potencial ambiguidade semântico-temporal.

(13) “Esse mês agora **nós completamos** dois anos de *casado*... casamos em novembro... de dois mil e dois... em novembro agora de dois mil e quatro... nós completamos dois anos de casados.” (DID, NORPOFOR, informante 14, homem, 25 anos)

(14) “[...] a pessoa diz que “ah matou roubou... depois que fez tudo que não presta agora é crente”... isso é... uma das coisas mais normais que **nós escutamos** em nossos dias... mas a bíblia diz que... Jesus ele veio para aquele que está perdido... e

a bíblia diz que... o SÃO aquele que está BEM... aquele que está bom, ele não precisa de médico... mas aqueles que *precisa* de médico... esses que estão *doente*... esses sim... Jesus veio... para esses... veio pra mim... para você.” (DID, NORPOFOR, informante 14, homem, 25 anos)

(15) “[...] **nós ficamos** dando umas voltas por lá para ver se... sai alguma coisa com as meninas e tal... e é isso aí... rapaz eu já... eu já consegui foram muitas lá... toda vida que eu vou para lá... você consegue alguma coisa né?” (DID, NORPOFOR, informante 15, homem, 21 anos)

b. presente diferente do pretérito perfeito do indicativo: são os casos em que não há ambiguidade entre as desinências canônicas de 1PP do presente com o pretérito perfeito, que é mais comum em verbos irregulares.

(16) “[...] aí tem o pessoal que panfleta e divulga o evento que tá tendo na cidade... aí... **a gente faz** mais o trabalho de convite... aí o pessoal chega lá, tem corte de cabelo... é... exame de glicemia... é... pressão arterial... um trabalho social completo.” (DID, NORPOFOR, informante 01, homem, 16 anos)

(17) “[...] praticamente idolatram a pátria deles e... cresceu ali a base da mentira... os Estados Unidos... criando guerras falsas... como teve em Hiroshima... lançaram bomba atômica lá e... aí eles... não... **nós somos** as vítimas os terroristas atacaram a gente... de setembro... aí eles se fazem de vítimas, mas todo mundo sabe... pelo menos o pessoal que não é norte-americano tem um senso real do que do que os Estados Unidos é.” (DID, NORPOFOR, informante 01, homem, 16 anos)

(18) “[...] não tenho filho... ainda não... a minha esposa tem vinte e seis anos... e... eu amo ela... minha esposa passou agora num concurso... Maranguape... então agora **nós podemos** pensar futuramente num futuro bem próximo... em um filho, mas, no momento... não, nós não temos filho.” (DID, NORPOFOR, informante 14, homem, 25 anos)

(19) “[...] brincar... e não pensar no futuro... mas agora enquanto **a gente é** jovem... a gente até pensa... mais no futuro.” (DID, NORPOFOR, informante 60, homem,

15 anos)

c. pretérito perfeito igual ao presente do indicativo: casos em que a desinência canônica de pretérito é igual ao presente do indicativo, o que gera potencial ambiguidade semântico-temporal.

(20) “Se nos encontrarmos, falamos, **nós conversamos**... mas nunca mais surgiu, não, assim... (DID, NORPOFOR, informante 10, mulher, 27 anos)

(21) “Não, **nós duas usamos**. Eu dou uma *pra* ela e fico com uma...” (DID, NORPOFOR, informante 10, mulher, 27 anos)

d. pretérito perfeito diferente do presente do indicativo: casos em que não há ambiguidade entre as desinências canônicas de 1PP no pretérito perfeito e presente do indicativo.

(22) “E ele quis, né? Foi até na época que **a gente saiu** de casa... eu, minha mãe e meus irmãos saímos de casa, deixamos ele só com a casa, aí foi que ele veio acordar ‘o que é que eu tô fazendo da minha vida? Tô sem mulher, sem filho, só com o cachorro dentro de casa e a arma, que é que eu vou fazer da minha vida? Então eu vou mudar minha vida’. Eu acho que foi ele mesmo que acordou, né? Foi ele querer mesmo, eu acho... o que fez ele mudar mesmo foi querer... que, se ele não quisesse, ainda *tava* hoje ou talvez preso ou morto... ou não sei.” (DID, NORPOFOR, informante 13, 18 anos, homem)

(23) “Faz aproximadamente uns... quarenta anos... uns quarenta anos que aconteceu isso... foi logo, logo, logo quando o padre H. ... quando **nós fizemos** a passeata pra desapropriação da terra do Pirambu... e por isso eu eu estou aqui pra pra pra falar pro companheiro... pra que a gente éh éh esclareça alguma coisa... morar no Pirambu... eu cheguei pra morar no Pirambu... eu fui morar de casa alugada... daqui da onde nós *tamos*... daqui pra onde eu morava dá uns três quarteirões... e hoje em dia o mar invadiu todinho...” (DID, NORPOFOR, informante 16, 73 anos, homem)

e. pretérito imperfeito do indicativo: casos em que a forma verbal é proparoxítona e de tendência a baixa saliência fônica. Nesses casos há a manutenção da sílaba tônica na oposição

singular/plural.

(24) “[...] aí toda vez quando eu chegava na casa da... do tio dele que eu andava lá, aí **nós nos desencontrávamos**... quando eu chegava, ele tinha acabado de sair ou, então, quando ele tá ele já tinha acabado de ir embora era assim... aí quando foi depois de três meses, aí nós nos encontramos de verdade aí ele pegou e perguntou pelo menino...” (DID, NORPOFOR, informante 10, mulher, 27 anos)

(25) “Os amiguinhos? **Nós todos fazíamos** brincadeiras, sabe? Brincávamos, aí tinha hora que ela... que ela fazia uma roda com todos, né? Aí tirava cada um pra se apresentar, aí cada um se apresentava e voltava pro seu lugar, aí tinha hora também que ela botava cada um pra ir pra cantar, inventar uma música, sabe? Era só brincadeira mesmo, aí depois chegava a hora da merenda.” (DID, NORPOFOR, informante 10, mulher, 27 anos)

(26) “Aqui na Messejana... ali perto do Presidente Médici ali... era tudo só mato... **nós fazíamos** uma planta num ano... naquele ano... no outro ano, aquele terreno era... que o patrão nosso era o finado P. Ali... nós trabalhamos para ele até ele morrer... até o meu pai morrer...” (DID, NORPOFOR, informante 12, homem, 59 anos)

4.4.4.3 A Determinação do referente

Os pronomes podem, no português brasileiro, receber uma interpretação mais abrangente ou mais genérica, uma vez que são inseridos no eixo falante-ouvinte no plano do discurso (SILVA, 2020, p. 49). Optamos por trabalhar com a variável *determinação do referente* porque observamos que em vários estudos sobre a variação *nós* e *a gente* essa variável tem sido apontada como relevante.

Os resultados apresentados nos estudos de Omena (1996), Lopes (1998) e Tamanine (2002) no que se refere à variável *determinação do referente*, verificaram que o uso de *a gente* tem prevalecido em contextos de maior indeterminação, ao passo que o pronome *nós* é tem sido mais frequente em contextos de referência específica, na medida em que o significado original de *a gente* ainda guarda traços semânticos de coletividade.

Omena (1996), sobre *a determinação do referente*, demonstra que *a gente* continua

a ser preferida para a referência mais geral, indeterminadora, porque está ligada ao fato de a forma inovadora se originar de um substantivo usado para nomear, de modo coletivo, um agrupamento de seres humanos.

Omena (1996) estuda a relação de influência do grau de determinação do referente na escolha dos morfemas de concordância verbal. Destaca que referentes mais específicos em que, claramente, o falante se inclui tendem a promover o uso de desinência de primeira pessoa do plural, seja com o sujeito pronominal *nós* ou *a gente*.

Conforme Lopes (1998), o pronome *nós* é usado, preferivelmente, quando se refere ao falante e o interlocutor (não-eu), ou ao falante e a não-pessoa. Quando esse mesmo falante amplia a referência e a indetermina, a forma inovadora *a gente* é favorecida. Deste modo, podemos constatar nos estudos realizados por Araújo (2016), Carvalho, Freitas e Favacho (2020), Lopes (1998), Lucchesi (2009), Omena (1996), Silva (2020) e Tamanine (2002) que a forma *a gente* é mais usada para uma referência mais geral, ou seja, indeterminada.

Nas pesquisas supramencionadas, a ocorrência de *a gente* é maior em contextos de indeterminação do sujeito, à medida que carrega traços menos marcados. Em contrapartida, o pronome *nós* é mais favorecido em contextos de determinação do sujeito. Para esta variável, defendemos a hipótese de que a forma *a gente* sem *-mos* é favorecida quando a referência é mais genérica, mais indeterminada, ao passo que *nós* com *-mos* é favorecido quando a referência é mais específica, mais determinada.

Para esta variável linguística, tomaremos por referência os estudos de Lopes (1998) e Lucchesi (2009). Para os autores, as formas de 1ª pessoa do plural podem fazer referência ao *eu + você/tu* ou *eu + não eu*, de interpretação [+ específica], até um grau máximo de indeterminação e generalidade como *eu + todo mundo* ou *eu + qualquer um* (Lopes 2007, p. 114 *apud*. Carvalho, Freitas e Favacho 2020, p. 34). Propusemo-nos a replicar também esse grupo de fatores, visto que Araújo (2016), Carvalho, Freitas e Favacho (2020), Silva (2020), Freitas, Rodrigues e Santos (2021a) (2021b), apresentaram resultados relevantes nos dados de falantes de Fortaleza em outras sincronias. A seguir, apresentamos alguns dados retirados do nosso *corpus*:

a) Eu + (você(s)) + (ele(s)) [+específico] – o referente é especificado e/ou retomado no contexto.

(27) “[...] quando **nós éramos** crianças, eu e a M.B.... a gente ficava brincando na calçada... brincando de roda...” (DID, NORPOFOR, informante 31, mulher, 67 anos)

b) Eu [+/-específico] – o referente pode ser o próprio falante.

(28) “[...] vai cortando... fica... que faz um molhozinho né?... aí eu... **a gente usa** no sofá...” (DID, NORPOFOR, informante 49, homem, 67 anos)

Os fatores a) e b) foram codificados como sendo de *referência específica*, pois é possível recuperar o sujeito, o qual está delimitado no contexto enunciativo ou explícito na própria fala, como em (27), em que a informante se refere a ela mesma e sua amiga M.B e em (28) em que o informante faz referência a ele mesmo em seu trabalho de estofaria.

c) Indeterminação circunscrita [-específico] – a referência é genérica, normalmente circunscrita ao grupo ou comunidade do falante, podendo ser recuperada no corpo da entrevista.

(29) “É grupo aberto... as pessoas vão no dia que querem, no dia que podem, sabe? É assim... é muito bom... agora **a gente tá** nesse outro grupo há seis meses...” (DID, NORPOFOR, informante 35, mulher, 37 anos)

d) Indeterminação universal [-específico] – a referência é totalmente genérica, eu + todo mundo ou eu + qualquer um.

(30) “Meu Deus do céu que mundo esse que **nós estamos**, sabe... um mundo tão violento...” (DID, NORPOFOR, informante 58, mulher, 38 anos)

Os fatores c) e d) foram codificados como sendo de referência genérica, visto que os sujeitos não são delimitados e não podem ser recuperados no contexto, pois o que há é uma referência a uma comunidade ampla, como em (29), em que a informante faz referência à comunidade do grupo da igreja, e em (30) em que a informante faz referência à humanidade em geral.

Em nossa pesquisa, codificaremos a *referência dos pronomes* somente com dois fatores: *referência genérica* e *referência específica*. Para tal, valeremo-nos da divisão feita por Freitas, Rodrigues e Santos (2021 b), a qual tomou como base os trabalhos de Araújo (2016) e Carvalho Freitas e Favacho (2020), conforme descreveremos a seguir:

- [+ específico]: sujeitos da 1PP bem especificados no contexto e/ou na fala do enunciador, os quais podem ser internos ou externos à enunciação, inclusive nos casos de plural de modéstia.
- [- específico]: indeterminação circunscrita a uma comunidade ou grupo em que se inclui o falante e a indeterminação universal.

Desse modo, o traço semântico [+ específico] abarca as pessoas da cena enunciativa ou que podem ser recuperadas no texto da entrevista ou pelo contexto do enunciado. O traço semântico [- específico] trata desde a indeterminação universal, que pode se referir a todo e qualquer ser humano, a grupos e associações de falantes, pelo caráter de caracterização do grupo, os membros são potencialmente indeterminados.

4.4.5 Procedimentos para análise de dados

Para a análise dos dados, utilizamos o software estatístico R, que nos permitiu realizar análises multivariadas, quantificar os dados e verificar, por meio de números absolutos e percentuais, quais fatores linguísticos e extralinguísticos são considerados significativos para a variação da concordância verbal com a primeira pessoa do plural no português brasileiro. Conforme Oushiro (2014, p. 130),

o R é uma linguagem de programação voltada à análise de dados, que pode ser utilizada para realizar computações estatísticas e gráficas, compilar e anotar *corpora*, produzir listas de frequências, entre diversas outras tarefas. Uma de suas principais vantagens é o fato de ser gratuito e estar disponível para uma variedade de plataformas (UNIX, Windows e MacOS). Sendo uma linguagem de programação, o R permite que o usuário customize uma série de tarefas que deseja executar e, conseqüentemente, tenha maior controle sobre os resultados obtidos. Isso significa, no entanto, que ao invés de clicar em botões com funções limitadas e pré-definidas, o usuário normalmente define as funções que deseja executar através de linhas de comando, que instruem o programa sobre o que fazer.

Para descrição dos dados, realizamos a análise de frequência e proporção da variável resposta pelas variáveis predictoras. Para a análise, utilizamos conceitos de estatística inferencial, inicialmente, com uma análise exploratória e testes de hipóteses através do teste qui-quadrado, conforme Oushiro (2022).

O teste qui-quadrado é uma análise univariada entre variáveis categóricas que indica se “as proporções entre os grupos são significativamente diferentes, pelo valor-*p* abaixo

de 5%.” (Oushiro, 2022, p. 190). Segundo Oushiro (2022), em se tratando de análise, as medidas de qui-quadrado e valor- p são inversamente proporcionais, o valor- p serve como uma análise global da distribuição do fenômeno linguístico que está sendo analisado e quanto menor o valor- p , maior o valor qui-quadrado.

Em seguida, realizamos uma análise de regressão logística multivariada com efeito aleatório (informante). A regressão logística multivariada é uma técnica estatística usada para analisar a relação entre uma variável dependente categórica e binária e duas ou mais variáveis independentes, que podem ser tanto categóricas quanto contínuas.

A adição do efeito aleatório permite que o modelo capture variações não explicadas pelas variáveis fixas. No caso do informante, podemos evitar estimativas tendenciosas de uma variável social por um indivíduo que apresente frequências bastante diferenciadas de seu grupo pela estratificação social, dessa maneira, podemos fornecer inferências mais precisas. Para tanto, utilizamos no ambiente do R a função `glmer()`, que é utilizada para modelos lineares mistos generalizados (GLMMs), disponível no pacote `lme4` utilizado da família binomial.

Conforme Oushiro (2022), a regressão logística multivariada estima as chances logarítmicas (*logodds*) para o uso de uma variante linguística em detrimento de outra, levando em consideração as múltiplas variáveis preditoras, a partir de níveis de referência estabelecidos para cada variável incluída no modelo. Esses níveis de referência representam as categorias base para cada variável, a partir das quais as comparações são feitas (ex. as chances do uso *a gente* por jovens em relação a idosos).

Mantendo-se estáveis as categorias de referência, o modelo calcula as diferenças nas chances logarítmicas entre as outras categorias de cada variável. Essas diferenças são interpretadas como o efeito das variáveis explicativas no uso da variante linguística em análise. No caso dos efeitos aleatórios, também se têm coeficientes que representam a variabilidade dos dados não explicadas pelas variáveis fixas. Assim, o modelo seleciona, para o resultado final, as variáveis e os níveis de cada variável que são consideradas mais relevantes, favorecendo ou desfavorecendo a ocorrência do fenômeno analisado. O tamanho do efeito e o nível de influência do nível da variável, também podem ser analisados pelos valores estimados em *logodds*.

As tabelas das regressões são organizadas em colunas, a saber, Coeficientes, Logodds, Erro Padrão (E.P.), Valor-Z e Valor- p , as quais desempenham um papel essencial na interpretação da análise.

Os coeficientes representam as variáveis a serem estimadas pelo modelo, prevendo mudanças na variável dependente (ou resposta) com base nas variáveis independentes

(previsoras).

A coluna de Logodds, ou chances logarítmicas, apresenta a previsão do modelo logístico, representando a razão de probabilidade em escala logarítmica (log). Essas estimativas permitem observar o tamanho do efeito de uma variável sobre o fenômeno estudado.

O erro padrão mede a variabilidade e a confiabilidade do modelo, indicando a dispersão dos valores em relação à média estimada a partir de cálculos com subamostras dos dados. Quanto menor o erro padrão, maior a confiabilidade da estimativa.

O valor-Z é obtido pela razão entre a estimativa em Logodds e o erro padrão, indicando a diferença da estimativa média esperada.

Finalmente, o valor-p é a medida tradicional que verifica a significância dos coeficientes, cujo valor de significância adotado foi de $p < 0,05$, o qual é padrão para as ciências humanas. Esse valor indica que a probabilidade de observar um coeficiente igual ou mais extremo do que o estimado, se a relação verdadeira entre as variáveis fosse nula, isto é, sem influência, é inferior a cinco por cento (5%). A significância permite rejeitar a hipótese nula, que indicaria que não há efeito da variável sobre o fenômeno, e aceitar a hipótese alternativa, a qual prevê o efeito da variável sobre a ocorrência do fenômeno. Contudo, não se deve tratar em termos de confirmação de hipóteses, pois segundo Oushiro (2022, p. 175), “um valor-*p* ou de significância abaixo de 5% não prova que a sua hipótese estava correta”. O valor-*p* serve como uma análise global da distribuição do fenômeno linguístico que está sendo analisado. O teste qui-quadrado indica se “as proporções entre os grupos são significativamente diferentes, pelo valor-*p* abaixo de 5%.” (Oushiro, 2022, p. 190). Segundo Oushiro (2022), em se tratando de análise, as medidas de qui-quadrado e valor-*p* são inversamente proporcionais, desse modo, quanto menor o valor-*p*, maior o valor qui-quadrado.

Neste trabalho, também foram criados gráficos e tabelas para facilitar a visualização e interpretação dos resultados obtidos. Para a análise de resultados da pesquisa, foram verificados um a um os fatores linguísticos e extralinguísticos analisados.

É importante destacar que a escolha por uma análise quantitativa é comum em estudos de descrição linguística. Utilizando esse modelo, que calcula frequências e percentuais, podemos identificar tendências na variação da concordância verbal de primeira pessoa do plural no Português Brasileiro. Embora nosso estudo inclua a quantificação de dados, não será limitado à análise quantitativa. Como dito anteriormente, adotamos também uma abordagem qualitativa, a qual permite observar as tendências de uso e nuances do fenômeno em estudo.

Analisamos quantitativa e qualitativamente a coleta desses dados, a qual se deu por meio de análises de *corpus* extraídos do banco de dados do NORPOFOR. A priori,

selecionamos 44 informantes do sexo masculino e 41 informantes do sexo feminino, distribuídos pela *faixa etária* (com idades entre 15 e 25 anos, 26 a 49 anos e 50 anos em diante) e pelos *anos de escolarização* (nenhuma 4 anos, 5 a 8 anos e 9 a 11 anos). Analisamos as entrevistas com o *tipo de registro* (*Diálogo entre Informante e Documentador – DID*), como já mencionado, por apresentar um maior equilíbrio na distribuição dos informantes por registro.

Após a apresentação detalhada dos procedimentos metodológicos adotados em nosso estudo, o capítulo 5 descreve a distribuição das formas de 1PP *nós* e *a gente* na função de sujeito em contextos de concordância verbal na comunidade de fala de Fortaleza e apresenta a análise dos resultados obtidos a partir da consideração dos fatores linguísticos e sociais na aplicação da regra em nossos dados.

5 ANÁLISE DOS DADOS DE *NÓS* E *A GENTE* NA FALA DE FORTALEZA

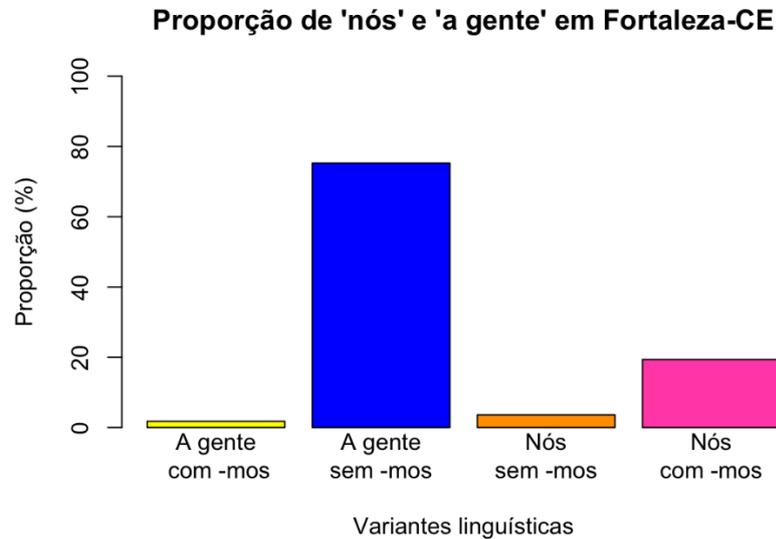
Neste capítulo, objetivamos apresentar os resultados da atuação das variáveis sociais, quais sejam, *faixa etária*, *sexo* e *escolaridade* e das variáveis linguísticas, a saber, *explicitude do sujeito*, *determinação do referente* e *tempo e tipo de paradigma verbal no modo indicativo* sobre a variação da concordância verbal na 1PP em Fortaleza. A base de dados deste estudo, como já mencionado, é constitutiva do projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR), cujas entrevistas foram realizadas de agosto de 2003 a julho de 2006 (Araújo, 2011). Para este estudo, selecionamos 85 inquéritos do tipo DID. A estratificação desta pesquisa pode ser conferida na Tabela 1, conforme apresentado na metodologia.

5.1 A distribuição geral das formas *Nós* e *A gente* na fala de Fortaleza

Os resultados desta subseção foram obtidos seguindo as etapas metodológicas delineadas no capítulo anterior. Na primeira análise, as formas *nós* e *a gente* foram consideradas na posição de sujeito explícito e implícito, com suas respectivas realizações (*nós* com *-mos*, indicando concordância plural; *nós* sem *-mos*, indicando não concordância; *a gente* com *-mos*, indicando não concordância padrão; *a gente* sem *-mos*, indicando concordância singular), como variantes de uma única variável. Abaixo, apresentamos algumas ocorrências do nosso banco de dados, as quais ilustram o fenômeno em estudo:

Em relação aos resultados provenientes da análise descritiva de *nós* e *a gente* e suas diversas realizações, em nossa amostra verificamos 3.463 ocorrências dessas formas pronominais na função de sujeito em contexto de concordância verbal na fala popular de Fortaleza - Ceará.

Gráfico 1 – Proporção *Nós* x *A gente* na função de sujeito em contexto de concordância verbal – Dados quaternários - NORPORFOR – DID (N= 3463)



Fonte: Elaborado pela autora.

No gráfico 1, podemos observar que a análise geral dos dados de concordância verbal com a 1PP revelou uma preferência maior pela forma *a gente* em comparação com a forma *nós*. Das 3.463 ocorrências, 2.607 são de *a gente* sem *-mos* (75,28%), 61 ocorrências de *a gente* com *-mos* (1,76%), 670 ocorrências de *nós* com *-mos* (19,35%) e 125 ocorrências de *nós* sem *-mos* (3,61%).

Tabela 2 – Proporção *Nós* x *A gente* na função de sujeito em contexto de concordância verbal – quatro variantes - NORPORFOR – DID (N= 3463)

Variantes	<i>Nós</i> com <i>-mos</i>	<i>Nós</i> sem <i>-mos</i>	<i>A gente</i> sem <i>-mos</i>	<i>A gente</i> com <i>-mos</i>	Total
Frequência	n = 670	n = 125	n = 2607	n = 61	3463
Proporção	19,35%	3,61%	75,28%	1,76%	100%

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao analisar os resultados gerais da Concordância Verbal (CV) na variedade popular de Fortaleza, percebemos a significativa prevalência da forma *a gente* (75,28%) em concordância com a 3ª pessoa do singular (3PS), em competição com a forma canônica *nós* (19,35%) em concordância plural - 1ª pessoa do plural (1PP). O uso de *a gente* com *-mos* (por exemplo, *a gente falamos/a gente falávamos*) e de *nós* sem *-mos* (como em *nós fala/nós*

falou/nós falava), indicando não concordância padrão, representa 5,37% dos dados.

Dado o baixo número de ocorrências de *a gente* com *-mos* (61 ocorrências de 3.463, proporção de 1,76%) e *nós* sem *-mos* (125 ocorrências de 3.463, proporção de 3,61%), nossa análise passou a ser binária: *nós* com *-mos* (por exemplo, *nós falamos/nós falávamos/nós falássemos*) versus *a gente* sem *-mos* (como em *a gente fala/a gente falou/a gente falava/a gente falasse*).

Assim, ao excluirmos as variantes *nós* sem *-mos* e *a gente* com *-mos*, o número de observações passou a ser 3.277. Atualizando as frequências e proporções, estrutura inovadora, *a gente* sem *-mos* (2.607 ocorrências de 3.277, proporção de 79,55%) foi a mais frequente, sendo o *nós* com *-mos* (670 de 3.277, proporção de 20,45%).

Ao comparar os resultados obtidos em nosso estudo com os de outras pesquisas variacionistas sobre o mesmo fenômeno (Omena, 1986, 1996; Seara, 2000; Fernandes, 2004; Mendes, 2007; Mattos, 2013; Araújo, 2016; Carvalho; Favacho; Freitas, 2020, 2022; Silva 2020, Freitas, Rodrigues, Santos; 2021, 2022; Carvalho e Santos, 2023; para citar alguns desses trabalhos), constatamos que a comunidade de fala composta por falantes fortalezenses segue a mesma tendência de preferência pela forma inovadora, a qual está em processo de substituição da forma canônica como referência à 1PP.

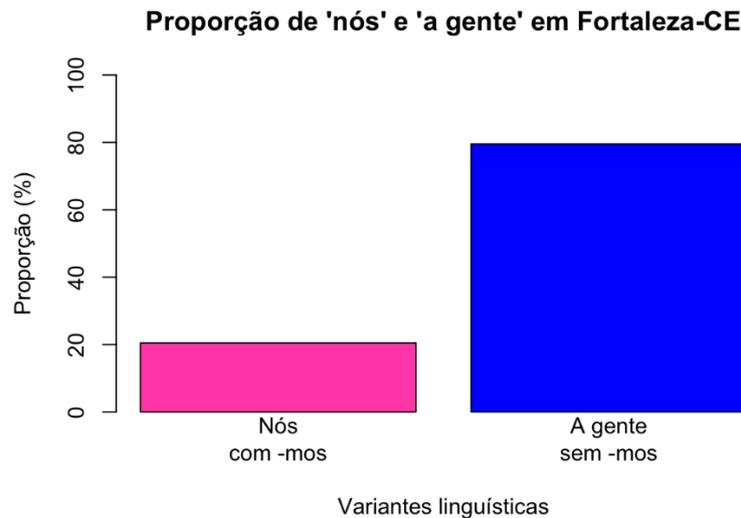
Conforme esperávamos, os resultados apontaram para o uso da forma inovadora como sendo a mais frequente, em que *a gente* aparece em concordância padrão (2.607 do total de 3.463 ocorrências, 75,28%), em comparação à forma *nós*, a qual aparece em concordância padrão (670 do total de 3.463, 19,35%) em termos percentuais de uso.

No que se refere à análise da perspectiva da alternância entre as formas pronominais na função de sujeito em contexto de variação da concordância verbal, conforme apresentado no gráfico 1, observamos que os dados apontam para a ascensão do uso da forma inovadora, *a gente* sem *-mos*, isto é, com concordância padrão na função de sujeito. Essa tendência também foi confirmada por estudos em outras cidades do Brasil, das quais podemos citar algumas do Nordeste brasileiro, a exemplo de João Pessoa (PB), Cacém (PE) e Fortaleza (CE). Em Fortaleza (CE), podemos observar esse fato nos trabalhos de Araújo (2016), Carvalho, Favacho e Freitas (2020, 2022), Silva (2020), Freitas, Rodrigues, Santos (2021, 2022), Carvalho e Santos (2023). Salientamos que Araújo (2016) trabalhou com dados retirados do NORPOFOR, base de dados que também utilizamos em nossa pesquisa. Cabe frisar que em nosso estudo trabalhamos com a Concordância Verbal e que o tipo de inquérito usado, Diálogo entre Informante e Documentador (DID), o qual apresenta 85 informantes, difere-se do utilizado por Araújo (2016), o qual trabalhou com a alternância das formas pronominais *nós* e *a gente* e usou

os inquéritos do tipo D2, Diálogo entre Dois Informantes, com 53 entrevistas.

O gráfico 2, a seguir, mostra os resultados da análise binária (*nós* com *-mos* versus *a gente* sem *-mos*).

Gráfico 2 – Proporção *Nós* x *A gente* na função de sujeito em contexto de concordância verbal – Dados binários - NORPORFOR – DID (N= 3277)



Fonte: Elaborado pela autora

No gráfico 2, o qual apresenta as formas de 1PP na função de sujeito em contexto de concordância verbal, observamos a predominância da forma *a gente* sem *-mos*, isto é, com a concordância padrão e, em menor quantidade, *nós* com *-mos*, com concordância padrão. Detalharemos a seguir na análise de frequência e proporção.

Tabela 3 – Proporção *Nós* x *A gente* na função de sujeito em contexto de concordância verbal – Variantes binárias - NORPORFOR – DID (N= 3277)

Variantes	Nós com - mos	A gente sem -mos	Total
Frequência	n = 670	n = 2607	3277
Proporção	20,45%	79,55%	100%

Fonte: Elaborado pela autora.

A tendência de uso das variáveis guarda semelhança com os resultados de pesquisas anteriores, incluindo aquelas conduzidas por Omena (1986, 1996), Seara (2000), Fernandes (2004), Mendes (2007), Mattos (2013), Araújo (2016), Carvalho, Favacho e Freitas (2020,

2022), Silva (2020), Freitas, Rodrigues, Santos (2021, 2022), Carvalho e Santos (2023). Esses estudos, apesar de serem realizados em diversas comunidades de fala (Rio de Janeiro, Florianópolis, João Pessoa, Goiás e Fortaleza) apontam para uma preferência pela forma inovadora *a gente* em detrimento da forma tradicional *nós* ao representar a primeira pessoa do plural, sugerindo a generalidade da variante inovadora no Português Brasileiro.

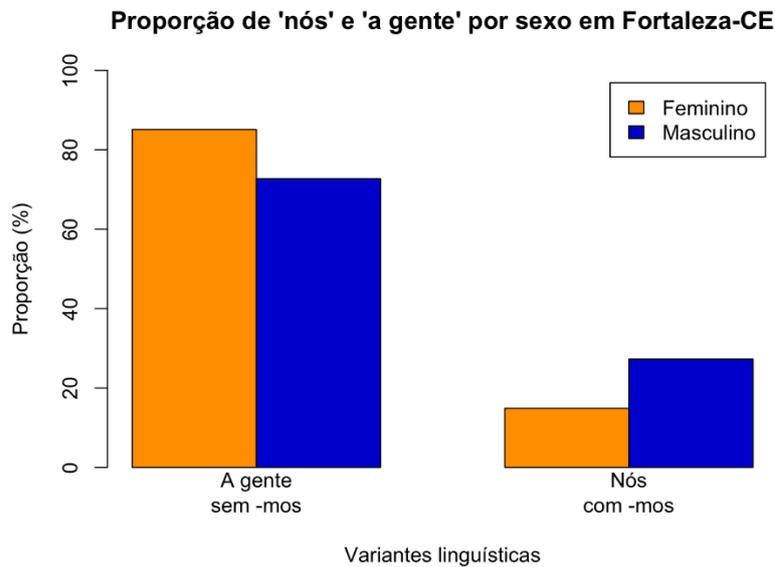
Atendo-nos aos estudos na cidade de Fortaleza, os resultados das pesquisas de Araújo (2016), de Carvalho, Favacho e Freitas (2020), de Silva (2020), Freitas, Rodrigues e Santos (2021), Freitas, Rodrigues e Santos (2022), Carvalho e Santos (2023) e os nossos apresentam a mesma tendência para o uso mais frequente de *a gente*, com percentuais de 66%, 60,7% e 69,4%, 82,15%, 82,22%, 73,7%, 79,55%, respectivamente. Ressaltamos que as pesquisas supramencionadas foram realizadas em distintas sincronias, bem como níveis de escolaridade, informantes, tipo de inquérito, e banco de dados, em alguns casos, distintos, porém, com o mesmo foco: o falar de Fortaleza, seja o falar culto ou o popular.

5.2 Variável social *sexo*

Vários estudos sociolinguísticos variacionistas, como os de Lopes (1993); Araújo, (2016); Pereira, (2016, 2021); Scherre, Yacovenco e Naro (2018); Silva (2020); Carvalho Lima e Favacho (2020); Lima, Rodrigues e Santos (2021a, 2021b), para citar apenas alguns, já destacaram a relevância do controle da variável *sexo*. Isso se deve à necessidade de examinar a relação entre o uso de variantes e os distintos papéis sociais desempenhados por homens e mulheres em suas comunidades (Freitag, 2015). Nossa hipótese em relação à variável *sexo* é que os resultados desta pesquisa corroborarão as tendências observadas nos estudos supramencionados, indicando que o uso da variante *a gente* é mais frequente entre falantes do *sexo feminino* do que do *sexo masculino*.

A seguir, apresentamos o gráfico 3 e a tabela 4 com os resultados descritivos da frequência e proporção de *nós* e *a gente* por *sexo* do falante na nossa amostra:

Gráfico 3 – Proporção *Nós* x *A gente* na função de sujeito em contexto de concordância verbal – por SEXO – NORPOFOR – DID (N= 3277)



Fonte: Elaborado pela autora.

No gráfico 3, o qual apresenta a proporção das formas de 1PP com concordância verbal, observamos que a forma inovadora *a gente* sem *-mos* (com concordância padrão) é mais pelas mulheres e ao passo que a forma canônica *nós* com *-mos* (com concordância padrão) é mais usada pelos homens. Esses aspectos serão detalhados a seguir na análise de frequência e proporção.

Tabela 4 – Proporção *Nós* x *A gente* na função de sujeito em contexto de concordância verbal – por SEXO – NORPOFOR – DID (N= 3277)

Sexo	Nós com <i>-mos</i>	A gente sem <i>-mos</i>
Masculino	n = 401/3277 27,28%	n = 1069/3277 72,72%
Feminino	n = 269/3277 14,89%	n = 1538/3277 85,11%

X-squared = 76,532, df = 1, p-valor < 0,05

Fonte: Elaborado pela autora.

Os resultados de concordância verbal corroboram os resultados dos estudos supramencionados, indicando as mulheres como propulsoras da mudança, pois o emprego da forma *a gente* seria mais comum entre as mulheres (85,11%) do que entre os homens (14,89%).

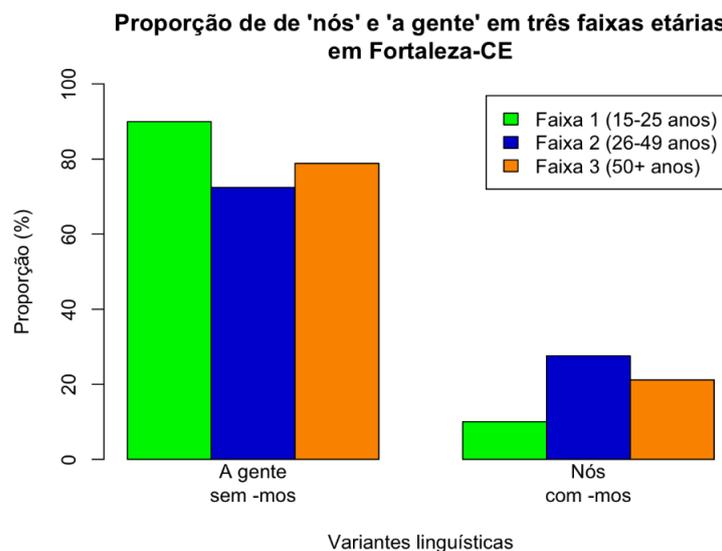
O teste de q-quadrado resultou em valor de $p < 0,05$, sugerindo que a variável sexo é estatisticamente significativa e exerce influência sobre os padrões de distribuição das variantes *nós* e *a gente*.

As mulheres tendem a ser apontadas como líderes da mudança linguística quando a variante em questão não é estigmatizada na comunidade (Bortoni-Ricardo, 1985; Labov, 2001), sendo a variante *a gente* aceita na comunidade fortalezense em resultados de percepção (Carvalho; Freitas, 2020).

5.3 Variável social *faixa etária*

Em estudos variacionistas, a variável faixa etária desempenha um papel significativo, pois permite indicar a evolução de um fenômeno linguístico, revelando se ocorre um processo de variação ou mudança linguística em curso. Os resultados de concordância verbal referentes à variável faixa etária na amostra do corpus NORPOFOR seguem a tendência esperada de que a forma inovadora *a gente* é mais favorecida na faixa etária mais jovem, apresentando um percentual maior de uso. Essa conclusão está em consonância com os achados de Omena (1996), Lopes (1998), Tamanine (2002), Araújo, (2016); Pereira, (2016, 2021); Scherre, Yacovenco e Naro (2018); Silva (2020); Carvalho Lima e Favacho (2020); Lima, Rodrigues e Santos (2021a, 2021b).

Gráfico 4 – Proporção *Nós* x *A gente* na função de sujeito em contexto de concordância verbal – por FAIXA ETÁRIA – NORPOFOR – DID (N= 3277)



Fonte: Elaborado pela autora.

No gráfico 4, observamos que a forma inovadora *a gente* sem *-mos* (com concordância padrão) é mais frequente na faixa etária 1 (15-25 anos), seguida da Faixa etária 3 (a partir de 50 anos) e da Faixa etária 2 (26-49 anos). A preferência pela forma canônica *nós* com *-mos* (com concordância padrão), conforme o gráfico, deu-se pela Faixa etária 2 (26-49 anos), seguida da faixa etária 3 (a partir de 50 anos) e da faixa etária 1 (15-25 anos). Detalharemos esses dados a seguir na análise de frequência e proporção.

Tabela 5 – Proporção *Nós* x *A gente* na função de sujeito em contexto de concordância verbal – por FAIXA ETÁRIA – NORPOFOR – DID (N= 3277)

Faixa etária	A gente sem <i>-mos</i>	Nós com <i>-mos</i>
Faixa 1 (15 A 25 ANOS)	n = 798/887 89,97%	n = 89/887 10,03%
Faixa 2 (26 A 49 ANOS)	n = 851/1175 72,43%	n = 324/1175 27,57%
Faixa 3 (50 OU + ANOS)	n = 958/1215 78,85%	n = 257/1215 21,15%
Total	n = 2607/3277	n = 670/3277

Qui-quadrado = 96,202, df = 2, p-valor < 0,05

Fonte: Elaborado pela autora.

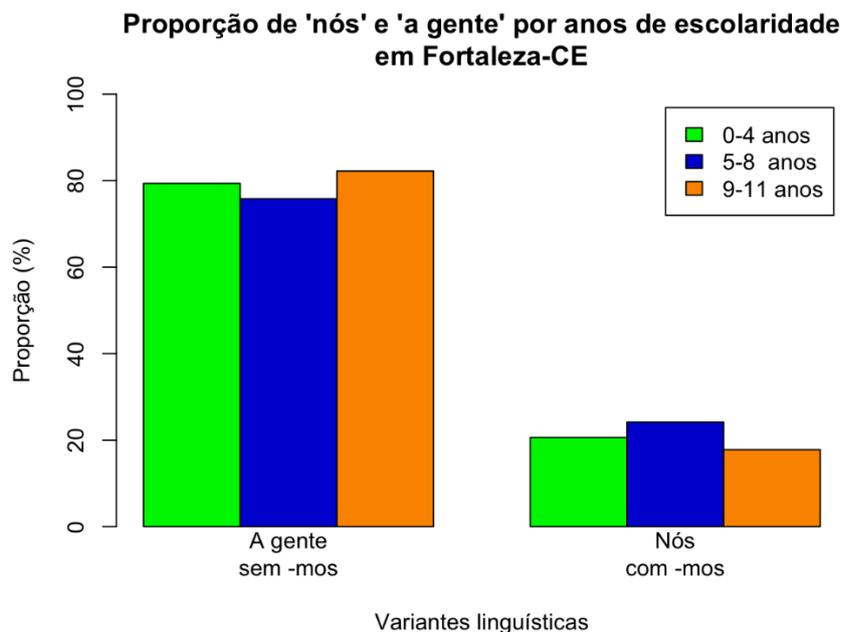
No que diz respeito à variável em questão, os dados de concordância verbal apresentados para análise revelam que os falantes mais jovens (Faixa etária 1 – 15 a 25 anos) tедem a usar mais *a gente* (89, 97%) que os falantes da faixa etária 2 (26 a 49 anos), com (72,43%) e os da faixa etária 3 (50 anos ou mais), com (78,55%). O teste de q-quadrado resultou em um valor de $p < 0,05$, para nosso nível de significância, entende-se que a distribuição não é aleatória e a variável faixa etária exerce influência sobre a variação.

Os resultados apresentam a tendência padrão de uma mudança linguística em tempo aparente (Labov, 2008 [1972]) devido à maior proporção de utilização da variante inovadora *a gente*, sobretudo nos estratos mais jovens da amostra, indicando a substituição da variante *nós* em um intervalo geracional. Podemos perceber que o pronome *a gente* vem sendo implementado em todas as faixas etárias deste estudo, destacando-se a Faixa etária 1 (15 a 25 anos).

5.4 Variável social *Escolaridade*

A variável escolaridade é tratada pela sociolinguística brasileira para distinção da norma culta, fala de pessoas com Ensino Superior, e norma popular, fala de pessoas com escolarização até o Ensino Médio (Faraco; Zilles, 2016). A hipótese é que a escolarização exerça uma força coercitiva em relação a variação linguística, com ênfase nos casos em que a variante inovadora seja estigmatizada, impedindo ou retardando o avanço da mudança (Labov, 2008 [1972]).

Gráfico 5 – Proporção *Nós* x *A gente* na função de sujeito em contexto de concordância verbal – ESCOLARIDADE – NORPOFOR – DID (N= 3277)



Fonte: Elaborado pela autora.

No gráfico 5, quanto aos resultados de concordância verbal padrão, observamos uma maior frequência da forma inovadora *a gente* sem *-mos* (com concordância padrão) por falantes mais escolarizados, os quais possuem 9 a 11 anos de escolaridade, seguidos dos falantes menos escolarizados com 0 a 4 anos de escolaridade e dos falantes com 5 a 8 anos de escolaridade. O uso da forma canônica *nós* com *-mos* (com concordância padrão), por sua vez, é mais frequente em falantes que possuem 5 a 8 anos de escolaridade, seguidos dos falantes que possuem 0 a 4 anos de escolaridade e dos falantes mais escolarizados, os quais possuem 9 a 11 anos de escolaridade. Detalharemos esses dados a seguir na análise de frequência e proporção.

Tabela 6 – Proporção *Nós* x *A gente* na função de sujeito em contexto de concordância verbal – por ESCOLARIDADE – NORPOFOR – DID (N= 3277)

ESCOLARIDADE	A gente sem -mos	Nós com -mos
0 - 4 ANOS	n = 839/3277 79,38%	n = 218/3277 20,62%
5 – 8 ANOS	n = 677/3277 75,81%	n = 216/3277 24,19%
9 – 11 anos	n = 1091/3277 82,22%	n = 236/3277 17,78%
Qui-quadrado= 13,488, df = 2, p-valor < 0,05		

Fonte: Elaborado pela autora.

Na tabela 6, no que se refere ao resultados de concordância verbal padrão, observamos que os informantes mais escolarizados (9-11 anos), favorecem mais o uso da forma inovadora *a gente* (82,22%), que a forma *nós* (17,78%). Esse resultado diverge do estudo de Araújo (2016), o qual evidenciou um leve favorecimento do *a gente* em detrimento de *nós* com os informantes menos escolarizados. Entende-se que a forma *a gente* é predominante em todas as faixas de escolaridade e com forte presença nos falantes mais escolarizados da amostra, indicando que a maior escolarização não impede o uso da variante inovadora. O teste q-quadrado ($p < 0,05$) indica que a escolaridade tem influência sobre a distribuição das variantes por escolaridade, ainda que o tamanho do efeito pareça discreto.

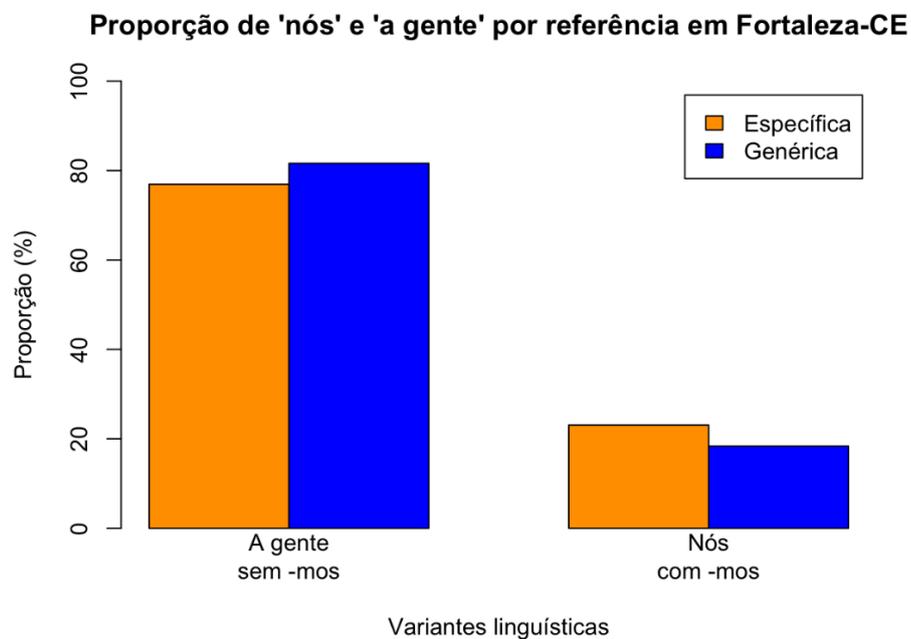
5.5 Variável linguística *determinação do referente*

Para esta variável linguística, tomamos por referência os estudos de Lopes (1998) e Luchesi (2009). Para os autores, as formas de 1ª pessoa do plural podem fazer referência ao *eu + você/tu* ou *eu + não eu*, de interpretação [+ específica], até um grau máximo de indeterminação e generalidade como *eu + todo mundo* ou *eu + qualquer um* (Carvalho, Freitas e Favacho 2020, p. 34, *apud*, Lopes 2007, p. 114). Propusemo-nos a replicar também esse grupo de fatores, visto que Araújo (2016), Carvalho, Freitas e Favacho (2020), Silva (2020), Freitas, Rodrigues e Santos (2021a) (2021b), apresentaram resultados relevantes nos dados de falantes de Fortaleza em outras sincronias.

Em nossa pesquisa, codificamos a *referência dos pronomes* somente com dois fatores: *referência genérica* e *referência específica*. Para tal, valemo-nos da divisão feita por Freitas, Rodrigues e Santos (2021b), a qual tomou como base os trabalhos de Araújo (2016) e

Carvalho Freitas e Favacho (2020), conforme descreveremos a seguir: [+ específico]: sujeitos da 1PP bem especificados no contexto e/ou na fala do enunciador, os quais podem ser internos ou externos à enunciação, inclusive nos casos de plural de modéstia e [- específico]: indeterminação circunscrita a uma comunidade ou grupo em que se inclui o falante e a indeterminação universal. O gráfico a seguir mostra os resultados que obtivemos após controlar esse grupo de fatores:

Gráfico 6 – Proporção *Nós* x *A gente* na função de sujeito em contexto de concordância verbal - por referência – Genérica x Específica - NORPOFOR – DID (N=3277)



Fonte: Elaborado pela autora.

No gráfico 6, nos resultados de concordância verbal padrão, observamos que a forma inovadora *a gente* sem *-mos* (com concordância padrão) é mais frequente em ambos os contextos (referência genérica e específica). Sobretudo em contextos de referência genérica. A forma canônica *nós* com *-mos* (com concordância padrão) é menos frequente nos dados e é sutilmente favorecida em contextos de referência específica, visto que os resultados tanto para a forma inovadora, quanto para a forma canônica são muito próximos. Detalharemos esses aspectos a seguir na análise de frequência e proporção.

Tabela 7 – Proporção *Nós* x *A gente* na função de sujeito em contexto de concordância verbal – Genérica x Específica - NORPOFOR – DID (N=3277)

Referência	Nós com <i>-mos</i>	A gente sem <i>-mos</i>
Genérica	n = 336/3277 18,37%	n = 1493/3277 81,63%
Específica	n = 334/3277 23,07%	n = 1114/3277 76,93%

Qui-quadrado = 10,669, df = 1, p-valor < 0,05

Fonte: Elaborado pela autora.

Nossos resultados de concordância para essa variável corroboram, de maneira geral, a tendência evidenciada em outros estudos (Seara, 2000; Omena, 2003; Lopes, 2004; Mendonça, 2010; Araújo, 2016; Carvalho, Freitas e Favacho, 2020; Silva 2020; Freitas, Rodrigues e Santos 2021a, 2021b, para citar alguns trabalhos). Conforme esperávamos, os resultados apontam para a preferência pela forma *a gente* quando o sujeito apresenta certo grau de indeterminação, uma característica mais genérica, com traços que derivam da forma substantiva *gente*, ou seja, isso se deve a um processo de gramaticalização em curso da forma *a gente*, o que, conforme a história do português, segundo Lopes (2007), diz respeito a um grupo indeterminado de pessoas, uma coletividade, ou seja, *o a gente* ainda preserva vestígios de sua forma original, o substantivo *gente*.

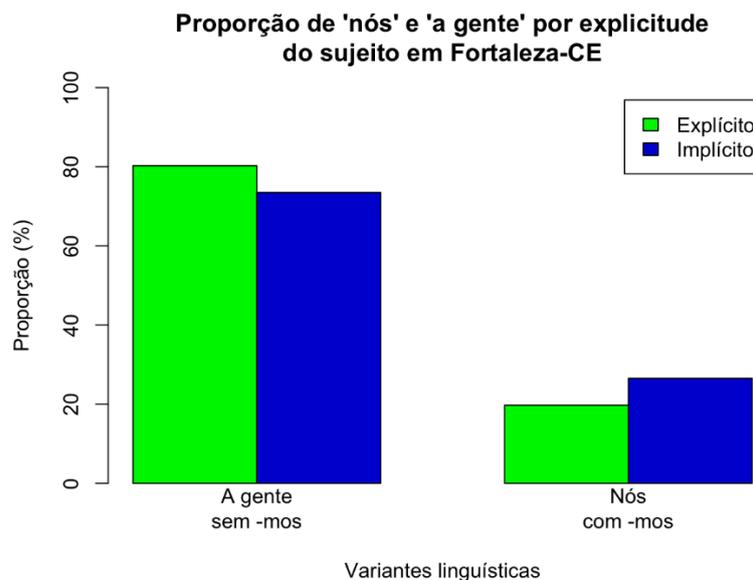
Proporcionalmente, observamos mais casos da forma inovadora *a gente* com referência genérica (81,63%) frente à forma conservadora *nós* (18,37%). Também constatamos que a forma *a gente* com referência específica (76,93%) prevalece em frequência e proporção à forma *nós* (23,07%), o que pode ser justificado como um processo natural, conforme Omena (2003), já que as duas formas são permutáveis nesse contexto de referência também. Isso significa dizer, segundo a autora, que *o a gente* está se estabilizando como pronome e deve substituir mais e mais a forma canônica *nós*. Em ambos os contextos de referência do pronome, nossos dados apontam para a forma *a gente* como favorita. Entretanto, a variante inovadora, em termos de proporção, é mais usada em contextos de referência genérica (81,63%) que em contextos de referência específica (76,93%), como evidenciado na tabela acima. O teste q-quadrado apresentou um valor de $p < 0,05$, indicando que essa variável é estatisticamente significativa para a variação de *nós* e *a gente*.

5.6 Variável linguística *Explicitude do sujeito*

Faraco (2017) aponta que devido ao rearranjando do quadro pronominal do português com o acúmulo de funções para a terceira pessoa do singular (*você é/ a gente é/ ele é*) o Português Brasileiro deve tender a partir de uma língua *prop-drop*, que permite sujeito implícito devido ao paradigma desinencial, para uma língua não *prop-drop*, uma língua de sujeito explícito, desse modo, espera-se uma maior ocorrência de sujeitos explícitos.

A seguir, por meio do Gráfico 7 e da Tabela 8, apresentamos os resultados obtidos para esta variável:

Gráfico 7 – Proporção *Nós* x *A gente* na função de sujeito em contexto de concordância verbal - por explicitude do sujeito - NORPOFOR – DID



Fonte: Elaborado pela autora.

No gráfico 7, observamos que o fenômeno tem efeito na concordância com a *gente* sem *-mos* (com concordância padrão) no que se refere ao sujeito explícito. Já a forma canônica *nós* com *-mos* (com concordância padrão) é mais favorecida em contexto de sujeito implícito. Detalharemos esses aspectos a seguir na análise de frequência e proporção.

Tabela 8 – Proporção *Nós* x *A gente* na função de sujeito em contexto de concordância verbal - por explicitude do sujeito - NORPOFOR – DID

Explicitude	Nós com -mos	A gente sem -mos
Explícito	n = 578/3277 19,73 %	n = 2352/3277 80,27%
Implícito	n = 92/3277 26,51%	n = 255/3277 73,49%

Qui-quadrado = 8.7839, df = 1, p-valor < 0,05

Fonte: elaborado pela autora.

Conforme apresentado na tabela 08, notamos que nossos resultados de concordância, em termos percentuais para o uso das formas pronominais *nós* (19,37%) e *a gente* (80,27%) na função de sujeito explícito e sua realização, corroboram os resultados de que a forma inovadora sobressai à forma canônica no que se refere ao sujeito explícito, pois, a presença do sujeito nas orações tende a promover significativamente o uso da expressão *a gente*, ao passo que a ausência do sujeito sugere a preferência pela forma *nós*. Sobre esse grupo de fatores, devemos considerar que os termos estão levando em conta a referencialidade do sujeito e sua realização, comum às duas variáveis. A rigor, o verbo com *a gente* só pode ter sujeito implícito se a referencialidade estiver explícita, ao contrário do *nós*, cuja explicitude do sujeito e a referencialidade são dispensáveis, em razão da desinência verbal. Podemos observar resultados semelhantes nas pesquisas de Araújo (2016), cujo trabalho apresentou 1.014 ocorrências com sujeito explícito, das quais 70,1% delas eram da variante *a gente*.

O teste q-quadrado apresentou um valor $p < 0,05$, o que permite que pensemos que a distribuição entre as variantes pela variável explicitude não é aleatória, mas uma possível condicionadora linguística para o uso de uma variante em detrimento de outra.

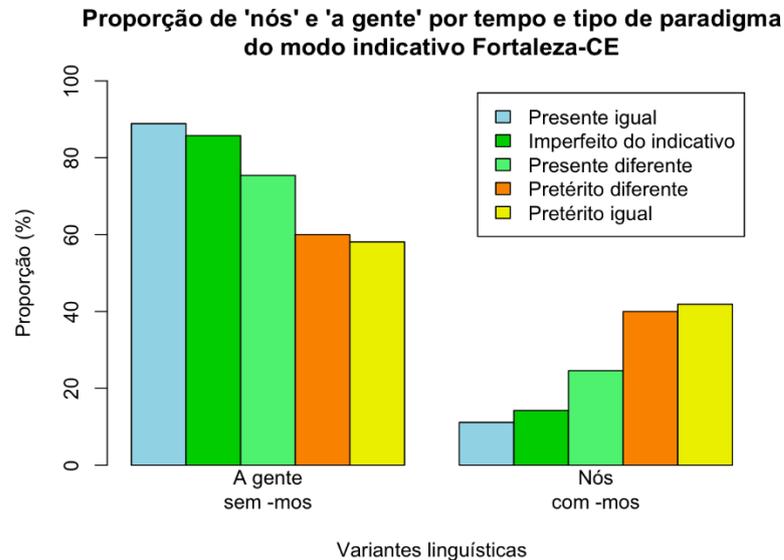
5.7 Variável linguística Tempo e tipo de paradigma verbal no modo indicativo

Como mencionado anteriormente, em nossa pesquisa, analisamos o *tempo e paradigma verbal no modo indicativo*, com foco na dimensão estrutural/funcional, sem considerar a saliência fônica, que, conforme Scherre, Naro e Yacovenco (2018), é a dimensão cognitiva/perceptual de formas em competição. Nesta pesquisa, nosso interesse está no papel do tempo na concordância verbal com as formas pronominais de 1PP.

Apresentaremos a seguir os resultados gerais em termos de proporção e de frequência sobre a variável *tempo e tipo de paradigma verbal no modo indicativo* na pesquisa

que conduzimos:

Gráfico 8 – Proporção *Nós* x *A gente* na função de sujeito em contexto de concordância verbal - por tempo e tipo de paradigma - NORPOFOR – DID (N= 2993)



Fonte: Elaborado pela autora.

No gráfico 8, notamos que os resultados de concordância padrão para a forma inovadora *a gente* sem *-mos* é mais frequente nos seguintes contextos: *presente com morfologia igual ao pretérito*, *presente com morfologia diferente do pretérito* e *pretérito imperfeito*. Esses contextos são tradicionalmente reconhecidos como favorecedores da forma inovadora, conforme apontam Naro, Görski e Fernandes (1999) e Naro, Scherre, Yacovenco (2018a, 2018b). Além disso, a forma inovadora também é favorecida no *pretérito com morfologia diferente do presente* e no *pretérito com morfologia igual ao presente*.

Por outro lado, o gráfico nos apresenta resultados de concordância padrão com a forma canônica *nós* com *-mos*, a qual é mais frequente nos seguintes contextos, respectivamente: *pretérito com morfologia igual ao presente*, *pretérito com morfologia diferente do presente*, *presente com morfologia diferente do pretérito*, *pretérito imperfeito* e *presente com forma idêntica ao pretérito*. Esses aspectos serão detalhados a seguir na análise de frequência e proporção.

Tabela 9 – Proporção *Nós* x *A gente* na função de sujeito em contexto de concordância verbal - por tempo e tipo de paradigma - NORPOFOR – DID (N= 2993)

TEMPO E TIPO DE PARADIGMA NO MODO INDICATIVO	A gente sem -mos n=2347/2993	Nós com -mos n=646/2993
Pretérito imperfeito	n = 657/766 85,77%	n = 109/766 14,23%
Presente diferente	n = 738/979 75,41%	n = 241/979 24,59%
Presente idêntico	n = 647/728 88,87%	n = 81/728 11,13%
Pretérito diferente	n = 91/150 60,00%	n = 60/151 40,00%
Pretérito igual	n = 215/370 58,11%	n = 155/370 41,89%
Qui-quadrado =197.05, df = 4, p-valor < 0,05		

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao analisar a variável linguística referente ao tempo e tipo de paradigma verbal (cf. Tabela 9), consideramos cinco tempos verbais do modo indicativo, os quais se mostraram relevantes em nossa amostra.

Nos resultados de concordância padrão, o tempo presente com morfologia idêntica à do pretérito perfeito do indicativo, revelou-se, predominantemente, associado ao *a gente* sem -mos (88,87%, n = 647/728), em detrimento da forma *nós* com -mos (11,13%, n = 81/ 728).

Nossos achados corroboram os resultados de Naro, Scherre e Yacovenco (2018), que analisaram dados de fala da Baixada Cuiabana e de Vitória. Os autores encontraram uma prevalência da forma *a gente* sem -mos de (53%) na Baixada Cuiabana e (91,1%) em Vitória, em comparação com a forma *nós* com -mos, que apresentou (11,4%) na Baixada Cuiabana e (7,7%) em Vitória. Resultados semelhantes foram encontrados por Carvalho, Favacho e Freitas (2020) em dados de fala culta de Fortaleza da década de 1990, no banco de dados PORCUFORT – Fase I, com dados da década de 1990, os quais indicam um favorecimento da forma inovadora (73%) em relação à forma canônica (27%). Freitas, Rodrigues e Santos (2021) apresentaram dados semelhantes, extraídos do PORCUFORT – Fase II, com dados da fala culta de Fortaleza da década de 2010, os quais mostram (94,76%) de uso para *a gente* sem -mos e (5,24%) para *nós* com -mos. Carvalho e Santos (2023) com dados do projeto Dialetos Sociais Cearenses (DSC), os quais foram coletados na década de 1980, também reportaram resultados parecidos com uso de (92,3%) para *a gente* sem -mos e (7,7%) para *nós* com -mos, no que se refere ao

tempo verbal *presente* igual ao *pretérito perfeito do indicativo*.

De maneira semelhante, o *presente* diferente do *pretérito perfeito do indicativo*, em nossos dados de concordância verbal padrão, mostrou uma associação maior com a construção *a gente* sem *-mos* (75,41%, n = 738/979) em comparação com a forma *nós* com *-mos* (24,59%, n = 241/979).

Nossos achados coincidem com os de Naro, Scherre e Yacovenco (2018) que apresentaram, para este tempo verbal, resultados de (44,8%) para *nós* com *-mos* e (43,1%) para *a gente* sem *-mos* na Baixada Cuiabana, e (25,6%) para *nós* com *-mos* e (72,5%) para *a gente* sem *-mos* em Vitória. Carvalho, Favacho e Freitas (2020) encontraram (48,2%) dos dados com *nós* com *-mos* e (51,8%) com *a gente* sem *-mos*. Freitas, Rodrigues e Santos (2021) apresentaram (20,61%) para *nós* com *-mos* e (79,39%) para *a gente* sem *-mos*. Carvalho e Santos (2023) relataram (25,7%) para *nós* com *-mos* e (74,3%) para *a gente* sem *-mos* no que diz respeito ao tempo *presente* diferente do *pretérito perfeito do indicativo*.

No que se refere aos resultados de concordância verbal padrão para o tempo verbal *pretérito perfeito do indicativo* com morfologia igual ao *presente* (formas ambíguas, por exemplo: andar/comer/dormir), há indicação de que existe um equilíbrio de uso entre *nós* com *-mos* (41,89%, n = 155/370) e *a gente* sem *-mos* (58,11%, n = 215/370) em nossos dados, o que sugere uma competição equilibrada nesse contexto linguístico.

Nossos resultados são consistentes com os de Naro, Scherre e Yacovenco (2018), que indicam um maior uso de *nós* com *-mos* na Baixada Cuiabana com (74,3%) e em Vitória (66,7%), enquanto *a gente* sem *-mos* é usado em (23,1%) e (31,6%), respectivamente. Carvalho, Favacho e Freitas (2020) encontraram (46,4%) de uso para *nós* com *-mos* e (53,6%) para *a gente* sem *-mos*. Freitas, Rodrigues e Santos (2021) apresentaram resultados semelhantes, com (37,72%) para *nós* com *-mos* e (62,28%) para *a gente* sem *-mos*. Carvalho e Santos (2023) reportaram (52%) para *nós* com *-mos* e (48%) para *a gente* sem *-mos* no que diz respeito ao tempo verbal *pretérito perfeito do indicativo* com morfologia igual ao *presente*.

Já o *pretérito perfeito do indicativo* com morfologia diferente do *presente* na primeira pessoa do plural favorece a forma *a gente* sem *-mos* (60,00%, n = 91/150) em detrimento de *nós* com *-mos* (40,00%, n = 60/150).

Nossas observações corroboram os dados de Naro, Scherre e Yacovenco (2018), os quais apresentaram os seguintes resultados para este tempo verbal na Baixada Cuiabana e Vitória: (61%) e (62,5%) de *nós* com *-mos* e (36,6%) e (36,6%) de *a gente* sem *-mos*, respectivamente. Carvalho, Favacho e Freitas (2020) encontraram (60%) de *nós* com *-mos* e (40%) de *a gente* sem *-mos*. Freitas, Rodrigues e Santos (2021) apontaram (32,06%) para *nós*

com *-mos* e (67,02%) para *a gente* sem *-mos*. Carvalho e Santos (2023) apresentaram (57,1%) de *nós* com *-mos* e (42,9%) de *a gente* sem *-mos*.

Para o *pretérito imperfeito do indicativo*, nossos dados de concordância verbal padrão mostram que esse tempo verbal também favorece a forma *a gente* sem *-mos* (85,77%, n = 657/766) em detrimento de *nós* com *-mos* (14,23%, n = 109/766).

Resultados semelhantes foram observados nos estudos de Naro, Scherre e Yacovenco (2018), que encontraram (6,7%) de uso de *nós* com *-mos* na Baixada Cuiabana e (4,7%) em Vitória, enquanto *a gente* sem *-mos* foi usado em (46,3%) dos casos na Baixada Cuiabana e (82,4%) em Vitória. Carvalho, Favacho e Freitas (2020) relataram (28,4%) de uso *nós* com *-mos* e (71,6%) de *a gente* sem *-mos*. Freitas, Rodrigues e Santos (2021) apresentaram (9,90%) para *nós* com *-mos* e (90,10%) para *a gente* sem *-mos*. Carvalho e Santos (2023) encontraram (6,5%) de uso de *nós* com *-mos* e (93,5%) para *a gente* sem *-mos*.

Ao analisar os resultados de concordância relacionados à variante inovadora *a gente* sem *-mos*, desde a perspectiva da análise descritiva, podemos perceber que todos os tempos verbais deste estudo favorecem a concordância de *a gente* sem *-mos*, com o pretérito imperfeito do indicativo sendo um contexto de uso quase predominante dessa forma. Em resumo, o tempo *presente* está associado ao uso de *a gente* sem *-mos*, o pretérito perfeito, aparentemente, apresenta-se como um ambiente competitivo entre essas construções, e o imperfeito desfavorece a forma *nós* com *-mos*.

Desse modo, há aparente influência do tempo e do modo verbal do indicativo na concordância verbal com a forma *nós* e *a gente*, reforçada pelo teste q-quadrado com valor $p < 0,05$, indicando significância estatística.

Nesta seção, abordamos apenas a estatística básica de forma descritiva. Após a análise exploratória, avançamos para o modelo de regressão logística, que nos permite explicitar os mecanismos que influenciam a variação entre os pronomes *nós* e *a gente* e fornecer os resultados de todas as variáveis em interação. Em seguida, discutiremos esses dados utilizando a estatística inferencial dos modelos de regressão logística para aprofundar a análise.

5.8 Análise do modelo de regressão logística

Conforme Oushiro (2022), para o modelo de regressão logística, é necessário escolher um valor de referência para cada grupo de fatores, o que pode resultar na "perda" de alguns níveis após a rodada estatística. No entanto, os resultados são sempre interpretados em relação aos valores de referência pré-determinados pelo pesquisador, permitindo-nos prosseguir

com a análise inferencial dos resultados. Conforme Oushiro (2022, p. 318),

A regressão logística permite a inclusão de múltiplas variáveis previsoras, assim como a análise de regressão linear. Cabe lembrar que, antes de chegar à análise multivariada de regressão logística, o pesquisador idealmente já terá feito gráficos e análises exploratórias (como o qui-quadrado) a fim de saber como se distribuem seus dados. O interesse nas análises de regressão logística é verificar o efeito simultâneo de múltiplas variáveis previsoras, a fim de chegar a um modelo para descrever, explicar e prever o comportamento da variável resposta. A regressão logística também gera um coeficiente linear (Intercept) e coeficientes angulares para cada variável/termo previsor do modelo, e avalia se a estimativa difere significativamente de zero. (OUSHIRO, 2022, p. 318).

Inicialmente, explicaremos, brevemente, a tabela referente ao modelo de regressão logística, visto que se faz necessário para compreender sua estrutura.

A seguir, a tabela com os resultados modelo de regressão logística utilizado neste estudo:

Tabela 10 – Resultados do modelo de regressão logística

<i>Preditores</i>	<i>Estimativas</i>	<i>Erro padrão</i>	<i>Valor-Z</i>	<i>Valor-p</i>	
(Intercepto)	2,953	0,289	10,213	<0,01	***
Explicitude [Implícito]	-0,463	0,174	-2,657	0,01	**
Referência [Específica]	-0,500	0,143	-3,491	<0,01	***
Tempo e tipo de paradigma [Pretérito imperfeito]	-0,05	0,193	-0,259	0,80	
Tempo e tipo de paradigma [Presente não-ambíguo]	-1,063	0,165	-6,456	<0,01	***
Tempo e tipo de paradigma [Pretérito perfeito não-ambíguo]	-1,870	0,255	-7,344	<0,01	***
Tempo e tipo de paradigma [Pretérito perfeito ambíguo]	-2,044	0,208	-9,834	<0,01	***
Efeitos aleatórios					
σ^2	3,29				
τ_{00} INFORMANTE	3,72				
ICC	0,53				
$N_{\text{INFORMANTE}}$	85				
Observações	2994				
R ² Marginal/ R ² Condicional	0,086/0,571				

Fórmula: $\text{glmer}(\text{VD} \sim \text{EXPLICITUDE} + \text{REFERÊNCIA} + \text{TEMPO.TIPO} + (1|\text{INFORMANTE}), \text{data} = \text{dados.binarios}, \text{family} = \text{binomial})$

Fonte: Elaborado pela autora.

A tabela acima apresenta os resultados das variáveis que foram controladas em nosso estudo com a variante de referência *a gente sem -mos*. Para a análise da tabela, procedemos da seguinte forma: primeiro, analisamos o *valor-p* para identificar as significâncias selecionadas pelo programa estatístico após o modelo de regressão logística multivariada. Feito isso, avaliamos os valores na coluna de *logodds* para verificar se a forma *a gente* sob análise é favorecida ou desfavorecida pelo nível indicado. Como delineado no capítulo referente à metodologia adotada para este estudo, a primeira coluna da tabela apresenta as variáveis preditoras e seus níveis, com a primeira linha mostrando o intercepto, ou coeficiente linear, conforme explicado anteriormente.

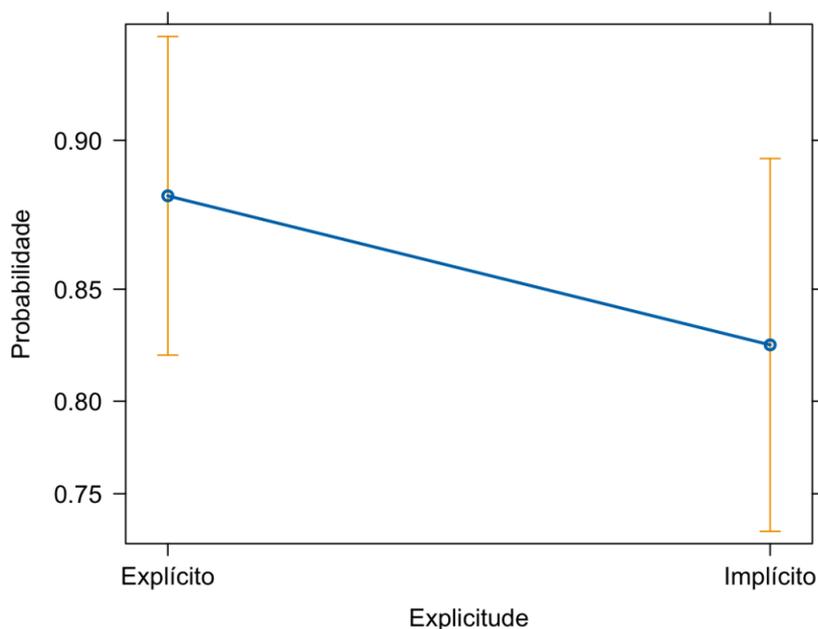
O valor do intercepto indica a probabilidade de uso da variante *a gente* sem *-mos* no primeiro nível das variáveis linguísticas controladas. Portanto, a estimativa do intercepto refere-se ao uso de *a gente -mos* com (1) *sujeito explícito*, (2) *referência genérica*, (3) *no presente do indicativo com verbo de paradigma igual ao pretérito perfeito*.

É necessário somar o valor das estimativas correspondentes para avaliar o impacto de cada um dos fatores das variáveis. Por exemplo, para analisar o efeito do fator específico da variável referência, somamos a estimativa do intercepto (2,953) à estimativa do fator específico (-0,500). O resultado dessa soma (2,453) indica que a probabilidade de uso da forma *a gente* com referência específica, mantendo os outros fatores constantes, é menor do que a probabilidade inicial com referência genérica. Isto é, o modelo sugere que a referência específica desfavorece o uso da forma *a gente*.

A coluna das estimativas é uma medida estatística que indica a probabilidade em *logodds* do uso da variante focalizada na análise de regressão logística. Nossos resultados apontam para (95,04%) de probabilidade de uso de *a gente* sem *-mos* nos contextos de *sujeito explícito*, *referência genérica* e *presente do indicativo igual ao pretérito*. O sinal positivo ou negativo que acompanha o valor da estimativa de cada fator indica se esse fator favorece ou não o uso da variante. Utilizando os valores de *logodds* e *valor-p*, podemos determinar se o nível em questão é relevante para o nosso objeto de estudo. Níveis com *valor-p* menor que 0,05 são significativos para o fenômeno linguístico analisado, podendo favorecer (valor de *logodds* positivo) ou desfavorecer (valor de *logodds* negativo) o grupo em análise, sempre em relação ao valor de referência pré-determinado pelo pesquisador. A análise pode ser mais bem compreendida por meio da comparação entre as medidas de probabilidade.

A seguir, apresentamos os gráficos com a probabilidade de uso da forma *a gente* sem *-mos* para as variáveis *explicitude do sujeito*, *determinação do referente*, *tempo e tipo de paradigma verbal no modo indicativo*, variáveis consideradas estatisticamente relevantes, e os efeitos aleatórios gerados pelo modelo de regressão.

Gráfico 9 – Probabilidade de uso de *a gente* sem *-mos* por *Explicitude do sujeito*

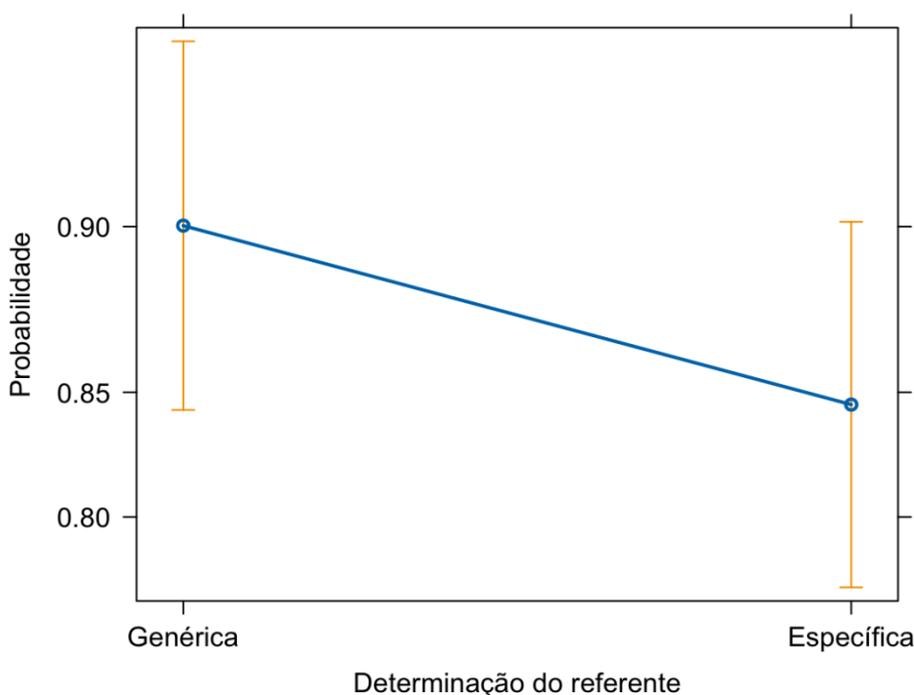


Fonte: Elaborado pela autora.

Como dito a longo deste trabalho, nos resultados de concordância padrão, a forma inovadora *a gente*, cuja conjugação verbal é feita com a desinência da terceira pessoa do singular (ela *quer*/ *a gente quer*), quando ausente a expressão do sujeito, pode gerar uma ambiguidade no que se refere à pessoa do discurso.

Nesse sentido, a variável explicitude do sujeito nas orações tende a favorecer a concordância de *a gente*, como observado no gráfico, em que a probabilidade do uso da forma *a gente* sem *-mos* em detrimento de *nós* com *-mos* cai de 88,34% em contexto explícito para 82,66% em contexto implícito, isso é um discreto tamanho de efeito, visto que, em nossos dados há mais ocorrências da forma inovadora.

Gráfico 10 – Probabilidade do uso de a gente sem *-mos* por *Determinação do referente*



Fonte: Elaborado pela autora.

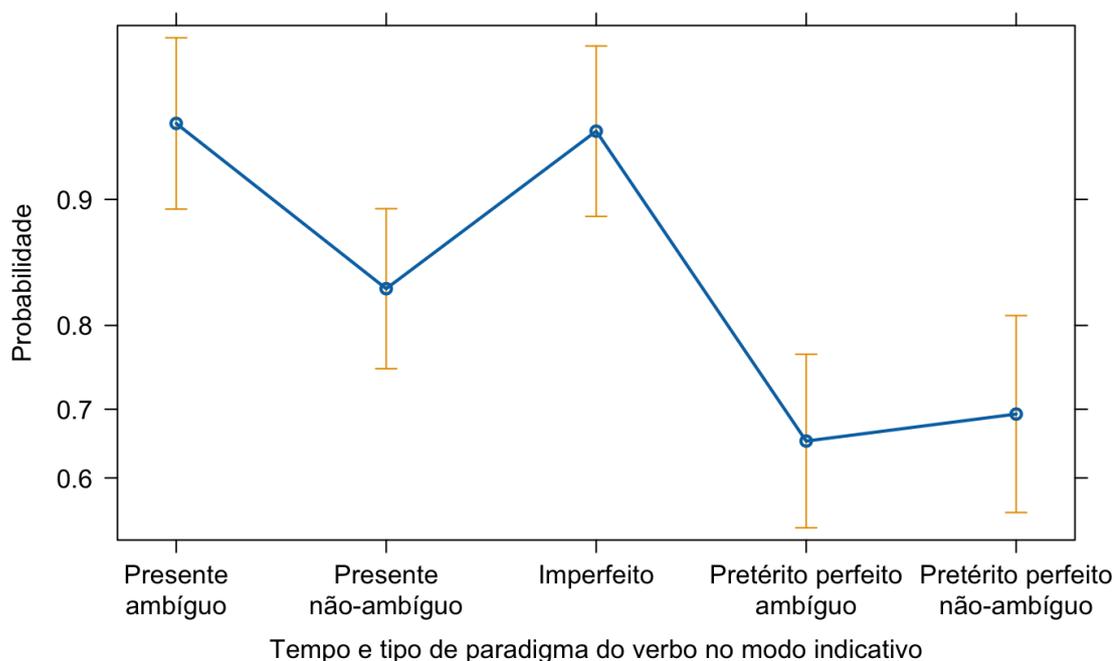
Como já mencionado, observamos em nossos resultados de concordância uma tendência de uso da variante *inovadora a gente* sem *-mos* em contextos de *referência genérica*, visto que, em nossos resultados, a probabilidade do uso da variante *a gente* sem *-mos* em detrimento de *nós* com *-mos* cai de 90,03% em contexto de referência genérica para 84,56% para a referência específica.

Acreditamos que o traço *genérico e menos determinado* guarda relação com a sua forma nominal, a qual é anterior ao processo de gramaticalização (Lopes, 2007). Como podemos observar, o traço mais específico também foi assimilado pela variante *a gente*, neste estudo, o que pode ser explicado pelo fato de haver mais dados da forma *a gente* em nosso corpus.

Além disso, conforme Faraco (2017), a forma *nós* está se especializando como designadora de especificidade, no contexto da reorganização do paradigma pronominal do português. Assim, a desinência zero, originalmente da terceira pessoa do singular (ele/ela quer), expande-se para a segunda pessoa do singular (você quer) e a primeira pessoa do plural (a gente quer). Isto é, há uma tendência ao apagamento das desinências e à realização dos pronomes sujeitos na oração, dessa forma, evita-se a omissão. Portanto, o uso da forma canônica (*nós*)

pode ser um recurso para enfatizar e especificar a referência do pronome.

Gráfico 11 – Probabilidade do uso de *a gente* sem *-mos* por tempo e tipo de paradigma no modo indicativo



Fonte: Elaborado pela autora.

Para a variável *tempo e tipo de paradigma no modo indicativo*, a probabilidade de uso da variante com concordância *a gente* sem *-mos* em detrimento de *nós* com *-mos* é de (93,63%) para o *presente igual* (ambíguo) e (83,52%) para o *presente diferente* (não ambíguo), o que demonstra que o tempo presente favorece a forma inovadora (cf. Scherre, Yacovenco e Naro, 2018a, 2018b). Em seguida, temos uma probabilidade de (93,32%) para o *pretérito imperfeito*, embora este nível não tenha sido considerado estatisticamente significativo, possivelmente por sua proximidade com o nível de referência, (65,53%) para o *pretérito perfeito igual* (ambíguo) e (69,34%) para o *pretérito perfeito diferente* (não ambíguo), o que mostra uma diminuição da probabilidade da forma inovadora para os tempos de pretérito e um enfraquecimento do efeito.

Embora o modelo de regressão não tenha selecionado o nível *pretérito imperfeito* como significativo, devemos considerar que há um total de 657 ocorrências desse tempo, o que representa (93,32%) de preferência nos dados. Observamos essa frequência no *corpus*, com uma alta preferência pelo uso de *a gente em concordância verbal padrão*, mesmo que não tenha sido selecionado pelo modelo, o que pode ser justificado pela sobreposição de outras variáveis

que não propriamente o tempo, mas a saliência fônica, a regularidade/irregularidade dos verbos, dentre outros. Portanto, não podemos ignorar que este é um fator tradicionalmente favorecedor de *a gente*, possivelmente devido à esquiva das proparoxítonas tradicionais da desinência canônica de primeira pessoa do plural (queríamos/ficávamos), de acordo com Scherre, Yacovenco e Naro (2018a, 2018b).

Conforme Oushiro (2022), a partir desse modelo com efeitos fixos, é comum que, ao adicionar os efeitos mistos, incluindo, por exemplo, os informantes no modelo, algumas variáveis anteriormente consideradas estatisticamente significativas deixem de ser apontadas como relevante para o modelo, visto que, há uma superestimação do modelo em dados com dependência entre si. Desse modo, as variáveis preditoras que inicialmente pareciam estar correlacionadas com a variável resposta, ou seja, a avariável dependente do estudo, podem não estar tão correlacionadas assim, haja vista que a influência da variável aleatória (neste caso, o indivíduo) é muito maior do que a de outras variáveis fixas. As particularidades dos falantes superestimam os efeitos. Dessa maneira, na maioria das análises sociolinguísticas, é necessário incluir variáveis aleatórias (Oushiro, 2022).

Cabe destacar que o modelo de regressão não considerou as variáveis sociais de nosso estudo como estatisticamente relevantes.

Conforme Oushiro e Mendes (2014), na maioria dos estudos sociolinguísticos, são analisadas variáveis em estágios intermediários (tanto em casos de mudança quanto de variação estável), cuja distribuição dos dados permite observar claramente o encaixamento social e linguístico das variáveis. Para os autores, a observação dos estágios extremos da variação também pode esclarecer aspectos importantes da Teoria da Variação e da Mudança:

Tais distribuições extremas raramente são analisadas em estudos sociolinguísticos, uma vez que podem ser consideradas casos categóricos ou semicategóricos (LABOV, 2003), ou seja, casos de não variação, que dificilmente permitem a análise quantitativa de regressão logística em programas como o GoldVarb X, devido a *knockouts*, interações entre grupos de fatores – que devem ser independentes entre si – ou células com um número muito pequeno de dados (GUY; ZILLES, 2007). Desse modo, na grande maioria de estudos sociolinguísticos, analisam-se variáveis em estágios intermediários (tanto casos de mudança como de variação estável), em que a distribuição dos dados permite visualizar claramente o encaixamento social e linguístico das variáveis. (Oushiro e Mendes, 2014, p. 253)

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) identificam o problema do encaixamento como uma das questões centrais deste campo de estudos. Como mencionado no capítulo do referencial teórico de nossa pesquisa, o problema do encaixamento se refere à natureza e à extensão das correlações com variáveis independentes ao longo da mudança linguística (p. 36).

Sobre isso, afirmam os autores:

No desenvolvimento da mudança linguística, encontramos estruturas linguísticas encaixadas desigualmente na estrutura social; e nos estágios iniciais e finais de uma mudança, pode haver pouca correlação com fatores sociais. (Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), p. 123.)

Para Oushiro e Mendes (2014), essa questão está relacionada diretamente com o problema da implementação, o qual trata das razões pelas quais as mudanças ocorrem em uma determinada língua e época, e não em outras línguas e épocas com condições semelhantes. (Oushiro e Mendes, 2014, p. 253)

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) argumentam que o papel do linguista é descrever o grau de correlação com fatores sociais para avaliar seu impacto no sistema linguístico, e não demonstrar a motivação social de uma mudança. Além disso, sugerem que a mudança linguística começa quando um traço de variação se difunde através de um subgrupo da comunidade. Com o passar do tempo, conforme os autores, esse traço se generaliza para outros elementos do sistema e pode adquirir certa significação social, tornando-se, eventualmente, um estereótipo. Contudo, ao se aproximar do final da mudança, o traço perde qualquer significação social na transição de variável para constante.

Nesse sentido, acreditamos que o fato de o modelo de regressão não ter considerado as variáveis sociais diz respeito ao encaixamento linguístico dos usos de *nós* e *a gente* na comunidade de fala de Fortaleza. Acreditamos, conforme apontam Scherre, Yacovenco e Naro (2018) e Freitas, Favacho e Carvalho (2022), que a implementação da variante não estigmatizada (*a gente* sem *-mos*), com concordância singular, é usada para evitar uma variante estigmatizada (*nós* sem *-mos*), isto é, sem a concordância padrão de plural. Ademais, acreditamos que estamos diante de um processo de mudança em direção à forma inovadora *a gente* por causa da sua significativa implementação no sistema linguístico, representando 79,55% de nossos dados e por ser predominante em todas as variáveis linguísticas analisadas, no que diz respeito à frequência e proporção. Os condicionadores desse fenômeno, sejam eles positivos (que favorecem a variante sob análise, ex: *sujeito explícito, referência genérica, presente igual, pretérito igual*) ou negativos (que desfavorecem a variante em análise, ex: *sujeito implícito, referência específica, presente diferente, pretérito diferente*) ao seu uso, foram identificados no modelos de regressão logística. A partir desses resultados, pudemos observar que a forma *a gente* avança nos contextos analisados em detrimento da forma canônica *nós*.

Neste capítulo, apresentamos os resultados referentes à descrição e análise de dados

de nossa pesquisa. A partir disso, pudemos confrontar nossas hipóteses de pesquisa e as conclusões obtidas para os dados do NORPOFOR.

Inicialmente, acreditávamos que as variantes com marcas de concordância padrão (*nós* com *-mos* e *a gente* sem *-mos*) eram as favoritas para a expressão de CV com a 1PP na comunidade de fala investigada. Essa hipótese foi confirmada. Ao analisar os resultados gerais de concordância, percebemos a significativa prevalência da forma *a gente* (75,28%) em concordância com a 3ª pessoa do singular (3PS), em competição com a forma canônica *nós* (19,35%), representando a concordância plural - 1ª pessoa do plural (1PP). O uso de *a gente* com 1PP (por exemplo, *a gente falamos/a gente falávamos*) e de *nós* com 3PS (como em *nós fala/nós falou/nós falava*), indicando não concordância, representa 5,37% dos dados.

Quanto à variável *escolaridade*, tínhamos por hipótese que quanto maior a escolaridade dos falantes, maiores as chances de as variantes com marcas de concordância padrão serem favorecidas, por ser esse um fenômeno socialmente marcado e bastante ensinado no contexto escolar. Nossa hipótese foi confirmada e observamos o favorecimento da forma inovadora *a gente* sem *-mos* (com concordância padrão) por falantes mais escolarizados (9 a 11 anos) seguidos dos falantes menos escolarizados com (0 a 4 anos) e dos falantes com (5 a 8 anos). A forma *a gente* com concordância padrão é predominante em todas as faixas de escolaridade e com forte presença nos falantes mais escolarizados da amostra, indicando que a maior escolarização não impede o uso da variante inovadora.

Para a variável *sexo*, tínhamos por hipótese que os homens favorecessem as variantes sem marcas de concordância padrão. Como dito anteriormente, devido aos poucos dados de concordância não padrão, a análise passou a ser binária, considerando apenas com os dados de concordância padrão. A partir disso, constatamos que as mulheres favorecem mais a forma inovadora *a gente* sem *-mos* (85,11%), enquanto os homens tendem a preferir a forma canônica *nós* com *-mos* (27,28%). Isso pode ser explicado pela hipótese clássica laboviana sobre o gênero, já que a forma inovadora (*a gente* sem *-mos*) é uma forma não estigmatizada.

Em relação à faixa etária, acreditávamos que as variantes sem marcas de concordância padrão eram mais recorrentes na fala de informantes mais jovens. Os resultados dessa variável revelaram que os falantes mais jovens (Faixa etária 1: de 15 a 25 anos) tendem a usar mais *a gente* sem *-mos* (89,97%) do que os da faixa etária 2 (26 a 49 anos, 72,43%) e os informantes da faixa etária 3 (a partir de 50 anos, 78,55%).

Quanto às variáveis linguísticas, tínhamos por hipótese que a forma inovadora *a gente* com concordância padrão (*a gente lê; a gente viaja; a gente estuda*) contribuía mais para a frequência do *sujeito explícito*. Os resultados confirmaram nossa hipótese, pois observamos

que a forma inovadora *a gente* sem *-mos* (com concordância padrão) é favorecida em contextos de sujeito explícito. Já a forma canônica *nós* com *-mos* (com concordância padrão) é mais favorecida em contexto de sujeito implícito.

No que se refere à *determinação do referente*, acreditávamos que a forma inovadora *a gente* com concordância padrão apareceria mais em contextos de referência genérica. Os resultados mostraram que a forma inovadora *a gente* sem *-mos* (com concordância padrão) é mais frequente em ambos os contextos (referência genérica e específica), sobretudo em contextos de referência genérica.

Quanto ao *tempo e tipo de paradigma verbal no modo indicativo*, tínhamos por hipótese que a forma inovadora *a gente* sem *-mos* era preferida para o *tempo presente*, enquanto a forma canônica *nós* com *-mos*, para o *pretérito perfeito*. Essa hipótese foi confirmada.

Nossa hipótese inicial era que a variação na CV com a 1PP, no falar popular de Fortaleza, era observada como um fenômeno de variação estável. No entanto, observamos que há uma tendência padrão de mudança linguística, visto que há um crescente uso da forma inovadora (*a gente*) nos dados. Observamos a implementação do pronome *a gente* em todas as faixas etárias, sobretudo na Faixa Etária 1 (15 a 25 anos), em que observamos que os jovens tendem a usar mais *a gente* sem *-mos* (89,97%).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, objetivamos analisar a variação da concordância verbal com a primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* no português falado em Fortaleza, na posição de sujeito explícito e implícito, com o fito de investigar o efeito dos fatores linguísticos e extralinguísticos no condicionamento da variação dessas formas pronominais no contexto de sujeito.

Para tal, percorremos o seguinte percurso: inicialmente, no primeiro capítulo, apresentamos nosso objeto de estudo, objetivos, questões de pesquisa e hipóteses e mencionamos alguns trabalhos que se dedicaram ao estudo desse fenômeno.

No segundo capítulo, apresentamos a base teórica que fundamenta nosso estudo, baseada nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, propostos por Labov (1972), com destaque ao papel dos fatores sociais na variação e mudança linguística.

Em seguida, no capítulo intitulado *O Fenômeno em estudo* discutimos a variação da concordância verbal com a primeira pessoa do plural *nós* e *a gente*, e como esse tema é o tratado pelas gramáticas normativas. Além disso, realizamos um levantamento do estado da arte, o qual apresenta alguns estudos realizados sobre esse fenômeno em algumas regiões do Brasil, com especial atenção aos estudos de produção realizados no Ceará.

No capítulo intitulado *Metodologia*, descrevemos os passos metodológicos que seguimos para o desenvolvimento e realização de nossa pesquisa, os quais incluíram: a submissão da pesquisa ao Comitê de Ética da Universidade Federal do Ceará para obter aprovação e iniciar a coleta de dados, a apresentação do método de pesquisa, a constituição do *Corpus/Universo* da amostra e os procedimentos para coleta de dados. Além disso, apresentamos o envelope da variação, a variável dependente e as variáveis independentes (linguísticas e extralinguísticas) e os procedimentos para análise de dados.

No capítulo intitulado *Análise dos dados de Nós e A gente na fala de Fortaleza*, apresentamos a distribuição geral das formas *Nós* e *A gente* no falar de Fortaleza, com base nos dados do projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR), cujas entrevistas foram realizadas de agosto de 2003 a julho de 2006 (Araújo, 2011).

Na primeira análise, as formas *nós* e *a gente* foram consideradas na posição de sujeito explícito e implícito, com suas respectivas realizações (*nós* com *-mos*, indicando concordância plural; *nós* sem *-mos*, indicando não concordância; *a gente* com *-mos*, indicando não concordância; *a gente* sem *-mos*, indicando concordância singular), como variantes de uma única variável, controlamos, portanto, quatro variantes.

No que se refere aos resultados de concordância verbal provenientes da análise

descritiva de *nós* e *a gente* e suas diversas realizações, verificamos em nossa amostra 3.463 ocorrências dessas formas pronominais na função de sujeito em contexto de concordância verbal na fala popular de Fortaleza - Ceará.

A análise geral dos dados de concordância revelou uma preferência maior pela forma *a gente* em comparação com a forma *nós*. Das 3.463 ocorrências, 2.607 são de *a gente* sem *-mos* (75,28%), 61 ocorrências de *a gente* com *-mos* (1,76%), 670 ocorrências de *nós* com *-mos* (19,35%) e 125 ocorrências de *nós* sem *-mos* (3,61%).

Dado o baixo número de ocorrências de *a gente* com *-mos* (61 ocorrências de 3.463, proporção de 1,76%) e *nós* sem *-mos* (125 ocorrências de 3.463, proporção de 3,61%), nossa análise passou a ser binária: *nós* com 1PP (por exemplo, *nós falamos/nós falávamos/nós falássemos*) versus *a gente* com 3PS (como em *a gente fala/a gente falou/a gente falava/a gente falasse*).

Assim, ao excluirmos as variantes *nós* sem *-mos* e *a gente* com *-mos*, o número de observações passou a ser 3.277. Atualizando as frequências e proporções, a estrutura inovadora, *a gente* sem *-mos* (2.607 ocorrências de 3.277, proporção de 79,55%) foi a mais frequente, enquanto *nós* com *-mos* (670 de 3.277, proporção de 20,45%) foi menos comum.

Comparamos os resultados de concordância verbal padrão obtidos em nosso estudo com os de outras pesquisas variacionistas sobre o mesmo fenômeno (Omena, 1986, 1996; Seara, 2000; Fernandes, 2004; Mendes, 2007; Mattos, 2013; Araújo, 2016; Carvalho; Favacho; Freitas, 2020, 2022; Silva 2020, Freitas, Rodrigues, Santos; 2021, 2022; Carvalho e Santos, 2023; para citar alguns desses trabalhos), e constatamos que a comunidade de fala de Fortaleza segue a mesma tendência de preferência pela forma inovadora *a gente* (com concordância padrão), a qual vem substituindo o uso da forma canônica *nós* como referência à 1PP também no contexto de sujeito em variação com a concordância verbal.

Os resultados, de maneira geral, corroboram as pesquisas mencionadas anteriormente, pois indicam que predomina o uso da concordância verbal na amostra, sendo as estruturas de concordância não padrão muito menos frequente na base de dados em estudo.

Em relação às variáveis sociais, especialmente ao *sexo/gênero*, constatamos que as mulheres tendem a usar com mais frequência a forma inovadora *a gente* sem *-mos* (85,11%), enquanto os homens tendem a preferir a forma canônica *nós* com *-mos* (27,28%). Isso sugere que a variável *sexo/gênero* é estatisticamente significativa.

Quanto à *escolaridade*, observamos que os informantes mais escolarizados (9-11 anos) favorecem mais o uso de *a gente* sem *-mos* (82,22%) em comparação à forma canônica *nós* sem *-mos* (17,78%), o que sugere que a escolaridade influencia a distribuição das variantes,

embora o tamanho do efeito seja discreto.

Quanto à *faixa etária*, os dados revelaram que os falantes mais jovens (Faixa etária 1: de 15 a 25 anos) tendem a usar mais *a gente* sem *-mos* (89,97%) do que os da faixa etária 2 (26 a 49 anos, 72,43%) e os informantes da faixa etária 3 (a partir de 50 anos, 78,55%), indicando que essa variável exerce influência sobre a variação.

No que se refere às variáveis linguísticas, quanto à *determinação do referente*, observamos que a forma inovadora *a gente* sem *-mos* (com concordância padrão) é mais frequente em ambos os contextos (referência genérica e específica). Sobretudo em contextos de referência genérica. Por outro lado, a forma canônica *nós* com *-mos* (com concordância padrão) é menos frequente e favorecida em contextos de referência específica.

Quanto à *explicitude do sujeito*, observamos que a forma inovadora *a gente* sem *-mos* (com concordância padrão) é favorecida em contextos de sujeito explícito. Já a forma canônica *nós* com *-mos* (com concordância padrão) é mais favorecida em contexto de sujeito implícito.

No que concerne à variável *tempo e tipo de paradigma verbal no modo indicativo*, observamos o favorecimento da forma inovadora *a gente* sem *-mos* (com concordância padrão) no que diz respeito à frequência e proporção, nos seguintes contextos, respectivamente: *tempo presente com morfologia igual ao pretérito*, *o pretérito imperfeito*, *o presente com morfologia diferente do pretérito*, *o pretérito com morfologia diferente do presente* e *o pretérito com morfologia igual ao presente*.

Por outro lado, a forma canônica *nós* com *-mos* (com concordância padrão) é mais favorecida, com relação à frequência e proporção, nos seguintes contextos, respectivamente: *pretérito com morfologia igual ao presente*, *pretérito com morfologia diferente do presente*, *presente com morfologia diferente do pretérito*, *pretérito imperfeito* e *presente com forma idêntica ao pretérito*.

Quanto à descrição e análise dos dados, realizamos, ainda, uma análise de regressão logística multivariada, a fim de analisar a relação entre as variáveis selecionadas para nossa pesquisa. A partir dessa análise, constatamos uma probabilidade de (95,04%) de uso de *a gente* sem *-mos* nos contextos de *sujeito explícito*, *referência genérica* e *presente do indicativo igual ao pretérito*. As variáveis consideradas estatisticamente relevantes foram: *explicitude do sujeito*, *determinação do referente*, *tempo e tipo de paradigma verbal no modo indicativo*. O modelo de regressão não considerou as variáveis sociais como estatisticamente relevantes.

Acreditamos que o fato de o modelo de regressão não ter considerado as variáveis sociais está relacionado ao encaixamento linguístico dos usos de *nós* e *a gente* na comunidade

de fala de Fortaleza. Além disso, como mencionado, acreditamos que estamos diante de um processo de mudança em direção à forma inovadora *a gente* devido à sua significativa implementação no sistema linguístico, representando (79,55%) de nossos dados e por ser predominante em todas as variáveis linguísticas analisadas.

Esperamos que nossa pesquisa possa contribuir para os estudos variacionistas no Brasil sobre a concordância verbal com a primeira pessoa do plural no contexto do português brasileiro. Por meio da descrição e análise quantitativa e qualitativa desse fenômeno em Fortaleza, buscamos somar aos estudos já realizados, contribuindo para a fotografia sociolinguística do português brasileiro, no que diz respeito ao mapeamento do uso da concordância verbal.

REFERÊNCIAS

- ALKMIN, Tânia Maria. Sociolinguística parte I. *In*: MUSSALIN, F.; BENTES A. C. (orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. 9. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012. p. 23-50.
- AGOSTINHO, Silvana Regina Nascimento. **A variação na concordância verbal de primeira pessoa do plural na escrita de alunos de Ensino Fundamental**. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/106991>. Acesso em: 21 de jul. 2021.
- ALMEIDA, Alessandra Preussler de. **A concordância verbal na comunidade de São Miguel dos Pretos, Restinga Seca, RS**. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/7627>. Acesso em: 21 de jul. 2021.
- ARAÚJO, Aluiza Alves de. **O Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza – NORPOFOR**. 2011. *In*: Anais do XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Cadernos do CNLF, Vol. XV, Nº 5, t. 1. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011, p. 835. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tex_completos/o_projeto_norma_oral_do_portugues_ALUIZA.pdf. Acesso em: 25 jul. 2021.
- ARAÚJO, Silvana Silva de Farias. **A Concordância Verbal no português falado em Feira de Santana-BA: Sociolinguística e Socio-história do Português Brasileiro**. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27830>. Acesso em: 21 de jul. 2021.
- ARAÚJO, Marden Alyson Matos de. **Será que a gente usa mais o nós? Uma fotografia sociolinguística do falar popular de Fortaleza**. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: http://www.uece.br/posla/wp-content/uploads/sites/53/2019/11/Dissertac%CC%A7a%CC%83o_Marden-Alyson-de-Arau%CC%81jo.pdf. Acesso em 19 de jul. de 2021.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2001.
- BENFICA, Samine de Almeida. **A Concordância Verbal na fala de Vitória**. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/10362>. Acesso em: 21 de jul. 2021.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós Chegamu na escola, e agora?* Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Problemas de comunicação interdialeto. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n.78-79, p.9-32, jul-dez, 1984.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística: parte II. *In*: MUSSALIM, Fernanda et al (org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 51-83.

CARVALHO, Hebe Macedo de; FREITAS, Maylle Lima; FAVACHO, Larissa de Lima. A variação dos pronomes sujeitos nós e a gente a fala culta de Fortaleza em cena. **(Con)textos Linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 27, p. 30-45, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/29213>. Acesso em: 22 de set. 2021.

CARVALHO, Hebe Macedo de; FREITAS, Maylle Lima. Quem somos "nós" e quem é "a gente"? Uma abordagem de avaliação linguística e social da variável de primeira pessoa plural. *In*: VIANA ; RAKEL Beserra de Macêdo; RODRIGUES, Lorena da Silva; PONTES, Valdecy de Oliveira; CARVALHO, Hebe Macedo de (org.). **Estudos em sociolinguística variacionista e sociofuncionalismo**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020, p. 124-142. DOI: 10.31560/pimentacultural/2020.985.124-142.

CARVALHO, Hebe Macedo de; FAVACHO, Larissa de Lima; FREITAS, Maylle Lima. Avaliação e percepção das formas nós e a gente e dos padrões de concordância por falantes escolarizados de Fortaleza - Ceará. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 11, n. 1, p. 40-57, jan.-abr. 2022. Disponível em: <http://revistas.urca.br/index.php/MigREN/article/view/231>. Acesso em: 25 de mai. 2022.

CARVALHO, Hebe Macedo de; FREITAS, Maylle Lima. O uso variável das formas *nós/a gente* no Português Brasileiro: a fala de Fortaleza em cena. **Relatório PIBIC 2018/2019**. Fortaleza: UFC, 2019. Não publicado.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da Língua Portuguesa**. 46. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

CHAGAS, Juliana Flores das. **Concordância de a gente em estruturas predicativas na fala de Florianópolis: um estudo de tendência**. Dissertação (Mestrado em Linguística). 2019. Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/206396>. Acesso em 23 jul. 2021.

COELHO, Rafael Ferreira. **É nós na fita!** Duas variáveis linguísticas numa vizinhança da periferia paulistana (O pronome de primeira pessoa do plural e a marcação de plural no verbo). Dissertação (Mestrado em Linguística). 2006. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: https://www.academia.edu/28743075/_%C3%89_n%C3%B3is_na_fita_Duas_vari%C3%A1veis_lingu%C3%ADsticas_numa_vizinhan%C3%A7a_da_periferia_paulistana. Acesso em: 23 de jul. 2021.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 3a ed., 2001.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. **A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro**. 1995. 151f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de. **Gramática**. 12. ed. São Paulo: Ática, 2000.

FISCHER, John. L. Social influences on the choice of a linguistic variant. **Word**, v. 14, p. 47-56, 1958.

FOEGER, Camila Candeias. **A Primeira pessoa do plural no português falado em Santa Leopoldina/ES**. Dissertação. 2014. (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014. Disponível em:

<https://repositorio.ufes.br/handle/10/1601>. Acesso em: 21 de jul. 2021.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Idade: uma variável sociolinguística complexa. *In: Línguas & Letras*, v. 6, n. 11, p. 105-121, 2005. ISSN 1517-7238. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/875/740>. Acesso em: 16 set. 2019.

FREITAG, Raquel Meister Ko. (Re)discutindo sexo/gênero na sociolinguística. *In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. (org.). Mulheres, linguagem e poder: estudos de gênero na sociolinguística brasileira*. São Paulo: Blucher, 2015, p. 17-74. ISBN: 978-85-8039-121-3. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/download-pdf/287/19654>. Acesso em: 04 mar. 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, Vânia de Fátima. **A ausência de concordância verbal no Vale do Rio Doce/MG**. Dissertação. 2007. (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ALDR-76RMCJ>. Acesso em: 24 jul. 2021.

GUY, Gregory. A identidade lingüística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões de variação lingüística. **Organon**, [s.l.], v. 14, n. 28-29, p. 17-32. 2000.

GRIES, Stefan Thomas. **Estatística com R para linguistas: uma introdução prática**. Tradução de Heliana R. Mello *et al.* Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2019.

KATO, Mary Aizawa; NASCIMENTO Milton do. **Gramática do português falado culto no Brasil, vol. III, A construção da sentença**. Campinas: Editora da Unicamp, 2009. 340 p.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, William. The intersection of sex and social class in the course of linguist change. **Language Variation and Change**, v. 2, p. 205-254, 1990.

LABOV, William. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, William. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LAVANDERA, Beatriz. Where does the sociolinguistic variable stop? **Language In Society**, [s.l.], v. 7, n. 2, p. 171-182, ago. 1978. Cambridge University Press (CUP).

LOPES, Célia Regina dos Santos. **Nós e a gente no português falado culto do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) –Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

LOPES, Célia Regina dos Santos. **A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português**. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, 2003, v. 18. p. 174. ISBN: 84-8489-061-9.

LOPES, Célia Regina dos Santos. **A gramaticalização de a gente em português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos**. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 47-80, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/7728/7098>. Acesso em: 19 jun. 2021.

LOPES, Célia Regina dos Santos. **Pronomes pessoais**. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (orgs.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2007.

LUCCHESI, Dante. A representação da primeira pessoa do plural. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 457-469. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/209/4/O%20Portugues%20Afro-Brasileiro.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2021.

LUCCHESI, Dante. **As duas grandes vertentes da história sociolingüística do Brasil (1500-2000)**. DELTA. São Paulo. v.17, n.1, p. 97-132, 2001.

LUCCHESI, Dante. **Norma lingüística e realidade social**. In: BAGNO, Marcos (org.). **Lingüística da norma**. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 63-92.

LUCCHESI, Dante. **Parâmetros sociolingüísticos do português brasileiro**. Revista da ABRALIN, v. 5, n. 1 e 2, 2006. p. 83-112.

LUCCHESI, Dante. A Teoria da Variação Linguística: um balanço crítico. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, [S. l.], v. 41, n. 2, p. 793–805, 2016. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1198>. Acesso em: 13 dez. 2023.

MATTOS, Shirley Eliany Rocha. **Goiás na primeira pessoa do plural**. 2013. Tese (Doutorado em Lingüística) - Programa de Pós-Graduação em Lingüística do Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/13064>.

Acesso em: 20 jul. 2021.

MENDONÇA, Alexandre Kronemberger de. **Nós e A gente em Vitória: análise sociolinguística da fala capixaba**. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010. Disponível em: http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/3724/1/tese_4127_DISSERTA%C3%87%C3%83O%20Alexandre%20Kronemberg.pdf. Acesso em: 20 de jul. 2021.

MOLLICA, Maria Cecília. A relevância das variáveis não linguísticas. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à Sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p.27-31.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 9-14.

MOURA, Denilda. O tratamento das variantes padrão e não-padrão na sala de aula. *In*: MOURA, Denilda (org.) **Leitura e escrita: a competência comunicativa**. Maceió: EDUFAL, 2007.

MONTE, Alexandre. **Concordância verbal e variação: Uma fotografia Sociolinguística da cidade de São Carlos**. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Araraquara, Araraquara, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/93983>. Acesso em: 20 jul. 2021.

MONTEIRO, José Lemos. **Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português**. Fortaleza: Edições UFC, 1994. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/ecac18111682e78be2f91cd43f8a23db.pdf>. Acesso em: 25 de jul. 2021.

MONTEIRO, Larissa de Souza. **“Eles fala umas fanfarronagem que nós não entende”**: a concordância verbal de primeira pessoa do plural em favela do Rio de Janeiro. 2020. Monografia (Graduação em Letras) -Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/14156/1/LSMonteiro.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2021.

NARO, Anthony Julius et al. **“Linguistic and social embedding of variable concord with 1st plural nós ‘we’ in Brazilian Portuguese”**, en Pilar Barbosa /Maria da Conceição de Paiva / Celeste Rodrigues (eds.), *Studies on variation in Portuguese*. Amsterdam: John Benjamins, 2017. p. 219-231.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. *In*: MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org.). **Introdução à Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 43-50.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. *In*: MOLLICA, M. (org.). **Cadernos didáticos UFRJ: Introdução à sociolinguística variacionista**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992, p.17-25.

NARO, Anthony Julius. Fatores extralinguísticos: idade. *In.*: MOLLICA, M. (org.). **Cadernos didáticos UFRJ**: Introdução à sociolinguística variacionista. Rio de Janeiro: UFRJ, 2. ed 1994, p.81-88.

OMENA, Nelize Pires de. A referência à primeira pessoa do plural. *In.*: SILVA, G. O.; SCHERRE, M. M. P. (orgs.). **Padrões sociolinguísticos**: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 183-216.

OMENA, Nelize Pires de. A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural. *In.*: NARO, A. J. *et al.* **Relatório final de pesquisa**: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação. Rio de Janeiro: UFRJ, v. 2, p. 286-319, 1986.

OMENA, Nelize Pires de. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. *In.*: SILVA, Giselle Machline de Oliveira; SCHERRE, Maria Marta Pereira (org.). **Padrões Sociolinguísticos**: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1996. p. 183-215.

OMENA, Nelize Pires de. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança?. *In.*: PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (org.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa, p. 63-80, 2003.

OUSHIRO, Livia. **Identidade na pluralidade**: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo. 2015. 390f. Tese (Doutorado em Linguística) – FFLCH/Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-15062015-104952/pt-br.php>. Acesso em: 21 set. 2021.

OUSHIRO, Livia. Tratamento de dados com o R para análises sociolinguísticas. *In.*: FREITAG, Raquel Meister Ko (org.). **Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística**. São Paulo: Edgard Blücher, 2014. p. 133-176. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/RaquelFreitag/publication/271191324_Metodologia_de_coleta_e_manipulacao_de_dados_em_Sociolinguistica/links/55281d920cf2779ab78ccd5d/Metodologia-de-coleta-e-manipulacao-de-dados-em-Sociolinguistica.pdf#page=129 Acesso em 10 out 2022.

OUSHIRO, Livia. **Introdução à estatística para linguistas** [livro eletrônico]. São Paulo: Editora da ABRALIN, 2022.

OUSHIRO, Livia e MENDES, Ronald Beline. **O apagamento de (-r) em coda nos limites da variação**. Veredas — Revista de Estudos Linguísticos, v. 18, n. 2, p. 251-266, 2014. Tradução . . Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Mendes_RB_2715276_OApagamentoDeREmCodaNosLimitesDaVariacao.pdf. Acesso em: 25 jun. 2024

PAIVA, Maria da Conceição de. Fatores extralinguísticos: sexo. *In.*: MOLLICA, M. (org.). **Cadernos didáticos UFRJ**: Introdução à sociolinguística variacionista. Rio de Janeiro:

UFRJ, 2. ed 1994, p.69-74.

PEREIRA, Maria Lidiane de Sousa. ***Por que eles não concorda?*** Mecanismos de Variação na Concordância Verbal no Português Oral de Fortaleza – CE. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: <https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=83326>. Acesso em: 04 de ago. 2021.

PEREIRA, Maria Lidiane de Sousa. **Variação na Concordância Verbal de 3ª Pessoa do Plural nos falares Culto e Popular de Fortaleza – CE:** um estudo variacionista. 2021. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2021. Disponível em: http://www.uece.br/posla/wp-content/uploads/sites/53/2021/07/TESE_MARIA-LIDIANE-DE-SOUSA-PEREIRA.pdf. Acesso em: 04 de ago. 2021.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

RUBIO, Cássio Florêncio. **Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e no português europeu:** estudo sociolinguístico comparativo. São Paulo, Editora UNESP, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/handle/11449/109234>. Acesso em: 04 de ago. 2021.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral.** Organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 34. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; YACOVENCO, Lilian Coutinho. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. **Revista ABRALIN**, v. 10, n. 3, p. 121-146, 2011.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; YACOVENCO, Lilian Coutinho; NARO, Anthony. Nós e a gente no português brasileiro: concordâncias e discordâncias. **Estudos de Linguística Galega**, Volume Especial I, ed. F. Cidrás, F. Dubert and X. L. Regueira, p. 13-27, 2018. Disponível em: <https://revistas.usc.gal/index.php/elg/article/view/3585>. Acesso em: 22 set. 2021.

SCHMIGUEL, Kelli. **Nós e A gente:** saliência fônica, percepções e significados sociais no estado do Ceará. 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade da Lusofonia Brasileira, Redenção, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/3258/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20KELLI%20SCHMIGUEL.pdf>. Acesso em: 20 de fev. 2024.

SEARA, Izabel Christine. A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana. **Organon**, v. 14, n. 28-29, p. 179-194, 2000.

SILVA, Francisca Jocineide de Alencar. **A Variação pronominal nós e agente na fala de Fortaleza.** 2020. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em

Linguística da Universidade Federal do Ceará, 2020.

SILVANO, Gabriella Ligocki Pedro. **A Concordância Verbal de primeira pessoa do plural em textos escritos por alunos do Ensino Fundamental da rede pública de Florianópolis.** 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/169216>. Acesso em: 21 de jul. 2021.

TAMANINE, Andréa Maristela. **Curitiba da gente:** um estudo sobre a variação pronominal nós/a gente e a gramaticalização de a gente na cidade de Curitiba. 2010. 222 p. Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. Disponível em: Acesso em: 11 maio 2021.

TAMANINE, Andréa Maristela. **A alternância nós/a gente no interior de Santa Catarina.** 2002. 132 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística.** 8°. ed. São Paulo: Ática, 2007.

VIANNA, Juliana Segadas; LOPES, Célia Regina dos Santos. Variação dos pronomes “nós” e “a gente”. *In:* ABRAÇADO, Jussara; MARTINS, Marco Antonio. (org.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2015. p. 109-131.

VIANNA, Juliana Segada. **A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca.** 2006. 114 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2006.

VIEIRA, Silvia Rodrigues. Concordância Verbal. *In:* VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S.F. (orgs.). **Ensino de Gramática:** descrição e uso. São Paulo: Editora Contexto, 2007. p.85-140.

VOTRE, Sebastião. Fatores extralinguísticos: escolaridade. *In.:* MOLLICA, M. (org.). **Cadernos didáticos UFRJ:** Introdução à sociolinguística variacionista. Rio de Janeiro: UFRJ, 2. ed 1994, p.75-79.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

APÊNDICE A – Parecer consubstanciado do CEP

UFC - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ /



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A VARIAÇÃO DA CONCORDÂNCIA VERBAL NA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NÓS E A GENTE NO PORTUGUÊS FALADO EM FORTALEZA - CE

Pesquisador: TALITA DANTAS PINTO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 53845421.4.0000.5054

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Linguística

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.163.692

Apresentação do Projeto:

Os estudos sobre a Concordância Verbal (CV), no Português Brasileiro (PB), vêm despertando muito interesse em pesquisadores de várias partes do Brasil. Sobretudo porque a variação na CV é um fenômeno que foge à regra prescrita pelas gramáticas tradicionais (GTs), conteúdo gramatical esse que é bastante trabalhado no ensino formal da língua materna pelos professores de Língua Portuguesa (LP), visto que, segundo Monte (2007) é um dos tópicos gramaticais que os professores mais se empenham em corrigir nos seus alunos. Por não haver, ainda, trabalhos desenvolvidos sobre a variação da Concordância Verbal de 1ª pessoa do plural em Fortaleza – CE, por acreditarmos que o fenômeno da variação na 1PP acontece na comunidade de fala que será estudada e por esse objeto de estudo despertar nossa curiosidade, acreditamos que nossa pesquisa pode trazer contribuições aos estudos Variacionistas no Brasil, por meio de mais resultados sobre esse tema, a partir de uma nova amostra, em nosso caso, extraída da comunidade de fala de Fortaleza – CE, em seu falar popular, utilizando o Banco de dados do Projeto Norma Oral do Português Popular

de Fortaleza – CE (NORPOFOR). Pretendemos, portanto, analisar as variáveis linguísticas e extralinguísticas que condicionam o comportamento variável da CV com a 1ª PP (nós e a gente), à luz dos preceitos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968).

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000
Bairro: Rodolfo Teófilo **CEP:** 60.430-275
UF: CE **Município:** FORTALEZA
Telefone: (85)3366-8344 **E-mail:** compe@ufc.br

UFC - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ /



Continuação do Parecer: 5.163.002

Objetivo da Pesquisa:

Investigar, à luz da Sociolinguística Variacionista, os fatores internos e externos à língua que condicionam os usos variados da concordância verbal de primeira pessoa do plural no Português oral de Fortaleza.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

A divulgação dos dados dos informantes do banco de dados. Manteremos esses dados sob sigilo.

Benefícios:

Mensurar a proporção de presença e ausência de CV com as formas pronominais na Primeira Pessoa do Plural na comunidade de fala investigada. Saber a proporção estatística de concordância verbal com a Primeira Pessoa do Plural Nós e A gente na comunidade de fala investigada.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa com potencial de contribuição para a sociolinguística.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os documentos obrigatórios foram apresentados e estão de acordo com a Resolução 510/16.

Recomendações:

Ao final da pesquisa, enviar o relatório final ao comitê de ética.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A pesquisa não apresenta pendências éticas ou documentais.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB INFORMACOES BASICAS DO PROJETO 1864617.pdf	29/11/2021 12:52:07		Aceito
Outros	CARTA APRECIACAO CEP UFC TALITA DANTAS PINTO assinada Hebe.pdf	29/11/2021 12:48:59	TALITA DANTAS PINTO	Aceito
Outros	curriculo do sistema de curriculos latt es talita dantas pinto.pdf	29/11/2021 12:47:48	TALITA DANTAS PINTO	Aceito
Outros	DECLARACAO DE FIEL DEPOSITARIO TALITA DANTAS PINTO.pdf	29/11/2021 12:46:37	TALITA DANTAS PINTO	Aceito

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-275

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: compe@ufc.br

UFC - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ /



Continuação do Parecer: 5.163.692

Cronograma	CRONOGRAMA_TALITA_DANTAS_PINTO.pdf	29/11/2021 12:35:31	TALITA DANTAS PINTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	DISPENSA_DE_TCLE_TALITA_DANTAS_PINTO.pdf	29/11/2021 12:35:08	TALITA DANTAS PINTO	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO_DE_PESQUISA_TALITA_DANTAS_PINTO.pdf	29/11/2021 12:34:42	TALITA DANTAS PINTO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DECLARACAO_PESQUISADORES_TALITA_DANTAS_PINTO_assinada_Hebe.pdf	29/11/2021 12:34:03	TALITA DANTAS PINTO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Talita_Dantas.pdf	29/11/2021 12:33:42	TALITA DANTAS PINTO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	autorizacao_assinada.pdf	29/11/2021 12:33:15	TALITA DANTAS PINTO	Aceito
Folha de Rosto	folha_De_Rosto_assinada.pdf	29/11/2021 12:30:23	TALITA DANTAS PINTO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FORTALEZA, 14 de Dezembro de 2021

Assinado por:

FERNANDO ANTONIO FROTA BEZERRA
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-275

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: conep@ufc.br

ANEXO A –Tabela 11 – Proporção de uso das formas por informante – NORPOFOR – DID (N=3463)

INFORMANTE	VD	n	prop
1	A gente (com -mos)	1	2,78
1	A gente (sem -mos)	34	94,44
1	Nós (com -mos)	1	2,78
10	A gente (sem -mos)	14	60,87
10	Nós (com -mos)	9	39,13
11	A gente (sem -mos)	57	98,28
11	Nós (com -mos)	1	1,72
12	A gente (sem -mos)	2	28,57
12	Nós (com -mos)	5	71,43
13	A gente (sem -mos)	47	100
14	A gente (sem -mos)	8	27,59
14	Nós (sem -mos)	1	3,45
14	Nós (com -mos)	20	68,97
15	A gente (sem -mos)	72	97,3
15	Nós (com -mos)	2	2,7
16	A gente (sem -mos)	12	13,19
16	Nós (sem -mos)	38	41,76
16	Nós (com -mos)	41	45,05
17	A gente (sem -mos)	8	40
17	Nós (sem -mos)	1	5
17	Nós (com -mos)	11	55
18	A gente (sem -mos)	6	54,55
18	Nós (com -mos)	5	45,45
19	A gente (sem -mos)	2	100
2	A gente (sem -mos)	27	87,1

INFORMANTE	VD	n	prop
2	Nós (sem -mos)	2	6,45
2	Nós (com -mos)	2	6,45
20	A gente (com -mos)	1	2,86
20	A gente (sem -mos)	30	85,71
20	Nós (com -mos)	4	11,43
21	A gente (sem -mos)	2	66,67
21	Nós (com -mos)	1	33,33
22	A gente (com -mos)	1	3,33
22	A gente (sem -mos)	23	76,67
22	Nós (sem -mos)	1	3,33
22	Nós (com -mos)	5	16,67
23	A gente (sem -mos)	19	54,29
23	Nós (sem -mos)	12	34,29
23	Nós (com -mos)	4	11,43
24	A gente (sem -mos)	13	100
25	A gente (sem -mos)	5	100
26	A gente (sem -mos)	64	81,01
26	Nós (sem -mos)	1	1,27
26	Nós (com -mos)	14	17,72
27	A gente (sem -mos)	6	100
28	A gente (com -mos)	2	1,77
28	A gente (sem -mos)	52	46,02
28	Nós (sem -mos)	3	2,65
28	Nós (com -mos)	56	49,56
29	A gente (sem -mos)	32	96,97
29	Nós (com -mos)	1	3,03
3	A gente (sem -mos)	12	100
30	A gente (sem -mos)	24	96

INFORMANTE	VD	n	prop
30	Nós (com -mos)	1	4
31	A gente (sem -mos)	45	86,54
31	Nós (sem -mos)	3	5,77
31	Nós (com -mos)	4	7,69
32	A gente (com -mos)	7	3,21
32	A gente (sem -mos)	188	86,24
32	Nós (com -mos)	23	10,55
33	A gente (sem -mos)	7	100
34	A gente (sem -mos)	5	35,71
34	Nós (com -mos)	9	64,29
35	A gente (com -mos)	1	2,27
35	A gente (sem -mos)	35	79,55
35	Nós (com -mos)	8	18,18
36	A gente (com -mos)	1	1,92
36	A gente (sem -mos)	45	86,54
36	Nós (sem -mos)	2	3,85
36	Nós (com -mos)	4	7,69
37	A gente (sem -mos)	19	42,22
37	Nós (sem -mos)	13	28,89
37	Nós (com -mos)	13	28,89
38	A gente (com -mos)	1	1,15
38	A gente (sem -mos)	59	67,82
38	Nós (sem -mos)	1	1,15
38	Nós (com -mos)	26	29,89
39	A gente (sem -mos)	56	94,92
39	Nós (com -mos)	3	5,08
4	A gente (com -mos)	10	8,26
4	A gente (sem -mos)	107	88,43

INFORMANTE	VD	n	prop
4	Nós (com -mos)	4	3,31
40	A gente (sem -mos)	20	95,24
40	Nós (sem -mos)	1	4,76
41	A gente (sem -mos)	32	100
42	A gente (sem -mos)	32	100
43	A gente (sem -mos)	18	94,74
43	Nós (com -mos)	1	5,26
44	A gente (sem -mos)	14	77,78
44	Nós (sem -mos)	1	5,56
44	Nós (com -mos)	3	16,67
45	A gente (sem -mos)	30	100
46	A gente (com -mos)	1	1,04
46	A gente (sem -mos)	74	77,08
46	Nós (sem -mos)	4	4,17
46	Nós (com -mos)	17	17,71
47	A gente (com -mos)	1	1,08
47	A gente (sem -mos)	92	98,92
48	A gente (sem -mos)	80	89,89
48	Nós (sem -mos)	1	1,12
48	Nós (com -mos)	8	8,99
49	A gente (sem -mos)	26	100
5	A gente (sem -mos)	56	75,68
5	Nós (sem -mos)	1	1,35
5	Nós (com -mos)	17	22,97
50	A gente (com -mos)	3	3,9
50	A gente (sem -mos)	51	66,23
50	Nós (sem -mos)	1	1,3
50	Nós (com -mos)	22	28,57

INFORMANTE	VD	n	prop
51	A gente (sem -mos)	3	9,38
51	Nós (com -mos)	29	90,62
52	A gente (sem -mos)	30	47,62
52	Nós (sem -mos)	1	1,59
52	Nós (com -mos)	32	50,79
53	A gente (sem -mos)	45	73,77
53	Nós (com -mos)	16	26,23
54	A gente (sem -mos)	38	53,52
54	Nós (sem -mos)	11	15,49
54	Nós (com -mos)	22	30,99
55	A gente (sem -mos)	40	93,02
55	Nós (com -mos)	3	6,98
56	A gente (com -mos)	7	10,77
56	A gente (sem -mos)	42	64,62
56	Nós (com -mos)	16	24,62
57	A gente (sem -mos)	9	36
57	Nós (com -mos)	16	64
58	A gente (com -mos)	2	2,22
58	A gente (sem -mos)	70	77,78
58	Nós (com -mos)	18	20
59	A gente (sem -mos)	48	64
59	Nós (com -mos)	27	36
6	A gente (sem -mos)	19	50
6	Nós (com -mos)	19	50
60	A gente (sem -mos)	27	96,43
60	Nós (com -mos)	1	3,57

ANEXO B – Quadro 2 – Divisão das variáveis sociais e detalhamento dos informantes do sexo masculino – NORPOFOR

SEXO	MASCULINO		
ESCOLARIDADE	0 a 4 anos	5 a 8 anos	9 a 11 anos
FAIXA ETÁRIA	22 (Homem, 25 anos, casado, escolaridade entre nenhum a 4 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza-CE, vigilante e residente no Monte Castelo.)	38 (Homem 16 anos solteiro escolaridade entre 5 a 8 anos natural de Fortaleza-CE pais naturais de Quixadá-CE auxiliar de soldador e residente na Granja Portugal)	20 (Homem, 18 anos, solteiro, escolaridade entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Fortaleza-CE e mãe natural de Maracanaú-CE, estudante e residente no Caça e Pesca.)
	23 (Homem, 21 anos, solteiro, escolaridade entre 0 a 4 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Quixadá-CE, serviços gerais e residente no bairro Vila Betânia.)	47 (Homem, 23 anos, solteiro, com escolaridade entre 5 a 8 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza-CE, pedreiro e residente no Pirambu.)	32 (Homem, 16 anos, solteiro, escolaridade entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza-CE, estudante e residente no bairro Aldeota.)
	36 (Homem, 15 anos, solteiro, escolaridade entre nenhum a 4 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza-CE, estudante e residente no Farias Brito.)	87 (Homem, solteiro, natural de Fortaleza, 16 anos)	56 (Homem, 15 anos, solteiro, escolaridade entre 9 a 11 anos, fortalezense, pais naturais de Fortaleza-CE, estudante e residente na Aldeota.)
	150 (Homem, 23 anos, casado, escolaridade entre 0 a 4 anos, fortalezense, pais naturais de Cascavel-CE, garçom e residente no José Walter.)	112 (Homem, 15 anos, solteiro, escolaridade entre 5 a 8 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Bela Cruz-CE e mãe natural de Fortaleza-CE, estudante e residente na Maraponga)	59 (Homem, 24 anos, solteiro, escolaridade entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Fortaleza-CE e mãe natural de Guaramiranga-CE, professor de reforço e residente no São Gerardo)
	161 (Homem, 21 anos, solteiro, escolaridade entre 0 a 4 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Quixadá-CE, serviços gerais e residente no bairro Vila Betânia.)		110 (Homem, 25 anos, solteiro, escolaridade entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de São Luís do Curu-CE e mãe natural de Itapajé-CE, vendedor e residente no Quintino Cunha.)

SEXO	MASCULINO		
ESCOLARIDADE	0 a 4 anos	5 a 8 anos	9 a 11 anos
FAIXA ETÁRIA	30 (Homem, 30 anos, casado, escolaridade entre nenhum a 4 anos, cearense, pais naturais de Santana do Acaraú-CE, porteiro e residente no Henrique Jorge)	21 (Homem, 31 anos, casado, escolaridade entre 5 a 8 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza-CE, vigilante (desempregado) e residente no Jardim Iracema.)	11 (Homem, 29 anos, solteiro, escolaridade entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Fortaleza-CE e mãe natural de Baturité- CE, mecânico e residente no bairro Vila Pery.)
	84 (Homem, 34 anos, casado, nenhum a 4 anos de escolaridade, natural de Fortaleza-CE, pai natural de São Luís do Curu-CE e mãe natural de Pentecoste-CE, estofador e residente no Conjunto Ceará)	29 (homem, 34 anos, fortalezense, filho de pais cearenses (Xorozinho), com escolaridade de a 5ª série do 1º grau, técnico em eletrônica e residente no bairro Vila Peri)	76 (Homem, 33 anos, solteiro, escolaridade entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Viçosa-CE, técnico em informática e residente no Presidente Kennedy.)
26 a 49 anos	103 (Homem, 34 anos, solteiro, nenhum a 4 anos de escolaridade, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Ipu-CE, zelador (serviços gerais) e residente em Messejana)	54 (Homem, 33 anos, solteiro, escolaridade entre 5 a 8 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Aquiraz-CE e mãe natural de Fortaleza-CE, mergulhador e residente na Beira-Mar.)	78 (Homem, 34 anos, solteiro, escolaridade entre 9 a 11 anos, fortalezense, pai natural de Santana do Acaraú-CE e mãe natural de Fortaleza-CE, segurança e residente no Cristo Redentor.)
	104 (Homem, 26 anos, casado, nenhum a 4 anos de escolaridade, cearense, pais naturais de Fortaleza-CE, pedreiro e residente no Rodolfo Teófilo.)	85 (Homem, 38 anos, casado, escolaridade entre 5 a 8 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Fortaleza-CE e mãe natural de Iguatu-CE, entregador de remédios e residente no Conjunto Ceará.)	81 (Homem, 32 anos, casado, escolaridade entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Aracoiaba-CE, vigilante e residente no Antônio Bezerra.)
		92 (Homem, 32 anos, solteiro, escolaridade entre 5 a 8 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza-CE, autônomo (montador de som) e residente no Farias Brito.)	89 (Homem, 33 anos, casado, escolaridade entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Itapipoca-CE e mãe natural de Redenção-CE, instalador (área de eletricidade) e residente no Conjunto Ceará.)

SEXO	MASCULINO		
ESCOLARIDADE	0 a 4 anos	5 a 8 anos	9 a 11 anos
FAIXA ETÁRIA	19 (Homem, 59 anos, casado, escolaridade entre nenhum a 4 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Cascavel-CE, vigilante e residente em Messejana.)	61 (Homem, 63 anos, casado, escolaridade entre 5 a 8 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Juazeiro-CE e mãe natural de Mulungu-CE, funcionário público (Secretaria da Fazenda do Estado) e residente na Cidade 2000.)	46 (homem, 58 anos, fortalezense, filho de pai fortalezense e mãe cearense (Quixeramobim), com escolaridade até o 2º grau, eletricitista e residente no bairro Conjunto Ceará.)
	26 (Homem, 73 anos, casado, escolaridade entre nenhum a 04 anos, cearense, pais naturais de São Gonçalo do Amarante-CE, aposentado e residente no Pirambu.)	65 (Homem, 53 anos, casado, escolaridade entre 5 a 8 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Acopiara-CE e mãe natural de Fortaleza-CE, motorista/mecânico e residente no Henrique Jorge.)	58 (Homem, 52 anos, casado, escolaridade entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza-CE, biscateiro e residente na Barra do Ceará.)
A partir dos 50 anos	45 (Homem, 63 anos, casado, escolaridade entre nenhum a 4 anos, cearense, pais naturais de Itapipoca-CE, porteiro de condomínio e residente no Jardim Guanabara.)	75 (Homem, 52 anos, casado, escolaridade entre 5 a 8 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Itapajé-CE e mãe natural de Crato-CE, casado, vigilante e residente no Conjunto Ceará.)	149 (Homem, 76 anos, casado, escolaridade entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza-CE, motorista e residente na Aerolândia.)
	95 (Homem, 75 anos, casado, nenhum a 4 anos de escolaridade, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Meruoca-CE e mãe natural de Fortaleza-CE, vigilante aposentado e residente na Aerolândia.)	91 (Homem, 62 anos, casado, escolaridade entre 5 a 8 anos, fortalezense, pais naturais de Fortaleza-CE, eletricitista aposentado e residente no Conjunto Ceará.)	158 (Homem, 58 anos, casado, escolaridade entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza-CE, motorista aposentado e residente na Parangaba.)
	113 (Homem, 50 anos, divorciado, nenhum a 4 anos de escolaridade, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza-CE, vendedor e residente no Dionísio Torres.)	138 (Homem, 5-8 anos, 68 anos, Pan Americano)	159 (Homem, 59 anos, casado, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza-CE, com escolaridade entre 9 a 11 anos, supervisor de operações e residente no São Gerardo.)
		148 (Homem, 57 anos, casado, escolaridade entre 5 a 8 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza-CE, corretor de modas e residente no Conjunto Ceará.)	

Fonte: NORPOFOR

ANEXO C – Quadro 3 – Divisão das variáveis sociais e detalhamento dos informantes do sexo feminino – NORPOFOR

SEXO	FEMININO		
ESCOLARIDADE	0 a 4 anos	5 a 8 anos	9 a 11 anos
FAIXA ETÁRIA	9 (Mulher, 21 anos, solteira, escolaridade entre nenhum a 4 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Maranguape-CE e mãe natural de Tamburi-CE, desempregada e residente no Santo Amaro.)	12 (Mulher, 23 anos, casada, escolaridade entre 5 a 8 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Pacajus-CE e mãe natural de Itarema-CE, autônoma e residente no Barroso.)	67 (Informante: Mulher, 19 anos, solteira, escolaridade entre 9 e 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza, desempregada e residente no Jóquei Clube.)
	18 (Mulher, 21 anos, solteira, escolaridade entre nenhum a 4 anos, estudante natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza-CE e residente no bairro Messejana.)	33 (Mulher, 23 anos, solteira, escolaridade entre 5 a 8 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Jaguaratama-CE, doméstica e residente na Cidade dos Funcionários.)	68 (Mulher, 17 anos, solteira, escolaridade entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Itapipoca-CE e mãe natural de Horizonte-CE, estudante e residente no Henrique Jorge.)
	70 (Mulher, 15 anos, solteira, escolaridade entre nenhum a 4 anos natural de Fortaleza-CE, pai natural de Fortaleza-CE e mãe natural de Aracoiaba-CE, desempregada e residente no São Cristóvão.)	44 (Mulher, 15 anos, solteira, escolaridade entre 5 a 8 anos, cearense, pai natural de Boa Viagem-Ce e mãe natural de Ibiapina-CE, estudante e residente no bairro Aerolândia.)	73 (Mulher, 22 anos, solteira, escolaridade entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Itapipoca-CE e mãe natural de Fortaleza-CE, secretária/atendente e residente no Henrique Jorge.)
	102 (Mulher, 25 anos, relação estável, escolaridade entre nenhum a 4 anos, natural de Fortaleza-Ce, pais naturais de Fortaleza-CE, diarista e residente na Barra do Ceará.)	79 (Mulher, 25 anos, casada, escolaridade entre 5 a 8 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Fortaleza-CE e mãe natural de Aurora-CE, dona de casa e residente no Cristo Redentor.)	82 (Mulher, 18 anos, solteira, escolaridades entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza-CE, estudante e residente no Farias Brito.)

SEXO	FEMININO		
ESCOLARIDADE	0 a 4 anos	5 a 8 anos	9 a 11 anos
FAIXA ETÁRIA	10 (Mulher, 34 anos, fortalezense, filha de pais cearenses (Capistrano), com escolaridade entre 0 a 4 anos, empregada doméstica e residente no bairro do Bom Jardim.)	16 (Mulher, 37 anos, casada, escolaridade entre 5 a 8 anos, cearense, pais naturais de Guaramiranga-CE, empregada doméstica e residente no Mondubim.)	34 (Mulher, 26 anos, solteira, escolaridade entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza-CE, empregada doméstica e residente no bairro do Bom Jardim.)
	17 (Mulher, 27 anos, solteira, escolaridade entre nenhum a 4 anos, cearense, pai natural de Maranguape-CE e mãe natural de Tamburi-CE, doméstica e residente no Santo Amaro.)	69 (Mulher, 34 anos, relação estável, escolaridade entre 5 a 8 anos, fortalezense, pais naturais de Fortaleza-CE, desempregada e residente no Carlito Pamplona.)	55 (Mulher, 27 anos, solteira, escolaridade entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Santana do Acaraú-CE e mãe natural de Fortaleza-CE, desempregada e residente no Cristo Redentor.)
	31\ (Mulher, 38 anos, casada, escolaridade entre 0 a 4 anos, fortalezense, pai natural de Aquiraz-CE e mãe natural de Santa Quitéria-CE, prendas do lar e residente no Castelão.)	88 (Mulher, 27 anos, casada, escolaridade entre 5 a 8 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Capistrano-CE e mãe natural de Fortaleza-CE, cabeleireira e residente no bairro Conjunto Ceará.)	63 (Mulher, 27 anos, solteira, escolaridade entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Santana do Acaraú-CE e mãe natural de Fortaleza-CE, desempregada e residente no Cristo Redentor.)
	86 (Mulher, 47 anos, casada, nenhum a 4 anos de escolaridade, natural de Fortaleza, pai natural de Caucaia-CE e mãe natural de Fortaleza-CE, dona de casa, e residente no Conjunto Ceará.)	90 (Mulher, 31 anos, solteira, escolaridade entre 5 a 8 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza, empregada doméstica e residente no Mondubim.)	83 (Mulher, 46 anos, viúva, escolaridade entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Fortaleza-CE e mãe natural de Maracanáu-CE, costureira e residente no Farias Brito.)
	115 (Mulher, 31 anos, casada, escolaridade entre nenhum a 4 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza-CE, prendas do lar e residente no bairro Vila Manoel Sátiro.)	130 (Mulher, 39 anos, relação estável, escolaridade entre 5 a 8 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Redenção-CE, comerciante e residente no Rodolfo Teófilo.)	105 (Mulher, 38 anos, solteira, escolaridade entre 9 a 11 anos, fortalezense, pai natural de Acarape (Redenção)-CE e mãe de Fortaleza-CE, secretária escolar e residente no Jardim América.)

SEXO	FEMININO		
ESCOLARIDADE	0 a 4 anos	5 a 8 anos	9 a 11 anos
FAIXA ETÁRIA Acima de 50 anos	6 (Mulher, 60 anos, casada, escolaridade entre nenhum a 4 anos, natural de Fortaleza-CE, pais cearenses (local sem especificação), dona de casa e residente no Cristo Redentor.)	39 (Mulher, 52 anos, casada, escolaridade entre 5 a 8 anos, cearense, pais naturais de Tianguá-CE, dona de casa e residente no Antônio Bezerra.)	62 (Mulher, 50 anos, solteira, escolaridade entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Fortaleza-CE e mãe natural de Guaiúba-CE, micro-empresária e residente na Cidade 2000)
	40 (Mulher, 55 anos, divorciada, escolaridade entre nenhum a 4 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Fortaleza-CE e mãe natural de Aquiraz-CE, dona de casa e residente no Antônio Bezerra.)	48 (Mulher, 60 anos, solteira, escolaridade entre 5 a 8 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza-CE, operadora de máquina e residente em Messejana.)	64 (Mulher, 51 anos, casada, escolaridade entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Quixadá-CE e mãe cearense (local sem especificação), dona de casa e residente na Cidade 2000.)
	57 (Mulher, 67 anos, viúva, escolaridade entre nenhum a 4 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza-CE, dona de casa e residente no Jôquei Clube.)	53 (Mulher, 57 anos, casada, escolaridade entre 5 a 8 anos, cearense, pais naturais de Meruoca-CE, doméstica e residente no Parque Santa Rosa.)	66 (Mulher, 53 anos, casada, Escolaridade entre 9 a 11 anos, natural de Fortaleza-CE, pai natural de Fortaleza-CE, artesã e residente no Demócrito Rocha.)
	126 (Mulher, 50 anos, casada, escolaridade entre 0 a 4 anos, fortalezense, pais naturais de Russas-CE, costureira e residente na Maraponga.)	128 (Mulher, 69 anos, casada, escolaridade entre 5 a 8 anos, natural de Fortaleza-CE, pais naturais de Fortaleza-CE, dona de casa e residente na Barra do Ceará.)	143 (Mulher, 53 anos, casada, escolaridade entre 9 a 11 anos, fortalezense, pai natural de Aurora-CE e mãe natural de Cedro-CE, decoradora e residente na Parangaba.)

Fonte: NORPOFOR